

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
NORTE DO TOCANTINS



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS (UFNT)
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA E LITERATURA
PPGLIT**

ÂNGELA MARIA SILVA

**TERMOS E EXPRESSÕES DA ODONTOLOGIA E SUAS
CONTRIBUIÇÕES PARA UMA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA
BILÍNGUE E INTERCULTURAL: UM ESTUDO
ETNOLINGÜÍSTICO COM OS POVOS APINAYÉ E KRAHÔ**

**Araguaína-TO
2025**



**CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA E LITERATURA
PPGLIT**

ÂNGELA MARIA SILVA

**TERMOS E EXPRESSÕES DA ODONTOLOGIA E SUAS
CONTRIBUIÇÕES PARA UMA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA
BILÍNGUE E INTERCULTURAL: UM ESTUDO
ETNOLINGÜÍSTICO COM OS POVOS APINAYÉ E KRAHÔ**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura PPGLIT da Universidade Federal do Norte do Tocantins UFNT como requisito final para obtenção do título de Doutora.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Edviges Albuquerque

Coorientadora: Profa. Dra. Severina Alves de Almeida Sissi

**Araguaína-TO
2025**

ÂNGELA MARIA SILVA

**TERMOS E EXPRESSÕES DA ODONTOLOGIA E SUAS
CONTRIBUIÇÕES PARA UMA EDUCAÇÃO ESCOLAR BILÍNGUE
E INTERCULTURAL INDÍGENA: UM ESTUDO
ETNOLINGUÍSTICO COM OS POVOS APINAYÉ E KRAHÔ**

**Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura
PPGLIT da Universidade Federal do Norte do Tocantins UFNT como requisito
parcial para obtenção do título de Doutora**

FOLHA DE APROVAÇÃO – BANCA AVALIADORA

Documento assinado digitalmente
 FRANCISCO EDVIGES ALBUQUERQUE
Data: 05/07/2025 14:42:34-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Francisco Edviges Albuquerque
Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT)
(Orientador-Presidente)

Documento assinado digitalmente
 SEVERINA ALVES DE ALMEIDA
Data: 07/07/2025 08:26:46-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Severina Alves de Almeida Sissi
Faculdade de Ciências do Tocantins (FACIT)
(Coorientadora)

Documento assinado digitalmente
 ROSINEIDE MAGALHÃES DE SOUSA
Data: 11/07/2025 14:30:28-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Rosineide Magalhães de Sousa
Universidade de Brasília (UnB)
(Membro Externo)

Enilde Faulstich

Prof. Dra. Enilde Leite de Jesus Faulstich
Universidade de Brasília (UnB)
(Membro Externo)

Documento assinado digitalmente
 KARYLLEILA DOS SANTOS ANDRADE KLINGER
Data: 09/07/2025 18:08:26-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Karylleila dos Santos Andrade Klinger
Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT)
(Membro Interno)

Documento assinado digitalmente
 RAIMUNDO NONATO DE PÁDUA CÂNCIO
Data: 15/07/2025 17:20:52-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Raimundo Nonato de Pádua Câncio
Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT)
(Membro Interno)

Documento assinado digitalmente
 ANGELA MARIA SILVA
Data: 15/07/2025 18:09:11-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Ângela Maria Silva
(Doutoranda)

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Geração de Ficha Catalográfica SGFC-UFNT
Gerado automaticamente mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S586t Silva, Ângela Maria.

TERMOS E EXPRESSÕES DA ODONTOLOGIA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA UMA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA BILÍNGUE E INTERCULTURAL: UM ESTUDO ETNOLINGUÍSTICO COM OS POVOS APINAYÉ E KRAHÔ / Ângela Maria Silva. - Centro de Ciências Integradas - CCI, TO, 2025. 241 f.

Tese (Doutorado) (Pós-Graduação - Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura - PPGLit) -- Universidade Federal do Norte do Tocantins, 2025.

Orientador: Francisco Edviges Albuquerque.

Coorientadora: Severina Alves de Almeida Sissi.

1. Educação Indígena Bilíngue e Intercultural. 2. Educação em Saúde Bucal. 3. Apinayé e Krahô.

EBD 410

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

RECONHECIMENTO

Da luta histórica dos povos originários na manutenção da língua, cultura e propriedade de suas terras.

Da dedicação dos programas educacionais e das Universidades que fazem a inclusão.

Do trabalho incansável e permanência de valores, programas e investimentos no viés da pesquisa e extensão na temática indianista da Universidade Federal do Tocantins UFNT.

Da dedicação do Professor Dr. Francisco Edviges Albuquerque, MESTRE E ORIENTADOR, pela dedicação de uma vida à pesquisa, ao ensino; por sua nobreza e permanente vigilância para com os povos originários brasileiros e sua grande produção literária que dá visibilidade aos povos indígenas do Tocantins.

Do acolhimento e condução na Co-orientação da Professora Dra. Severina Alves de Almeida SISSI, de sua motivação acadêmica que contagia todos nós, de sua obstinação pela pesquisa, produção e publicação na diversidade étnica brasileira.

AGRADECIMENTO

A Deus pelos dons da vida e pela capacidade em desenvolve-los.

À minha família pela compreensão do tempo ausente, pela motivação em continuar os estudos, pelo incentivo e pelo amor fraterno e incondicional.

Ao Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura PPGLIT da Universidade Federal do Tocantins UFNT, pela oportunidade do ingressar no Doutorado pela tenacidade no investimento em estrutura física, corpo docente, sistemas, biblioteca, administrativo e outros departamentos para oportunizar meus estudos.

Ao Professor Dr. Francisco Edviges Albuquerque, pela orientação segura, pela contagiante humildade em acreditar em nosso trabalho de pesquisa e acompanhamento de todas as etapas de produção da Tese, pelo incentivo quando o cansaço parecia vencedor, pelo cuidado incondicional, por tudo, meu eterno AGRADECIMENTO.

A minha Co-orientadora Professora Dra. Severina Alves de Almeida SISSI, pela delicadeza em ensinar e alinhar no tempo certo cada pensamento e fechamento de textos na produção dessa Tese.

Ao professor Júlio Kamêr Ribeiro Apinajé pelo apoio a revisão final do Glossário e Manual de Saúde Bucal.

Aos povos Krahô e Apinayé pela acolhida, interesse na pesquisa e participação de cada processo na construção de pensamentos e entendimento na prática realizada em seus territórios.

À Banca Avaliadora, Profa. Dra. Rosineide Magalhães de Sousa; Prof. Dra. Dra. Enilde Leite de Jesus Faulstich; Profa. Dra. Karylleila dos Santos Andrade Klinger; Prof. Dr. Raimundo Nonato de Pádua Cândia, pela gentileza e disponibilidade em aceitar ler e contribuir com a Tese, a qual só foi possível finalizar devido às contribuições apresentadas. MUITÍSSIMO obrigada!!!!

DEDICATÓRIA

Aos meus orientadores Prof. Dr. Francisco Edviges Albuquerque e Profa. Dra. Severina Alves de Almeida Sissi, pelo trabalho incansável na valorização e preservação dos povos originários brasileiros.

LISTA DE EXCERTOS

Excerto 1: Descrição da Escola Mâtyk.....	40
Excerto 2: Descrição da Escola Tekator.....	44
Excerto 3: Dados Escola 19 de Abril.....	50
Excerto 04: FUNAI descumpre decisão judicial sobre suspensão da IN 09 e MPF pede pagamento de multa de R\$ 100 mil/dia.....	78
Excerto 05: 1ª Oficina de Artesanato e Saberes Tradicionais do Povo Apinayé (2012).....	85
Excerto 06. Desmatamentos e Carvoarias afetam Área Indígena Apinayé (2013).....	87
Excerto 07. As mulheres indígenas Apinayé, junto com lideranças de 33 aldeias, debateram o direito originário e as ameaças sofridas (2019).....	89
Excerto 08. Protagonismo Político.....	90
Excerto 09: Exemplos de vogais orais Apinayé.....	112
Excerto 10: Exemplos de vogais nasais em Apinayé.....	113
Excerto 11: Exemplos de vogais orais Krahô.....	164
Excerto 12: Exemplos de vogais nasais Krahô.....	165

LISTA DE TABELAS

Tabela 01. Cronologia da involução/evolução das aldeias Apinayé.....	81
Tabela 02. Aldeias Apinayé.....	82

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Sequência didática e metodológica da pesquisa.....	27
--	----

LISTA DE FIGURAS

Fig. 01. Pàrkapê: Ritual Sagrado do Povo Apinayé: homens prontos para corrida com toras grandes.....	35
Fig. 02. Escola Mătyk da Aldeia São José.....	40
Fig. 03. Professor em atividade.....	42
Fig. 04. Gislene Apinagé em atividade.....	42
Fig. 05. Criança em atividade na escola Mătyk.....	42
Fig. 06. Professor Cassiano e a pesquisadora.....	42
Fig. 07. Atividade lúdica 01 escola Mătyk.....	43
Fig. 08. Atividade lúdica 02 escola Mătyk.....	43
Fig. 09. Classe entusiasmada com as atividades lúdicas.....	44
Fig. 10. Fachada da Escola Tekator.....	44
Fig. 11. Professores em atividade na sala de aula.....	46
Fig. 12. Professores participantes da pesquisa na Escola Tekator, Gislene Apinagé e a autora da pesquisa.....	47
Fig. 13. Criança em atividade na sala de aula.....	47
Fig. 14. Atividade lúdica 01 escola Tekator.....	48
Fig. 15. Atividade lúdica 02 escola Tekator.....	48
Fig. 16. Criança em atividade na sala de aula escola Tekator.....	48
Fig. 17. Fachada da Escola Indígena 19 de Abril.....	49
Fig. 18. Crianças em atividade na sala de aula e a pesquisadora. Escola 19 de Abril.....	50
Fig. 19. Atividade lúdica na escola 19 de Abril.....	51
Fig. 20. Crianças em atividade fora da sala de aula e a pesquisadora. Aldeia Manoel Alves Pequeno.....	52
Fig. 21. Interação da pesquisadora com outros pesquisadores durante atividade cultural na aldeia Krahô Manoel Alves Pequeno.....	52
Fig. 22. Mosaico dos Povos Indígenas de Brasil.....	58
Fig. 23. Indígenas do Brasil atual (2024).....	60
Fig. 24. Indígenas do Tocantins em sua diversidade.....	62
Fig. 25. Indígenas Krahô em atividade festiva.....	64

Fig. 26. Kraolândia.....	65
Fig. 27. Disposições das aldeias Krahô.....	65
Fig. 28. Corrida de tora para homens Krahô.....	67
Fig. 29. A Kraolândia em imagem via satélite.....	68
Fig. 30. Ponto para telefonemas e sinal de Internet entre os Krahô.....	70
Fig. 31. Debate no Wýtý.....	71
Fig. 32. Localização.....	77
Fig. 33. Território indígena Apinayé.....	79
Fig. 34. Professor, mulher e criança Apinayé, fazendo esteira.....	85
Fig. 35. Estudante e Ancião Apinajé, tecendo cestaria com palha de buriti.....	86
Fig. 36. Homens indígenas Apinayé participam da oficina cultural.....	86
Fig. 37. Mulheres indígenas Apinayé participam da oficina cultural.....	87
Fig. 38. Aspecto assustador das Carvoarias próximo às aldeias.....	88
Fig. 39. Projeto afetou as aldeias Buriti Cumprido e Cocalinho.....	88
Fig. 40. Cascalheira próximo a área indígena Apinayé.....	89
Fig. 41. Encontro das Mulheres do Povo Apinayé: “Nós somos a terra, e devemos cuidar dela”.....	89
Fig. 42. Rituais e danças do povo Apinayé não faltaram durante o encontro.....	90
Fig. 43. Painel solar instalado no território Apinayé.....	91
Fig. 44. Plenária da XII Assembleia Pempxà.....	93
Fig. 45. Povos do Cerrado no Intercambio na Aldeia Cocalinho.....	95
Fig. 46. Crianças indígenas Apinayé alunos da Escola Intercultural e Bilíngue Mătyk.....	98
Fig. 47. Glossário Português-Apinayé.....	120
Fig. 48. Glossário Português-Apinayé, p. 4.....	121
Fig. 49. Glossário Português-Apinayé, p. 5.....	122
Fig. 50. Glossário Português-Apinayé, p. 6.....	123
Fig. 51. Glossário Português-Apinayé, p. 7.....	124
Fig. 52. Glossário Português-Apinayé, p. 8.....	125

Fig.53. Glossário Português-Apinayé, p. 9.....	126
Fig.54. Glossário Português-Apinayé, p. 10.....	127
Fig.55. Glossário Português-Apinayé, p. 11.....	128
Fig. 56. Glossário Português-Apinayé, p. 12.....	129
Fig.57. Glossário Português-Apinayé, p. 13.....	130
Fig.58. Glossário Português-Apinayé, p. 14.....	131
Fig. 59. Glossário Português-Apinayé, p. 15.....	132
Fig. 60. Glossário Português-Apinayé, p. 16.....	133
Fig. 61. Glossário Português-Apinayé, p. 17.....	134
Fig. 62. Glossário Português-Apinayé, p. 18.....	135
Fig. 63. Glossário Português-Apinayé, p. 19.....	136
Fig. 64. Glossário Português-Apinayé, p. 20.....	137
Fig. 65. Glossário Português-Apinayé, p. 21.....	138
Fig. 66. Glossário Português-Apinayé, p. 22.....	139
Fig. 67. Glossário Português-Apinayé, p. 23.....	140
Fig. 68. Glossário Português-Apinayé, p. 24.....	141
Fig. 69. Glossário Português-Apinayé, p. 25.....	142
Fig. 70. Glossário Português-Apinayé, p. 26.....	143
Fig. 71. Glossário Português-Apinayé, p. 27.....	144
Fig. 72. Glossário Português-Apinayé, p. 28.....	145
Fig. 73. Glossário Português-Apinayé, p. 29.....	146
Fig. 74. Glossário Português-Apinayé, p. 30.....	147
Fig. 75. Glossário Português-Apinayé, p. 31.....	148
Fig. 76. Glossário Português-Apinayé, p. 32.....	149
Fig. 77. Glossário Português-Apinayé, p. 33.....	150
Fig. 78. Glossário Português-Apinayé, p. 34.....	151
Fig. 79. Glossário Português-Apinayé, p. 35.....	152

Fig. 80. Glossário Português-Apinayé, p. 36.....	153
Fig. 81. Glossário Português-Apinayé, p. 37.....	154
Fig. 82. Glossário Português-Apinayé, p. 38.....	155
Fig. 83. Glossário Português-Apinayé, p. 39.....	156
Fig. 84. Glossário Português-Apinayé, p. 40.....	157
Fig. 85. Glossário Português-Apinayé, p. 41.....	158
Fig. 86. Glossário Português-Apinayé, p. 42.....	159
Fig. 87. Glossário Português-Apinayé, p. 43.....	160
Fig. 88. Glossário Português-Apinayé, p. 44.....	161
Fig. 89. Glossário Português-Apinayé, p. 46.....	162
Fig. 90. Glossário Português-Apinayé, p. 46.....	163
Fig. 91. Glossário Ilustrado Bilíngue Português-Krahô.....	167
Fig. 92. O Glossário Português-Krahô, p. 7.....	168
Fig. 93. O Glossário Português-Krahô, p. 8.....	169
Fig. 94. O Glossário Português-Krahô, p. 9.....	170
Fig. 95. O Glossário Português-Krahô, p. 10.....	171
Fig. 96. O Glossário Português-Krahô, p. 11.....	172
Fig. 97. O Glossário Português-Krahô, p. 12.....	173
Fig. 98. O Glossário Português-Krahô, p. 13.....	174
Fig. 99. O Glossário Português-Krahô, p. 14.....	175
Fig. 100. O Glossário Português-Krahô, p. 15.....	176
Fig. 101. O Glossário Português-Krahô, p. 16.....	177
Fig. 102. O Glossário Português-Krahô, p. 17.....	178
Fig. 103. O Glossário Português-Krahô, p. 18.....	179
Fig. 104. O Glossário Português-Krahô, p. 19.....	180
Fig. 105. O Glossário Português-Krahô, p. 20.....	181
Fig. 106. O Glossário Português-Krahô, p. 21.....	182
Fig. 107. O Glossário Português-Krahô, p. 22.....	183

Fig. 108. O Glossário Português-Krahô, p. 23.....	184
Fig. 109. O Glossário Português-Krahô, p. 24.....	185
Fig. 110. O Glossário Português-Krahô, p. 25.....	186
Fig. 111. O Glossário Português-Krahô, p. 26.....	187
Fig. 112. O Glossário Português-Krahô, p. 27.....	188
Fig. 113. O Glossário Português-Krahô, p. 28.....	189
Fig. 114. O Glossário Português-Krahô, p. 29.....	190
Fig. 115. O Glossário Português-Krahô, p. 30.....	191
Fig. 116. O Glossário Português-Krahô, p. 31.....	192
Fig. 117. O Glossário Português-Krahô, p. 32.....	193
Fig. 118. O Glossário Português-Krahô, p. 33.....	194
Fig. 119. O Glossário Português-Krahô, p. 34.....	195
Fig. 120. O Glossário Português-Krahô, p. 35.....	196
Fig. 121. O Glossário Português-Krahô, p. 36.....	197
Fig. 122. O Glossário Português-Krahô, p. 37.....	198
Fig. 123. O Glossário Português-Krahô, p. 38.....	199
Fig. 124. O Glossário Português-Krahô, p. 39.....	200
Fig. 125. O Glossário Português-Krahô, p. 40.....	201
Fig. 126. O Glossário Português-Krahô, p. 41.....	202
Fig. 127. O Glossário Português-Krahô, p. 42.....	203
Fig. 128. O Glossário Português-Krahô, p. 43.....	204
Fig. 129. O Glossário Português-Krahô, p. 44.....	205
Fig. 130. O Glossário Português-Krahô, p. 45.....	206
Figs. 131. O Glossário Português-Krahô, p. 46.....	207
Figs. 132. O Glossário Português-Krahô, p. 47.....	208
Figs. 133. O Glossário Português-Krahô, p. 48.....	209
Fig. 134-135.	211

Fig. 136. Boca de Criança e Adulto.....	212
Figs. 137-138-139-140. Escovando os Dentes.....	213
Fig. 141-142. Usando Fio Dental.....	214
Fig. 143. Modelo de escova dental ideal.....	215
Fig. 144. Escova de dentes desgastada que não pode usar.....	215
Fig.145. Quantidade de creme dental indicada para adultos.....	217
Figura 146. Escovação dos dentes de cima.....	217
Fig. 147. Uso correto do fio dental.....	217
Fig. 148: Benefícios da escovação - Conservação dos dentes.....	217
Fig. 149: Evita dores de dente.....	217
Fig. 150. Combate o mau hálito.....	218
Fig. 151. Ampô ca krê.....	225

LISTA DE SIGLAS

UFNT - Universidade Federal do Norte do Tocantins.
FACIT – Faculdade de Ciências do Tocantins.
UFT - Universidade Federal do Tocantins.
LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação.
INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.
EJA – Educação de Jovens e Adultos.
IBGE - O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
LALI – Laboratório de Línguas Indígenas.
NEPPI – Núcleo de Estudos e Pesquisa com Povos Indígenas.
SIGEF - Sistema de Gestão Fundiária.
MPF - Ministério Público Federal.
IN - Instrução Normativa.
FUNAI - Fundação Nacional dos Povos Indígenas.
MEC – Ministério da Educação e Cultura.
CTL – Coordenação Técnica Local.
DRE – Diretoria Regional de Educação.
CTI-Centro de Trabalho Indigenista.
CIMI-Conselho Indigenista Missionário.
CIPRA-Companhia de Polícia Militar Rodoviária Ambiental.
IBAMA - Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis.
MIF - O Manejo Integrado do Fogo.
ONU - Organização das Nações Unidas.
STF - Supremo Tribunal Federal.
PEC - Prontuário Eletrônico do Cidadão.
CEP - Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos.
TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.
MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.
APA-TO - Articulação para Pequena Agricultura do Tocantins.
LALI - Laboratório de Línguas Indígenas.
OMS - Organização Mundial da Saúde.
SISABI - Saneamento Básico para Populações Indígenas.
CPOD - Dentes Cariados, Perdidos e Obturados.

RESUMO

Inserida no contexto de duas sociedades indígenas brasileiras, apresentamos a Tese **“Termos e Expressões da Odontologia e Suas Contribuições para uma Educação Escolar Bilíngue e Intercultural Indígena: Um Estudo Etnolinguístico com os Povos Apinayé e Krahô”**, povos originários que habitam no norte do estado do Tocantins, falantes de línguas homônimas vinculadas ao Tronco Linguístico Macro Jê, Família Linguística Jê. A população dos Apinayé é de aproximadamente 3.200 indígenas distribuídos por 56 aldeias, e a dos Krahô 3.900 habitando 55 aldeias (DSEI, 2025). A pesquisa se realizou nas aldeias São José e Mariazinha (Apinayé) e Manoel Alves Pequeno (Krahô). O objetivo geral foi confirmar que termos e expressões da odontologia contribuem para uma Educação Escolar Indígena Bilíngue e Intercultural. A pesquisa se configura como qualitativa, mas com teor quantitativa (Günther, 2006; Vasconcelos, 2009). Quanto ao método, é uma etnografia participante a partir das teorias Erickson (1984), mas se efetivou na perspectiva da pesquisa etnográfica (Bortoni-Ricardo, 2014). A geração dos dados deu-se a partir de nossa inserção nas escolas das aldeias em tela, e seus estudantes do Ensino Fundamental, fazendo uso de um vasto material impresso que foi utilizado em forma de oficinas pedagógicas, com o auxílio dos professores. A pesquisa se situa no âmbito da etnolinguística e os procedimentos e técnicas para discussão e análise dos dados partem de uma abordagem etnossociolinguística e seu arcabouço epistemológico. Os resultados permitiram alcançar nossos objetivos, e confirmar a assertiva de que os **“Termos e Expressões da Odontologia Contribuem para que as Escolas Indígenas Mãtyk e Tekator das aldeias Apinayé São José e Mariazinha, e 19 de Abril da aldeia Manoel Alves dos Krahô, contribuem para uma efetiva Educação em Saúde e para a emergência de uma Educação Bilíngue e Intercultural, valorizando a cultura, a língua e os conhecimentos indígenas adquiridos secularmente, como patrimônio herdado de seus ancestrais”**.

Palavras-chave: Termos e Expressões da Odontológica. Educação Escolar Indígena Bilíngue e Intercultural. Etnolinguística. Educação em Saúde. Apinayé e Krahô.

ABSTRACT

Inserted in the context of two Brazilian indigenous societies, we present the Thesis **“Terms and Expressions of Dentistry and Their Contributions to an Indigenous Bilingual and Intercultural School Education: An Ethnolinguistic Study with the Apinayé and Krahô Peoples”**, native peoples who inhabit the north of the state of Tocantins, speakers of homonymous languages linked to the Macro Jê Linguistic Trunk, Jê Linguistic Family. The Apinayé population is approximately 3,200 indigenous people distributed in 56 villages, and the Krahô population is 3,900 inhabiting 55 villages (DSEI, 2023). The research was carried out in the villages of São José and Mariazinha (Apinayé) and Manoel Alves Pequeno (Krahô). The general objective was to confirm that terms and expressions of dentistry contribute to an Indigenous Bilingual and Intercultural School Education. The research is configured as qualitative, but with a quantitative content (Günther, 2006; Vasconcelos, 2009). Regarding the method, it is a participatory ethnography based on Erickson's theories (1984), but it was carried out from the perspective of ethnographic research (Bortoni-Ricardo, 2014). The data generation occurred from our insertion in the schools of the villages in question, and their elementary school students, making use of a vast printed material that was used in the form of pedagogical workshops, with the help of the teachers. The research is situated within the scope of ethnolinguistics and the procedures and techniques for discussion and analysis of the data are based on an ethnosociolinguistic approach and its epistemological framework. The results allowed us to achieve our objectives and confirm the assertion that the “Terms and Expressions of Dentistry Contribute to the Mãtyk and Tekator Indigenous Schools of the Apinayé São José and Mariazinha villages, and 19 de Abril of the Manoel Alves dos Krahô village, contributing to effective Health Education and to the emergence of Bilingual and Intercultural Education, valuing the culture, language and indigenous knowledge acquired over centuries, as a heritage inherited from their ancestors”.

Keywords: Terms and Expressions in Dentistry. Bilingual and Intercultural Indigenous School Education. Ethnolinguistics. Health Education. Apinayé and Krahô.

RESUMEN

Insertada en el contexto de dos sociedades indígenas brasileñas, presentamos la Tesis **“Términos y Expresiones de la Odontología y sus Contribuciones a una Educación Escolar Indígena Bilingüe e Intercultural: Un Estudio Etnolingüístico con los Pueblos Apinayé y Krahô”**, pueblos originarios que habitan el norte del estado de Tocantins, hablantes de lenguas homónimas vinculadas al Macro Tronco Lingüístico Jê, Familia Lingüística Jê. La población Apinayé es de aproximadamente 3.200 indígenas distribuidos en 56 aldeas, y la población Krahô es de 3.900 que habitan en 55 aldeas (DSEI, 2023). La investigación se llevó a cabo en las aldeas de São José y Mariazinha (Apinayé) y Manoel Alves Pequeno (Krahô). El objetivo general fue confirmar que los términos y expresiones de la odontología contribuyen a una Educación Escolar Indígena Bilingüe e Intercultural. La investigación se configura como cualitativa, pero con un contenido cuantitativo (Günther, 2006; Vasconcelos, 2009). En cuanto al método, se trata de una etnografía participativa basada en las teorías de Erickson (1984), pero se llevó a cabo desde la perspectiva de la investigación etnográfica (Bortoni-Ricardo, 2014). La generación de datos se produjo a partir de nuestra inserción en las escuelas de las aldeas en cuestión y sus estudiantes de primaria, haciendo uso de un amplio material impreso que se utilizó en forma de talleres pedagógicos, con la ayuda del profesorado. La investigación se sitúa en el ámbito de la etnolingüística y los procedimientos y técnicas para la discusión y el análisis de los datos se basan en un enfoque etnosociolingüístico y su marco epistemológico. Los resultados nos permitieron alcanzar nuestros objetivos y confirmar la afirmación de que los “Términos y Expresiones de la Odontología Contribuyen a las Escuelas Indígenas Mãtyk y Tekator de las aldeas Apinayé São José y Mariazinha, y 19 de Abril de la aldea Manoel Alves dos Krahô, contribuyendo a la Educación en Salud efectiva y al surgimiento de la Educación Bilingüe e Intercultural, valorando la cultura, la lengua y el conocimiento indígena adquiridos a lo largo de siglos, como patrimonio heredado de sus antepasados”.

Palabras clave: Términos y expresiones en Odontología. Educación Escolar Indígena Bilingüe e Intercultural. Etnolingüística. Educación para la salud. Apinayé y Krahô.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	23
CAPÍTULO I: FUNDAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA PESQUISA E SEUS PROCEDIMENTOS: CAMINHOS ETNOGRÁFICOS PERCORRIDOS...27	
1. FUNDAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS.....	27
1.1. A Pesquisa: objetivos - perguntas – asserções.....	27
1.2. Contexto da pesquisa.....	28
1.3. Método metodologia e procedimentos metodológicos.....	29
1.3.1. Método Científico e Pesquisa Científica.....	29
1.3.2. Metodologia.....	30
1.3.2.1. Pesquisa qualitativa.....	30
1.3.2.2. Pesquisas Exploratória e Descritiva.....	31
1.3.2.3. Etnografia: Nós “e” os “Nossos Outros”.....	32
1.3.2.4. Pesquisa etnográfica ou “na perspectiva etnográfica”?.....	32
1.4. Pesquisa na perspectiva etnolinguística.....	33
1.5. Etnossociolinguística: o ético, o êmico e seus entrelaçamentos.....	35
1.6. Procedimentos e técnicas para geração, descrição, discussão e análise dos dados.....	37
1.7. A pesquisa nas aldeias Apinayé São José, Mariazinha e Manoel Alves Pequeno, Escolas Mătyk, Tekator e 19 de Abril.....	39
1.7.1. Escola Estadual Indígena Mătyk.....	40
1.7.2. A pesquisa na Escola Tekator.....	44
1.7.3. Participantes da Pesquisa e Geração dos Dados.....	46
1.7.4. A pesquisa na Escola 19 de Abril da aldeia Manoel Alves Pequeno.....	49
CAPITULO II: O BRASIL E O TOCANTINS INDÍGENA SOB A PERSPECTIVA ETNOLÓGICA.....	54
2. ETNOLOGIA INDÍGENA BRASILEIRA.....	54

2.1. O Brasil Colonial e a Questão Indígena.....	56
2.2. Os Indígenas do Brasil Hoje: Quem São, Onde Estão, Quantos São?.....	57
2.3. Para Onde Caminham os Indígenas do Brasil?.....	59
2.4. Os Indígenas do Tocantins.....	61
2.4.1. População Indígena do Tocantins.....	61
2.5. Os Krahô: Final do século XX e primeiras décadas do Século XXI.....	63
2.5.1. Localização e Aldeias.....	64
2.5.2. Aldeia digital: o protagonismo Krahô.....	67
2.5.2.1. Mapeando as redes digitais krahô.....	67
2.5.2.2. As aldeias digitais Krahô como espaços de debate.....	69
2.6. Por uma Etnologia dos Apinayé.....	72
2.6.1. Os Apinayé de Nimuendajú e DaMatta.....	73
2.6.2. Território e Aldeias.....	75
2.6.3. Organização Social e Aldeias.....	80
2.6.4. Situação Atual.....	84
2.6.5. Uma cultura tradicional que resiste.....	85
2.6.6. Consciência ambiental dos Apinayé.....	88
2.6.7. Políticas públicas e qualidade de vida para os Apinayé.....	92
2.6.7.1. Comunidades indígenas Apinayé beneficiadas com energia solar do Programa Luz para Todos-Amazônia Legal.....	92
2.6.7.2. XII Assembleia Pempxà: mobilização e protagonismo político.....	93
2.6.8. Segurança Ambiental e Mudanças Climáticas.....	95
CAPÍTULO III: AS LÍNGUAS INDÍGENAS APINAYÉ E KRAHÔ, OS TERMOS E EXPRESSÕES DA ODONTOLOGIA E A EDUCAÇÃO BILÍNGUE E INTERCULTURAL.....	97
3.1. A Educação (Bilíngue e Intercultural) nas Escolas Mãtyk e Tekator.....	98

3.2. A Educação (Bílingue e Intercultural) na Escola 19 de Abril.....	99
3.3. Ecossistemas Linguísticos Apinayé e Krahô: Por uma Ecologia da Língua.....	100
3.3.1. Ecossistema Linguístico Apinayé.....	102
3.3.2. Ecossistema Linguístico Krahô.....	103
3.4. Etnografia da Língua e Etnossociolinguística.....	106
3.5. Lexicologia e terminologia: a teorização do glossário como material pedagógico.....	108
3.5.1. Terminologia.....	110
CAPÍTULO IV: TERMOS E EXPRESSÕES DA ODONTOLOGIA.....	111
4. PRODUTO DA TESE I: GLOSSÁRIO ILUSTRADO BILÍNGUE PORTUGUÊS/APINAYÉ – PORTUGUÊS/KRAHÔ.....	112
4.1. Língua Apinayé: uma introdução.....	112
4.1.1. Classificação dos fonemas Apinayé.....	113
4.1.1.1. Vogais Apinayé.....	113
4.1.1.2. Semivogais.....	114
4.1.1.3. Consoantes Apinayé.....	114
4.2. Tradução de termos e expressões da odontologia para as línguas indígenas.....	115
4.3. Saúde bucal e índices de CPOD (Dentes Cariados, Perdidos e Obturados) entre os Indígenas Brasileiros.....	116
4.4. CPOD (Dentes Cariados, Perdidos e Obturados).....	118
4.5. O Glossário Ilustrado Bílingue Português-Apinayé.....	121
4.6. Língua Indígena Krahô: Uma Introdução.....	165
4.6.1. Descrição das Vogais Krahô.....	166
4.6.2. Descrição das Consoantes Krahô.....	166
4.6.3. A Estrutura das Palavras em Krahô	167
4.7. O Glossário Bílingue Português-Krahô.....	167

4.8. Manual de Saúde Bucal Ilustrado Bilíngue Português-Apinayé: <i>Apinaje Kamã Mẽ Wa Hã Kagà</i>.....	213
4.9. Manual de Saúde Bucal Ilustrado Bilíngue Português-Krahô: <i>Ca Mẽ Axwa Tô Ihtetet</i>.....	216
CAPÍTULO V: TERMOS E EXPRESSÕES DA ODONTOLOGIA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA UMA EDUCAÇÃO ESCOLAR BILÍNGUE E INTERCULTURAL INDÍGENA: A TESE.....	221
5. TERMOS E EXPRESSÕES DA ODONTOLOGIA, A EDUCAÇÃO BILÍNGUE INTERCULTURAL INDÍGENA E A SAÚDE BUCAL.....	222
5.1. Termos e expressões da odontologia.....	223
5.2. Saúde Bucal e Educação: Por que os estudantes precisam de um bom hábito oral?.....	224
5.3. As “Contribuições dos Termos e das Expressões da Odontologia para uma Educação Bilíngue e Intercultural Indígena Apinayé e Krahô”.....	224
CONCLUSÃO.....	229
REFERÊNCIAS.....	231
ANEXO 1.....	240

EPÍGRAFES

Pois o Senhor é quem dá sabedoria; de sua boca procedem o conhecimento e o discernimento. Ele reserva a verdadeira sabedoria para os retos; escudo é para os que caminham na integridade, para que guardem as veredas do juízo; e Ele o caminho dos seus santos conservará.

Provérbios, 2:6,7,8.

Dos medos nascem as coragens. Os sonhos anunciam outra realidade possível, e os delírios, outra razão. Somos, enfim, o que fazemos para transformar o que somos. A identidade não é uma peça de museu, quietinha na vitrine, mas sempre assombrosa síntese das contradições nossas de cada dia. Nessa fé, fugitiva, eu creio.

Eduardo Galeano

Fracassei em tudo o que tentei na vida. Tentei alfabetizar as crianças brasileiras, não consegui. Tentei salvar os índios, não consegui. Tentei fazer uma universidade séria e fracassei. Tentei fazer o Brasil desenvolver-se autonomamente e fracassei. Mas os fracassos são minhas vitórias. Eu detestaria estar no lugar de quem me venceu.

Darcy Ribeiro

Só posso constatar que o mundo contemporâneo perdeu a fé em seus próprios valores. Mas todos sabemos que, no final das contas, nenhuma civilização pode se desenvolver se não possui valores aos quais se agarre profundamente.

Claude Lévi-Strauss

A pessoa que pouco sabe, pensa que tudo o que sabe é importante e, por isso, quer contá-lo a todos. A pessoa que sabe muito, sabe que ainda há muito mais a saber, por isso só fala quando é necessário e, quando nada lhe é perguntado, permanece em silêncio.

Jean-Jacques Rousseau

INTRODUÇÃO

Apresentamos a Tese **“Termos e Expressões da Odontologia e Suas Contribuições Para Uma Educação Escolar Indígena Bilíngue e Intercultural: Um Estudo Etnolinguístico com os Povos Apinayé e Krahô”**, resultado de uma pesquisa realizada nas aldeias Apinayé São José e Mariazinha, e Krahô Manoel Alves Pequeno e suas respectivas escolas. Como problemática respondemos à seguinte pergunta: como os termos e expressões da odontologia podem contribuir para uma educação escolar indígena bilíngue e intercultural? Nesse sentido, foi possível elencar o seguinte objetivo geral: Confirmar que a linguagem tecnocientífica usual na odontologia contribui para uma educação escolar indígena bilíngue e intercultural. O intuito da pesquisa foi, também, colaborar com uma “Educação em Saúde Bucal”, lacuna existente nas escolas das aldeias indígenas pesquisadas, afetando crianças, jovens e adultos que se ressentem, pois não têm uma orientação efetiva, e não sabem que a escola pode intervir melhorando essa situação que envolve ausência de qualidade de vida e falta de autoestima, principalmente entre os jovens. Ademais, trabalhos nessa área são escassos ou inexistentes, o que contribui para que um problema que já é grande se amplie exponencialmente.

Em nossa jornada diária, não somente na cidade de Araguaína, mas nas andanças de seu entorno, somos acossados em nosso empírico cotidiano imediato a conviver com indígenas que nos afetam de vários modos. Naquilo que diz respeito ao exercício de nossa profissão – Educação e Odontologia – a problemática se expande, mas percebemos que podemos intervir para que possa melhorar a qualidade de vida dessas pessoas, contribuindo para uma vida de qualidade.

Ademais existem índices alarmantes quando se trata dos índices de CPOD (Cárie, Perdido e Obturado), indicadores importantes que avaliam a saúde bucal de populações, refletindo a prevalência de cáries dentárias e o acesso ao tratamento odontológico. No Brasil, os povos indígenas apresentam índices preocupantes, que revelam desigualdades significativas no acesso a serviços de saúde e na manutenção da saúde bucal.

Para enfrentar a problemática descrita, apresentamos nossa proposta de trabalho nas aldeias indígenas Apinayé de São José e Mariazinha, município de Tocantinópolis e Krahô Manoel Alves Pequeno, município de Itacajá, estado do Tocantins. A Pesquisa aborda a Educação Escolar Indígena Bilíngue e Intercultural e a Educação em Saúde Bucal, tendo como aporte a seguinte frente teórica: Termos e expressões da odontologia; Educação Escolar Indígena Bilíngue e Intercultural; Educação em Saúde Bucal; Indígenas Apinayé e

Krahô; Etnolinguística; Etnossociolinguística; Lexicologia; Terminologia; Línguas indígenas Apinayé e Krahô; Glossário Bilíngue e Intercultural.

As contribuições para uma Educação Indígena Bilíngue e Intercultural se efetiva a partir da realização de um glossário Ilustrado Bilíngue em Apinayé-Português e Krahô-Português de Termos e Expressões da Odontologia, como produto da Tese. Contribuímos, também, com educação em saúde a partir da publicação de um manual de saúde bucal, que se apresenta como outro produto da Tese. A intenção é que o material seja utilizado pelos professores na sala de aula, e que possa ser entregue aos indígenas em suas residências, para, assim, intervir na saúde bucal, melhorando a qualidade de vida dessas pessoas.

A Saúde, assim como a Educação, é um direito reservado aos povos indígenas brasileiros conforme consta na Constituição da República Federativa do Brasil (1988). É, pois, função da sociedade não indígena fazer valer esses direitos, e uma das formas é produzir pesquisas que não somente discutam essa temática, mas que, de várias formas, façam prevalecer esses direitos, promovendo um retorno imediato do resultado dessas pesquisas, numa atitude ética por parte do pesquisador, respeitando sempre a identidadeêmica, entendida como descrição e estudo de unidades linguísticas em termos da função de cada um dentro do sistema ao qual pertencem, em nosso caso, os indígenas Apinayé e Krahô.

Considerando que língua e cultura se inter-relacionam nas comunidades tradicionais, tais quais os participantes de nossa pesquisa, temos, na etnolinguística, um aliado efetivo para o sucesso esperado. Ao estudarmos os termos e a linguagem usual na odontologia, identificando suas contribuições para a Educação Encolar Indígena, traduzindo para as Línguas Apinayé e Krahô, estamos contribuindo para uma eficaz Educação Bilíngue e Intercultural, auxiliando os professores na saudável tarefa de ensinar pautados nos avanços científicos da linguagem. É muito importante entender acerca das especialidades, isto é, de conhecer os termos específicos da odontologia que existem na Língua Portuguesa¹, realizando sua transposição linguística para as Línguas Apinayé e Krahô, a partir do que estabelece a etnolinguística, relação entre língua e cultura nos domínios sociolinguísticos desses povos.

Nesse sentido, apresentamos a estrutura da Tese, seus capítulos e seções, mantendo uma conexão entre ambas com a responsividade que o texto requer. A coerência e a ética regem nossa escrita, cuidando para que todo material consultado esteja devidamente

¹ É fato que muitos termos usuais na Odontologia são de origem inglesa, o que requereu uma tradução primeiro para a língua portuguesa, e posteriormente para as línguas apinayé e krahô.

referenciado. Uma característica relevante é que insistentemente temos nossa voz nas argumentações e discussões, nos reportando sempre aos teóricos que subsidiam nosso pensamento, dentro do que sustenta a etnossociolinguística, arcabouço epistemológico que concebe à Tese uma dialogicidade que permite representatividade e voz aos autores, os quais se constituem como sujeitos do texto que escrevem, defendendo “Uma Tese”, que é Sua, dado o teor subjetivo (Almeida, et all, 2023A).

Com efeito, descrevemos a Tese e sua organização textual que está dividida em capítulos e seções, num diálogo franco com as teorias que sustentam as argumentações. O Capítulo I apresenta os fundamentos teórico-metodológicos da pesquisa e seus procedimentos, objetivos, contexto da pesquisa, corpus e os procedimentos e técnicas para geração, descrição, discussão e análise dos dados. São descritas, também as aldeias e suas escolas, com dados precisos e ilustrações que favorece uma leitura dinâmica.

O Capítulo II faz uma breve imersão no Brasil e no Tocantins indígena, revisitando o período colonial e a questão indígena, apresentando os indígenas do Brasil hoje, quem são, onde estão e quantos são, indagando e respondendo para onde caminham os indígenas do Brasil na atualidade. Os indígenas Apinayé e Krahô também são descritos etnológica e etnograficamente.

No Capítulo III é realizada uma breve descrição das línguas indígenas Apinayé e Krahô e seus ecossistemas linguísticos, bem como a educação bilíngue e intercultural nas escolas Mãtyk e Tekator dos Apinayé, e 19 de Abril dos Krahô. A lexicologia e a terminologia são apresentadas com aportes para a teorização do glossário como material pedagógico.

O Capítulo IV, por conseguinte, traz os termos e expressões da odontologia, os quais são apresentados como produto da tese, com a descrição dos glossários ilustrados bilíngue Português/Apinayé – Português/Krahô. Os manuais de saúde bucal ilustrados bilíngue Português-Apinayé: *Apinaje Kamã Mẽ Wa Hã Kagà* e Português-Krahô: *Ca Mê Axwa Tô Ihtetet* também constam nesse capítulo. Além disso, são apresentadas informações acerca da problemática em relação à saúde bucal dos povos indígenas brasileiros, com destaque para os índices de CPOD (Cárie, Perdido e Obturado).

Por fim, no Capítulo V é apresentada a Tese, isto é, a constatação de que “ **Os Termos e Expressões da Odontologia Contribuem para uma Educação Escolar Bilíngue e Intercultural Indígena, em como para a Saúde Bucal**”. Aqui retomamos a sequência metodológica, demonstrando que a pesquisa respondeu às perguntas norteadoras, alcançou os objetivos propostos, e confirmou as proposições. Tudo isso só foi

possível porque promovemos uma efetiva participação das escolas Mătyk e Tekator das aldeias São José e Mariazinha, dos Apinayé, e 19 de Abril aldeia Manoel Alves Pequeno dos Krahô, seu corpo educativo, suas lideranças e famílias, numa ação coordenada, obstinadamente, para que as comunidades possam ter não somente uma educação bilíngue e intercultural, mas também uma saúde bucal que favoreça uma vida mais saudável.

Em seguida trazemos algumas conclusões, esperando que a “Tese e seus produtos sejam úteis para as comunidades Apinayé e Krahô, não somente como aporte pedagógico nas escolas, mas, também, para que as famílias tenham em mãos um artefato que ajude na condução de uma higiene e saúde bucal, que fará diferença na vida de todos, se estendendo para as demais escolas e demais aldeias dos povos originários Apinayé e Krahô”.

CAPÍTULO I: FUNDAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA PESQUISA E SEUS PROCEDIMENTOS: CAMINHOS ETNOGRÁFICOS PERCORRIDOS

Nesse capítulo apresentamos as bases teóricas da metodologia e os procedimentos que permitiram alcançar nossos objetivos, responder às perguntas norteadoras e corroborar nossas asserções. Também descrevemos o contexto da pesquisa, três aldeias onde vivem indígenas Apinayé e Krahô, localizadas na região norte do estado do Tocantins, locais de realização a pesquisa. São descritas as aldeias em sua configuração sociohistórica e cultural, fazendo um contraponto com a realidade atual. Delineamos os tipos de pesquisa e a metodologia para o levantamento e geração dos dados. Destacamos, também, os processos e as técnicas para descrição, discussão e análise desses dados, gerados a partir do arcabouço epistemológico etnossociolinguística em diálogo com a etnolinguística.

1. FUNDAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

A frente teórica, sua descrição, discussão e análises dos dados é ampla e se desdobra em linhas gerais nas seguintes categorias: 1) Indígenas do Brasil 2) Apinayé; 3) Krahô; 4) Termos e Expressões da Odontologia; 5) Etnolinguística; 6) Etnossociolinguística. 6) Educação Escolar Indígena Bilíngue e Intercultural; 7) Lexicologia; 8) Terminologia; 9) Glossário Bilíngue; 10) Saúde Bucal.

1.1. A Pesquisa: objetivos - perguntas - asserções

Quadro 1. Sequência didática e metodológica da pesquisa.

PERGUNTA GERAL	OBJETIVO GERAL	ASSERÇÃO GERAL
Como os termos e as expressões da odontologia podem contribuir para uma Educação Escolar Indígena Bilíngue e Intercultural?	Evidenciar que os termos e as expressões da odontologia podem contribuir para um Educação Escolar Indígena Bilíngue e Intercultural.	Os termos e as expressões da odontologia podem contribuir para uma Educação Escolar Indígena Bilíngue e Intercultural.
PERGUNTAS SECUNDÁRIAS	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	SUBASSERÇÕES
O que são termos e expressões da odontologia e como estes podem contribuir para uma Educação Escolar Indígena Bilíngue e Intercultural?	Realizar um levantamento dos termos e das expressões da odontologia identificando suas contribuições para uma Educação escolar indígena Bilíngue e Intercultural.	Os termos e as expressões da odontologia têm importantes contribuições para uma Educação Escolar Indígena Bilíngue e Intercultural.
É possível editar e publicar um Glossário e um Manual de Saúde Bucal Bilíngue, Português-Apinayé; e	Propor, editar e publicar um Glossário e um Manual de Saúde Bucal Português-Apinayé; e Inglês e Português-Krahô,	A edição de um Glossário e de um Manual de Saúde Bucal Português-Apinayé e Português-Krahô ilustrados,

Português-Krahô, ilustrados, a partir dos termos e das expressões usuais da odontologia?	ilustrados, com termos e de expressões usuais da odontologia que serão constituídos como produtos da Tese.	com termos e expressões usuais da odontologia são produtos da Tese.
--	--	---

Fonte: Ângela Maria Silva (2024).

1.2. Contexto da pesquisa

A pesquisa se realizou nos contextos indígenas Apinayé e Krahô. Segundo Almeida (2015, p. 52), contexto “[...] é um construto social que se manifesta nas configurações subjetivas humanas”, e se caracteriza como qualquer entidade institucionalizada ou artefato cultural presentes num sistema social construído por participantes, numa cultura ou sociedades específicas. Um exemplo de construto social é o status social, ou seja, o lugar que as pessoas ocupam nas sociedades em que vivem.

Conforme Butler (2017), construção social ou construto social tem a ver com a ação de homens e mulheres em sociedade, de modo que a partir dessas próprias ações, conteúdos que não existiam anteriormente passem a fazer parte do acervo de conhecimento. Esses conteúdos, por conseguinte, são o que compreendemos por cultura, isto é, uma série de padrões socialmente estabelecidos a partir dos comportamentos, costumes, crenças e saberes individuais nas relações estabelecidas uns com os outros, categorizando um determinado grupo social. Butler (2017) compreende construto como algo que é socialmente construído, evidenciando que os seres humanos vivem imersos em padrões de conduta e comportamentos criados por eles mesmos em suas inter-relações, que também são padronizadas e sistematizadas em regras tácitas e explícitas, formando as instituições.

A concepção de construção social de Butler se contrapõe à forma determinista do ser humano. Para essa autora, os fenômenos da natureza são conduzidos por normas rígidas de causa e efeito que estão historicamente dadas, não havendo espaço para indeterminações ou para a emergência de novos fenômenos. Sendo assim, o comportamento do ser humano, essencialmente, é tido como um padrão da natureza, alheio às suas próprias vontades. Ademais, as correntes deterministas negam, *a priori*, a possibilidade adequada da liberdade, uma vez que a própria vontade humana estaria pré-determinada pela mesma natureza em sua essência.

Butler (2017) segue argumentando que a noção de construto social tem a ver com uma legítima desnaturalização da sociedade, que pode ser entendida de duas modos: primeiro, literalmente, considerando o fato de que os seres humanos não se desenvolvem de maneira completamente determinada pela natureza, ou seja, eles fazem escolhas

individualmente e executam ações de forma intencional e, sendo assim, desconfirmam a hipótese de uma determinação prévia do mundo. Segundo, existe uma atitude mais específica de entendermos que a sociedade não é natural, que as pessoas ao agirem de forma consciente, isto é, ao aplicarem sua vontade, liberdade e liberalidade ao mundo, operam contingências e instauram acasos na história que não podem ser apreendidos linearmente. É, pois, a partir dessa segunda ideia, que entendemos a sociedade como uma construção, permitindo a possibilidade de mudanças históricas, desde que passamos a considerar que o estágio atual, no qual estamos inseridos, é resultado de múltiplos processos de aprendizagem social, efetivados não pela natureza dada, mas por homens e mulheres que se constroem social e culturalmente, independentemente de suas contradições.

O Constructo social de nossa pesquisa é as aldeias indígenas São José, Mariazinha e Manoel Alves Pequeno das sociedades Apinayé e Krahô, e as escolas instaladas nesses domínios sociais. Segundo Almeida (2015, p. 210), “Domínio social é um construto sociocultural em contextos onde as intersubjetividades se manifestam mediadas pela interação intragrupo e intergrupo”.

1.3. Método metodologia e procedimentos metodológicos

1.3.1. Método Científico e Pesquisa Científica

Um método científico é a forma mais segura criada ao longo da história da humanidade para controlar o movimento das coisas que cerceiam um fato a criar formas de compreensão adequada dos mais variados fatos ou fenômenos. Segundo Silveira e Córdova (2009, p. 25).

[...] Fatos – acontecem na realidade, independentemente de haver ou não quem os conheça. [...] Fenômeno – é a percepção que o observador tem do fato. [...] Pessoas diversas podem observar no mesmo fato fenômenos diferentes, dependendo de seu paradigma. [...] Paradigmas – constituem-se em referenciais teóricos que servirão de orientação para a opção metodológica de investigação. [...] Mesmo que os paradigmas sejam constituídos por construções teóricas, não há cisão entre a teoria e a prática, ou entre a teoria e a lei científica. Portanto, um e outro coexistem gerando o que se pode denominar praxiologia. Método Científico – é a expressão lógica do raciocínio associada à formulação de argumentos convincentes. Esses argumentos, uma vez apresentados, têm por finalidade informar, descrever ou persuadir um fato. Para isso o estudioso vai utilizar-se de [...] Termos que são palavras, declarações, significações convencionais que se referem a um objeto.

Para essas autoras, são inegáveis as contribuições que a Ciência tem para as nossas vidas, de modo que não podemos imaginar como seria nossa existência sem os avanços

que a pesquisa científica nos proporcionou. Contudo, toda aplicação prática mediada pelas tecnologias tem um impacto nem sempre positivo, como a clonagem e a manipulação genética, que levantam questões éticas importantes.

A pesquisa científica é a atividade nuclear da ciência e se efetiva por aproximação e entendimento de uma realidade inquietante e pode ser definida como:

[...] um processo permanentemente inacabado. Processa-se por meio de aproximações sucessivas da realidade, fornecendo-nos subsídios para uma intervenção no real. [...] A pesquisa científica é o resultado de um inquérito ou exame minucioso, realizado com o objetivo de resolver um problema, recorrendo a procedimentos científicos (Silveira e Córdova, 2009, pp. 31-32).

Essas autoras concluem suas argumentações recorrendo a Lehfeld (1991), que entende a pesquisa como indagação e/ou procedimento sistemático e intensivo visando a descobrir e interpretar fatos que estão inseridos em uma determinada realidade. Cabe ao pesquisador desvendar o que está posto no processo.

1.3.2. Metodologia

A metodologia para realização da pesquisa nas aldeias indígenas Apinayé e Krahô se efetivou por diferentes tipos e procedimentos que se complementam. Quanto aos tipos é qualitativa, quantiquantitativa, exploratória e descritiva, a partir das teorias da etnografia, etnolinguística e etnossociolinguística, que possibilitaram a geração dos dados. Quanto aos procedimentos, foram realizadas oficinas pedagógicas práticas nas escolas das aldeias, envolvendo não somente professores e alunos, como também lideranças, anciões e anciãs que contribuíram muitíssimo com seu vasto repertório etnolinguístico.

1.3.2.1. Pesquisa qualitativa

Para fundamentar nossas argumentações e justificar a escolha dos tipos e procedimentos da pesquisa, partimos dos estudos de autores considerados clássicos, por exemplo, Goldenberg (1997), Gil (2002), mas também atuais, como Günther (2006), Vasconcelos (2009), Silveira e Córdova (2009) e Gerhardt e Silveira (2009). Um consenso entre esses teóricos é o fato de a pesquisa qualitativa não requer dados estatísticos, mas destes não prescinde, evoluindo para o que Günther (2006) e Vasconcelos (2009) denominam como “pesquisa quantiquantitativa” ou “qualiquantitativa”.

A pesquisa que realizamos nas aldeias Apinayé e Krahô pode ser classificada não somente como qualitativa, mas também como qualiquantitativa (ou quantiquantitativa). Segundo Günther (2006), como participante de um processo de construção de

conhecimento o pesquisador não deve escolher entre um método ou outro, mas fazer uso das duas abordagens, qualitativas e quantitativas, percebendo como ambas se adequam às suas necessidades, considerando a natureza dos dados e a abrangência da análise. Nesse sentido, a pesquisa aqui relatada não é somente “quantitativa” nem “qualitativa”, mas “qualiquantitativa”.

Goldberg (1997) argumenta que na pesquisa qualitativa a representatividade numérica não é uma obrigatoriedade, mas, sim, o aprofundamento da compreensão de um determinado grupo social.

Ademais,

[...] Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria. Assim, os pesquisadores qualitativos recusam o modelo positivista aplicado ao estudo da vida social, uma vez que o pesquisador não pode fazer julgamentos nem permitir que seus preconceitos e crenças contaminem a pesquisa (Goldenberg, 1997, p. 34).

Uma pesquisa qualitativa visa a “[...] explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados são não-métricos (suscitados e de interação) e se valem de diferentes abordagens” (Silveira e Córdova, 2009, p. 32). Na realização de uma pesquisa qualitativa o pesquisador é, simultaneamente, sujeito e objeto de suas investigações, cujos resultados são imprevisíveis. Nesse sentido, a amostra produz informações aprofundadas e ilustrativas, independentemente de ser grande ou pequena, pois o mais importante é que ela produza novos conhecimentos.

1.3.2.2. Pesquisas Exploratória e Descritiva

A pesquisa exploratória tem como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideais, considerando a formulação de problemas mais precisos ou asserções. De todos os tipos de pesquisa, a exploratória é a que apresenta menor rigidez no planejamento. Sua efetivação envolve levantamento bibliográfico e entrevistas que podem ser padronizadas, ou não. Os procedimentos de amostragem e técnicas quantitativas de coleta ou geração de dados não são costumeiramente aplicados. Segundo Gil (2002), as pesquisas exploratórias constituem uma importante etapa de uma investigação mais ampla, pois quando o tema escolhido é mais genérico, tornam-se necessários esclarecimentos e delimitação, o que exige revisão da literatura (Gil, 2002).

Já as pesquisas descritivas têm como objetivo principal a definição das características de determinada população ou fenômeno, ou o estabelecimento de relações entre variáveis. São inúmeros os estudos que podem ser classificados sob este título e uma de suas características mais significativas é a utilização de técnicas padronizadas de coleta e ou geração de dados. Dentre as pesquisas descritivas salientam-se aquelas que têm por objetivo estudar as características de um grupo, sua distribuição por idade, sexo, procedência, nível de escolaridade, nível de renda, estado de saúde física e/ou mental, dentre outras (Gil, 2002).

Segundo esses autores, algumas pesquisas descritivas vão além da simples identificação da existência de relações entre variáveis, buscando determinar a natureza dessa relação. Neste caso tem-se uma pesquisa descritiva que se aproxima da explicativa. Por outro lado, há pesquisas que, embora definidas como descritivas a partir de seus objetivos, acabam servindo mais para proporcionar uma nova visão do problema, o que as aproxima das pesquisas exploratórias. É nesse contexto que se inclui a pesquisa realizada nas aldeias indígenas Apinayé e Krahô.

1.3.2.3. Etnografia: Nós “e” os “Nossos Outros”

Conceituando etnografia Erickson (1984, p. 3) afirma que esta “[...] significa literalmente escrever sobre os outros. O termo deriva do verbo grego para escrita e do substantivo grego (*ethnos*) que se refere a grupos de pessoas que não foram gregos; por exemplo: társios, persas e egípcios”. Para esse autor, a etnografia surgiu para caracterizar cientificamente os relatos de narrativa sobre os modos de vida dos povos não ocidentais.

Segundo Geertz (1989, p. 15), “[...] fazer etnografia não é apenas transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, estabelecer relações, selecionar participantes”. O que a define é o tipo de esforço intelectual que ela representa, favorecida por um risco elaborado que permita uma “descrição densa”. Almeida (2015) argumenta que a preocupação do etnógrafo é obter uma descrição a mais completa possível sobre o que um grupo peculiar de pessoas faz, identificando o significado das perspectivas imediatas que elas têm e como agem.

1.3.2.4. Pesquisa etnográfica ou “na perspectiva etnográfica”?

A pesquisa etnográfica é um procedimento que se materializa mais veementemente em ambientes culturalmente complexos onde interagem pessoas que fazem parte de grupos estigmatizados, por exemplo, indígenas, quilombolas, ribeirinhos, moradores de rua, dentre

outros. Segundo Bortoni-Ricardo (2014), uma pesquisa é etnográfica quando o pesquisador tem uma convivência de mais de três anos com a população estudada, menos do que isso é a autora a conceitua como “pesquisa na perspectiva etnográfica”. Considerando que nossa permanência nas aldeias São José e Mariazinha, dos Apinayé, e Manoel Alves Pequeno, dos Krahô se iniciou em 2022, não temos uma “pesquisa etnográfica” como o conceito exige, mas uma pesquisa na perspectiva etnográfica, porém com a mesma consistência e teor qualitativo de uma etnografia. Isso porque todos os elementos de uma etnografia foram utilizados, por exemplo, contato efetivo com os grupos, e uma sólida justificativa do ponto de vista metodológico, conforme reza o corpo teórico no qual nos apoiamos.

1.4. Pesquisa na perspectiva etnolinguística

A Etnolinguística é a relação entre língua e cultura considerando as pessoas que convivem num determinado contexto. Segundo Rodrigues (1986) língua, sociedade e cultura são categorias análogas, de modo que é difícil separar uma da outra, ou mesmo estabelecer uma fronteira entre elas. Almeida (2015), identifica outro aspecto relevante, argumentando que são recorrentes dúvidas acerca da linguagem utilizada por um determinado grupo sociocultural, elegendo o fator geográfico como fator de muita relevância. Segundo Espíndola (2020), determinadas variações de ordem regional podem ser também sociais, estendendo-se aos falantes que têm uma específica marca diageracional, diagenérica ou diafásica². Nesse sentido, Aragão (1999) questiona se seriam todas essas variações próprias da língua e condicionadas pela sociedade ou teriam marcas de uma determinada cultura? Argumenta, ainda, que dúvidas dessa natureza são frequentes quando se trabalha com a inter-relação entre língua, cultura e sociedade, uma vez que esses ambientes ecologicamente se cruzam, reproduzindo uma linguística situada num campo de tensão, envolvendo língua e etnicidade³, dando origem à etnolinguística.

Nesse sentido, o léxico (reunião dos vocábulos de uma língua), sociedade e cultura estão correlacionadas à etnolinguística, pois, ao se estudar uma língua nos contextos socioculturais em que ela se materializa, estes se apresentam como elementos básicos, explicitando fatos que linguisticamente seriam difíceis ou mesmo impossíveis de serem verificados. No caso do léxico, Aragão (1999) assegura que tal afirmação é ainda mais

² Variação diageracional representa a variação entre gerações, Variação diagenérica é a variação entre os gêneros. Essa variação tem a ver com o contexto de fala em que o indivíduo está inserido naquele momento. Variação diafásica (situacional) tem a ver com o contexto de fala em que o indivíduo está inserido naquele momento. É nítida, por exemplo, a diferença entre uma conversa com os familiares e uma entrevista de emprego (Espíndola, 2019).

³ Etnicidade, condição ou consciência de pertencer a um grupo étnico.

verdadeira, uma vez que toda a visão de mundo, a ideologia e o sistema de valores, aliados às práticas socioculturais das comunidades humanas, refletem-se no léxico. Ademais, “[...] o léxico representa um espaço privilegiado nesse processo de produção e acumulando, transformando e diferenciando todos esses sistemas de valores” (Almeida, 2015, p. 167).

Segundo essa autora, a etnolinguística firmou-se em decorrência da necessidade de se entender as variantes e as invariantes sociais, e também os coeficientes de linguagem que modelam os pensamentos e o modo de ser e de viver da população que se pretende estudar. Sendo assim, podemos compreender a etnolinguística como um ramo da linguística que estuda as relações entre uma língua e a visão de mundo daqueles que a falam. “É, nesse sentido, o estudo do próprio código linguístico, de sua função e de suas mensagens, mantendo relação com a cultura a partir o código identitário de uma comunidade de fala” (Almeida, 2015, p. 167). Segundo Labov (1972) citado por Almeida, 2015, p. 140) “[...] uma comunidade de fala pode ser definida como um grupo de pessoas que compartilha normas e atitudes sociais em comum”.

A etnolinguística, num conjunto mais amplo de possibilidades conceituais e terminológicas, pode ser definida como o estudo da cosmovisão dos grupos sociais em suas individualidades formadoras, ou em seu coletivo (fricções interétnicas)⁴. O que se releva nesse conjunto conceitual é o modo de sentir e vivenciar as referências interiorizadas pelo ethos grupal e a sua transmutação em condicionantes gerais, resultado de uma mentalidade comum. Dick (2003), contribui discorrendo que é, pois, pelo uso da linguagem conformada étnica, cultural e social, que os grupos se definem e se acomodam no imenso conjunto dos aspectos culturais e políticos das sociedades e suas intercorrências.

Segundo Muniz (2022), a etnolinguística é a disciplina que estuda a variedade e a variação da linguagem no que diz respeito às pessoas e suas culturas. A autora recorre a Barreto (2010), informando que a etnolinguística abrange tanto os domínios da linguística quanto da antropologia, firmando-se como interdisciplinar, apresentando a relação entre a língua e seus falantes. Considera, ademais, o contexto em que a língua é produzida, avaliando a sua adaptação a esse contexto e seu poder de expressão. Nesse sentido, a etnolinguística permite perceber qual a visão de mundo que um dado grupo detém a partir de suas experiências, identificando a influência da cultura no léxico e na gramática, de

⁴ Fricção interétnica pode ser considerada o “atrito” entre etnias diferentes, culturas diferentes, ocasionando a apropriação de práticas, conflitos e junções ora negativos ora positivos e até mesmo a ocorrência de conflitos identitários, sendo assim traços culturais passam de uma sociedade para outra [...] (Silva e Kuhn Júnior, 2017, s/p).

acordo com as sociedades, sua estrutura social e o ambiente geográfico em que se movimentam.

Na figura 01, a seguir, apresentamos a etnolinguística na sociedade Apinayé, quando o ritual *Pàrkapê* traduz como língua e cultura se estabelecem nas tramas subjetivas dos indígenas, evidenciando aspectos etnolinguísticos passíveis de visualização.

Fig. 01. *Pàrkapê*: Ritual Sagrado do Povo Apinayé: homens prontos para corrida com toras grandes.



Fonte: (Iran Veríssimo Apinagé, 2014, on line, s/p.).

Os Apinayé lutam para preservar sua língua materna e sua cultura tradicional reveladas em rituais, por exemplo, o *Pàrkaper*, festejo que os indígenas praticam uma vez por ano, podendo durar um mês inteiro. Em 2024 foi realizado no período de 15 a 29 de julho, com a corrida da Tora Grande (*Pàrkapê*) em homenagem a uma pessoa que faleceu no ano em curso. Durante a cerimônia aconteceram, também, corte de cabelo, danças, cantos, choros cerimoniais e nomeações de lideranças, rituais operantes nas aldeias Apinayé. Tudo isso converge para a etnossociolinguística, quando língua, *ethos* e cultura individualizam questão éticas e êmicas, num contexto onde a etnolinguística se efetiva.

1.5. Etnossociolinguística: o ético, o êmico e seus entrelaçamentos

O ético e o êmico se entrelaçam na dinâmica dos estudos de Almeida (2015); Almeida et al (2023a, 2023b); Muniz (2022); Souza (2019) e Rosa e Orey (2012).

Almeida e Muniz contribuem compreendendo a etnografia na perspectiva de etnossociolinguística, sendo este um construto teórico que permite a realização de uma pesquisa na perspectiva etnográfica, a qual não se limita somente à geração dos dados, mas prevalece em todas as etapas, descrição, discussão, análises e, obrigatoriamente, com o retorno às comunidades após a finalização da pesquisa. A característica principal de etnossociolinguística é valorizar o trabalho do pesquisador como autor não somente intelectual dos resultados de uma pesquisa, mas também do mesmo ter voz e vez na condução do texto, sem descuidar de seu comprometimento ético (Almeida, 2015).

Muniz (2022, p. 40) contribui afirmando que:

A Etnossociolinguística é uma abordagem teórica transdisciplinar por excelência. Em sua configuração epistemológica movimenta-se em um cenário que compreende categorias que se entrelaçam no âmbito da filosofia, antropologia, linguística e também metodológica, respeitando a alteridade dos envolvidos. Nesse sentido, o ético e o êmico se constituem em eventos que irão conduzir o trabalho do pesquisador, a partir de duas vertentes, ou seja, o ético como um compromisso assumido pelo pesquisador diante de seus colaboradores, os quais se inserem na perspectiva de uma abordagem êmica.

Nesse sentido, Almeida (2015) sugere que um desafio que se coloca é a dinâmica como as práticas culturalmente arraigadas podem ser retiradas ou incluídas, sem permitir que a cultura dos pesquisadores interfira na cultura dos membros do grupo cultural em estudo. Ademais, tal ocorrência é previsível, pois membros de grupos culturais têm suas próprias interpretações de cultura, denominada abordagem êmica, em oposição à interpretação dos pesquisadores, denominada abordagem ética. Metodologicamente, a etnografia e a etnossociolinguística levantam questões éticas, considerando a proximidade entre pesquisador e pesquisados (Rosa e Orey, 2012). Segundo esses autores, mesmo que a maioria dos pesquisadores dedique pouca atenção a essa questão, existe uma calorosa discussão, principalmente entre os antropólogos, visando a minimizar os problemas decorrentes da relação de alteridade entre os dois polos na situação de pesquisa.

Discutindo a etnossociolinguística no âmbito das contribuições para escrita de Teses e Dissertações, Almeida, et al., (2023A e 2023B) afirmam que é importante considerar a Tese como gênero textual além da perspectiva tradicional que reproduz exaustivamente teorias de apoio e atividades empíricas que são apreendidas de forma linear, numa perspectiva positivista⁵. As autoras compreendem uma Tese como um gênero

⁵ O positivismo é uma escola filosófica que sustenta que todo conhecimento genuíno é verdadeiro por definição ou positivo, ou seja, fatos a posteriores derivados pela razão e pela lógica da experiência sensorial. Outras formas de conhecimento, como intuição, introspecção ou fé religiosa, são rejeitadas ou consideradas sem sentido. O positivismo defende a ideia de que o conhecimento científico é a única forma de

textual acadêmico com propriedades sociocomunicativas, estilísticas e composicionais, afirmando a necessidade de se deixar clara a identidade e a voz de quem a escreve, assumindo uma postura intelectual onde a autonomia é garantida. Nesse sentido, os dados não precisam necessariamente de serem discutidos em capítulo próprio, mas durante todo o texto.

Com efeito, para chegarmos aos objetivos de nossa pesquisa foi necessário constituir um corpus de documentos. Este, por conseguinte, constituiu-se como o conjunto de apontamentos elaborados e utilizados para serem submetidos aos procedimentos analíticos da geração dos dados, os quais foram discutidos e analisados à luz da etnossociolinguística. Dito isso, passamos a descrever o corpus de nossa pesquisa, reforçando a metodologia de constituição e geração dos dados, cujo o objetivo principal foi evidenciar, que termos e expressões da odontologia tem notáveis contribuições para uma Educação Escolar Indígena Bilíngue e Intercultural. Como a pesquisa se efetivou a partir das teorias da etnografia, os dados foram gerados *in loco*, quando visitamos as aldeias São José e Mariazinha dos Apinayé, e Manoel Alves Pequeno dos Krahô, nos instalando em suas dependências, notadamente nas escolas Mãtyk, Tekator e 19 de abril, respectivamente.

1.6. Procedimentos e técnicas para geração, descrição, discussão e análise dos dados

A investigação, uma pesquisa na perspectiva etnografia (participativa e colaborativa) teve como procedimentos uma sequência de eventos que se efetivaram mediante nossa presença nas aldeias e suas escolas, em sintonia com indígenas de todas as idades, anciões, adultos, jovens, adolescentes e crianças, fazendo valer as nuances de uma pesquisa participante (Brandão, 1982) e pesquisa ação (Thiollent, 2011), pois, ao final da pesquisa, devolveremos para os indígenas, suas comunidades e escolas os resultados, dois glossários e dois manuais de saúde bucal, ambos ilustrados e bilíngues nas línguas portuguesa e indígenas. O objetivo é contribuir com a educação escolar bilíngue e intercultural em suas escolas e com a saúde bucal-oral das comunidades. Suas interfaces

conhecimento verdadeiro. De acordo com os positivistas, somente se pode afirmar que uma teoria é correta se ela foi comprovada através de métodos científicos válidos. Os positivistas não consideram os conhecimentos adquiridos por meio de crenças religiosas, superstição ou qualquer outro, do campo espiritual, intuitivo ou transcendente, que não possa ser comprovado cientificamente. Para eles, o progresso da humanidade depende exclusivamente dos avanços científicos. Assim, o positivismo desenvolvido na segunda fase da carreira de Comte, associa uma interpretação das ciências e uma classificação do conhecimento a uma ética apenas humana radical. Fonte: J. Macionis, Linda M. Gerber, *Sociology, Seventh Canadian Edition*, Pearson Canada; Larrain, Jorge (1979). *The Concept of Ideology*. London: Hutchinson. p. 197. Disponível: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Positivismo>. Acesso em: 04-jul-2024.

metodológicas, etnografia, etnolinguística e etnossociolinguística permitiram que o *ethos*, as línguas, as culturas Apinayé e Krahô em consonância com suas subjetividades, evidenciassem novas constituições terminológicas, contribuindo para uma efetiva educação indígena bilíngue e intercultural, no âmbito da saúde bucal.

Os dados empíricos foram gerados mediante instrumentos de pesquisa⁶ pensados para facilitar a produção (tradução de termos e expressões da odontologia) por professores e estudantes indígenas. O material utilizado, impresso, continha termos e expressões da odontologia (Campos, 2009), com figuras/desenhos coloridos e espaço para a tradução na língua indígena. Para uma efetiva colaboração das crianças, foram cantadas músicas infantis agregando os termos a as expressões que elas estavam colorindo, numa linguagem lúdica que permitiu uma interação tão bela quanto construtiva de aprendizagem mútua e a apreensão de novos e valiosos conhecimentos.

Vale salientar que muitas palavras não faziam parte do repertório vocabular dos indígenas, o que requereu fossem criados novos termos, constituindo-se como uma experiência extraordinária, quando elementos da etnolinguística (língua e cultura) e da etnossociolinguística (sociolinguística e etnografia), permitiram a docentes e acadêmicos, bem como alguns anciões que se encontravam presentes, participarem efetivamente da criação de novas palavras em sua língua materna, numa área da educação que é de extrema relevância, a “educação em saúde bucal”.

Considerando a complexidade do contexto onde a pesquisa se realizou, os procedimentos para discussão e análise dos dados se efetivaram a partir dos pressupostos da etnossociolinguística, considerando-a como um construto epistemológico que agrega diferentes teorias. Por se tratar de um trabalho que estuda a relação entre língua, cultura e sociedade em duas etnias indígenas, trabalhamos inter e transdisciplinarmente. Assim, as teorias dialogam com os dados dialeticamente, favorecendo um entendimento amplo da importância dos termos e das expressões da odontologia para ampliação do repertório linguístico das comunidades Apinayé e Krahô, com importantes contribuições para uma efetiva educação escolar indígena bilíngue e intercultural e em saúde bucal.

Segundo Almeida (2015) e Muniz (2022), para que se discuta e analise dados de uma pesquisa gerados na perspectiva da etnossociolinguística é necessário um posicionamento claro em relação aos procedimentos, uma vez que a integração dos dados se revela a partir de uma nova postura em relação à composição do corpus, constituídos

⁶ O material utilizado para geração dos dados está em anexo nessa Tese.

mediante um arcabouço teórico-metodológico consolidado. Para Almeida et. all (2023b), a descrição, discussão e análise dos dados instituem-se num domínio discursivo acadêmico, a partir de uma efetiva comunicação linguística e social, tendo em vista o contexto da realização da pesquisa e suas idiossincrasias.

Uma análise na perspectiva da etnossociolinguística leva em consideração não somente os dados, mas toda complexidade em que os mesmos foram gerados, em nosso caso, três aldeias indígenas, expandindo-se além das fronteiras étnicas, privilegiando a língua em situação de uso nas escolas e fora delas, bem com a situação de contato com a sociedade não indígena. Segundo Almeida (2015), a etnossociolinguística contribui para que permaneçam vivos aspectos das tradições orais presentes no léxico das línguas indígenas, seu *ethos*, de modo que ofereça resistência às investidas de uma sociedade hegemônica que, inexoravelmente, impõe aos grupos minoritários ações que suprimem o legado cultural dos seus ancestrais.

1.7. A pesquisa nas aldeias Apinayé São José, Mariazinha e Krahô Manoel Alves Pequeno, Escolas Mătyk, Tekator e 19 de Abril

A pesquisa nas aldeias Apinayé São José e Mariazinha e Krahô Manoel Alves Pequeno e suas respectivas escolas, partiram da criação de um corpus composto por documentos editados em Word, cujos resultados foram descritos qualitativamente, gerando, ao final, um glossário bilíngue ilustrado e um manual em saúde bucal também ilustrado e bilíngue, nas línguas português-apinayé e português-krahô.

Para geração dos dados os procedimentos foram próprios de uma pesquisa na perspectiva etnográfica, com nossa instalação nas aldeias e suas escolas, em período letivo, para que tivéssemos o envolvimento de toda a comunidade educacional, estudantes do ensino fundamental e do ensino médio, professores e professoras indígenas com fluência nas línguas apinayé-português e krahô-português. Além desses, encontravam-se presente pessoas mais velhas, famílias e lideranças, representado a comunidade. A geração dos dados deu-se, inicialmente, em forma de oficinas pedagógicas, com a regência de uma professora de língua materna e uma indígena que cursa “Bacharelado em Odontologia” na Faculdade de Ciências do Tocantins FACIT, a partir das ações do “Projeto Facit Indígena”, que é fluente nas duas línguas, e manteve a interação necessária, notadamente com as crianças, que aprenderam e nos ensinaram muito. Os procedimentos incluíram músicas lúdicas que evocam a higiene bucal, para em seguida realizarem pinturas com as temáticas das músicas.

1.7.1. Escola Estadual Indígena Mãtyk

A escola Mãtyk é um espaço que atende crianças, adolescentes e jovens Apinayé em sua formação na educação básica, ofertando o Ensino Fundamental I e II e Ensino Médio. Todos os professores têm formação adequada, com graduação em Licenciatura Intercultural pela Universidade Federal de Goiás, com exceção do Professor Cassiano Sotero Apinajé, que tem formação em pedagogia, com mestrado em Ciência do Meio Ambiente, pela Universidade Federal do Tocantins. Esse professor é, também, o Diretor da escola.

Fig. 02. Escola Mãtyk da Aldeia São José.



Fonte: Ângela Maria Silva (2022).

Para geração dos dados contamos com a participação dos Professores: Cassiano Sotero Apinajé, Ana Rosa Sotero Apinajé, José Eduardo Apinajé e Rogério Apinajé. Também contamos com a valiosa participação de Gislene Apinagé que é muito atuante nas atividades da escola, pois é fluente nas línguas indígena e portuguesa, contribuindo muitíssimo na interação com as crianças, cantando junto com elas as músicas na língua Apinayé. As imagens, a seguir, ilustram momentos da oficina com tradução e criação de novas palavras na língua Apinayé. Os professores receberam um material impresso com as palavras em português, e, na medida em que faziam a tradução, iam identificando aquelas

que não existiam, para, então, criarem os termos usuais da odontologia na língua indígena, após pequenas discussões entre eles. A seguir descrevemos a Escola Mătyk.

Excerto 1: Descrição da Escola Estadual Indígena Mătyk⁷.

ALDEIA SAO JOSÉ, S/N ÁREA INDÍGENA
APINAJÉ. 77900-000 Tocantinópolis - TO.
Código INEP: 17004829
Localização: Rural
Dependência Administrativa: Estadual
Etapas: Ensino Fundamental, Ensino Médio
Modalidades: Ensino Regular
SITUAÇÃO DA ESCOLA
452 Matrículas
0 Reprovações
0 Abandonos
37 Professores
Matrículas por etapa
Anos iniciais: 174
Matrículas Anos finais: 178
Matrículas Ensino Médio: 100
Matrículas Educação Especial: 40

Fonte: Censo Escolar INEP (2023).

Conforme o excerto 1, a Escola Mătyk conta com um corpo docente de 37 professores atendendo 452 estudantes matriculados no Ensino Fundamenta I e II e Ensino Médio. Atende, ademais, 40 estudantes com necessidade especial. O quantitativo é de 2023, distribuído em 174 matrículas nos anos iniciais do Ensino Fundamental e 178 nos anos finais e no Ensino Médio 178.

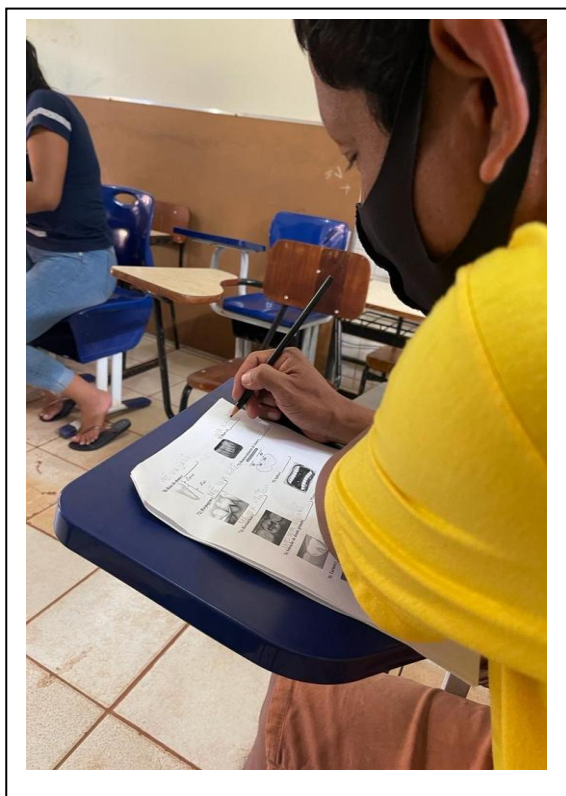
A escola Mătyk, assim como as demais instaladas nas outras aldeias Apinayé, não oferta Educação Infantil, pois esta é de responsabilidade da família, quando crianças de ambos os gêneros, até os completarem seis anos de idade, acompanham as atividades cotidianas dos pais. Nessa etapa da vida das crianças Apinayé a educação é responsabilidade da mãe e a língua de interação e conversação é a indígena. Ao ingressar na escola, meninos e meninas Apinayé começam a aprender a língua materna de forma escrita e impressa, e também a língua portuguesa, a qual já é apreendida no cotidiano da relação com os não indígenas que circulam na aldeia.

⁷ Fonte: <https://qedu.org.br/escola/17004829-escola-estadual-indigena-matyk>. Acesso em: 30-jul-2024.

Um dado importante é o fato de não haver reprovação nem evasão. A reprovação não ocorre devido a orientações da Secretaria de Educação (Seduc-TO), que orienta a comunidade escolar para não reprovar. Segundo Almeida (2011), esta é uma política pública da educação brasileira, pois a receita direcionada à escola depende do número de alunos matriculados e, conseqüentemente, os alunos precisam de estarem matriculados na próxima série ou ano, liberando as vagas para outros que na escola ingressem.

Quanto ao não abandono, é ainda de Almeida (2011, p. 51) a argumentação de que esta ocorria devido à inconsistência na merenda ofertada, pois “[...] as crianças não vêm à escola quando o lanche não é ofertado, e mesmo depois que se regulariza a situação, a maioria dos alunos não quer voltar à sala de aula”. Porém, no ato de nossa ida à escola percebemos que a merenda era ofertada sem falhas, o que se reflete nos dados de Censo Escolar INEP (Brasil, 2023).

Fig. 03. Professor em atividade.



Fonte: Ângela Maria Silva (2022).

Fig. 04. Gislene Apinagé em atividade.



Fonte: Ângela Maria Silva (2022).

Fig. 05. Criança em atividade na escola Mãtyk pesquisadora.



Fonte: Ângela Maria Silva (2022).

Fig. 06. Professor Cassiano, e a



Fonte: Ângela Maria Silva (2022).

Fig. 07. Atividade lúdica 01 escola Mãtyk

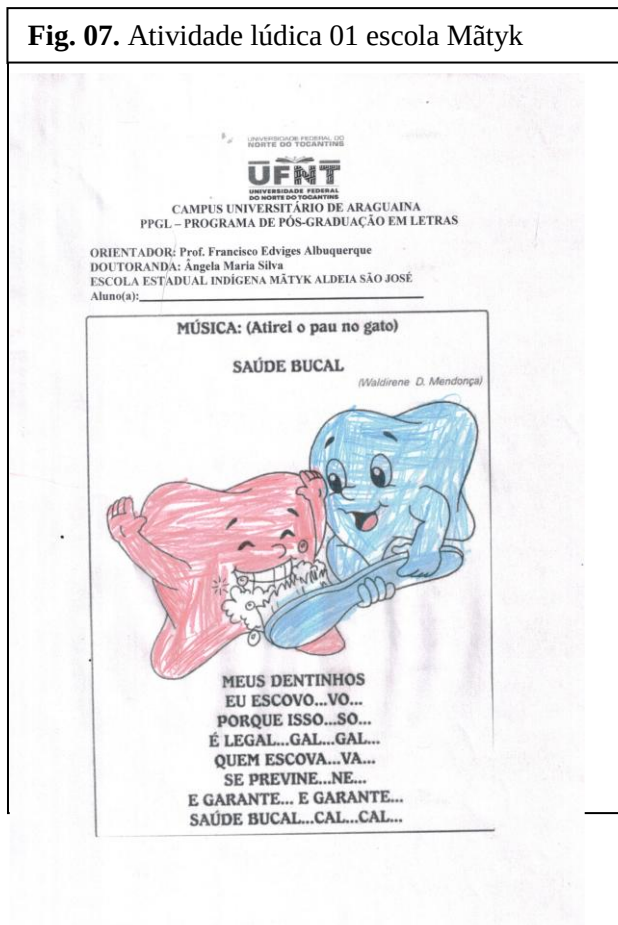
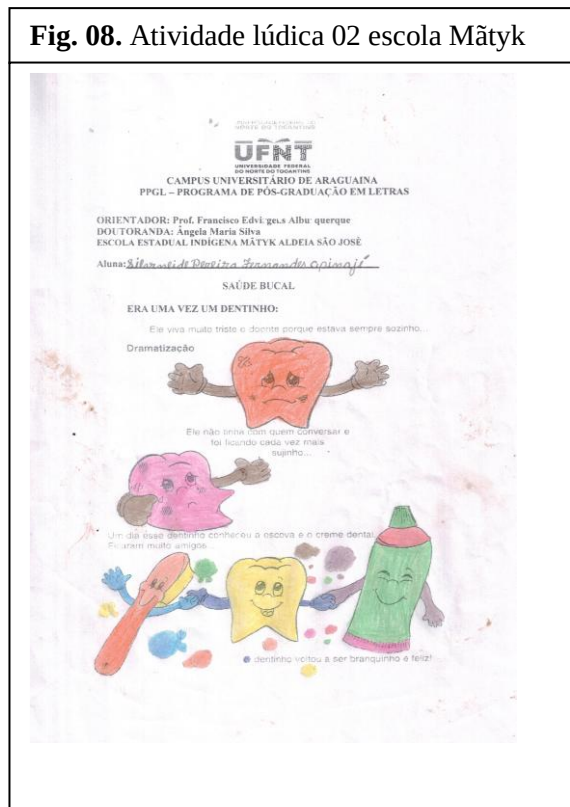


Fig. 08. Atividade lúdica 02 escola Mãtyk



Fonte: Ângela Maria Silva (2022).

Fig. 09. Classe entusiasmada com as atividades lúdicas.



For

As atividades lúdicas em sala de aula com crianças é um recurso pedagógico muito eficaz, e no caso de nossas intervenções na escola Mãtyk, foram acompanhadas de músicas cantadas na língua indígena, com a bela contribuição de Gislene Apinagé. A temática versava acerca da higiene bucal e a experiência foi muito além da sala de aula, favorecendo uma educação bilíngue e intercultural. Com efeito, a pesquisa na escola Mãtyk foi repleta de momentos de aprendizagem mútua e novos conhecimentos foram criados, a partir do envolvimento da comunidade escolar com o projeto apresentado, quando nós também aprendemos muito.

1.7.2. A pesquisa na Escola Tekator

Fig. 10. Fachada da Escola Tekator.





Fonte: <https://gazetadocerrado.com.br>. Acesso em: 30-jul-2024.

Excerto 2: Descrição da Escola Tekator⁸.

Escola Estadual Indígena Tekator
Aldeia Mariazinha
Reserva indígena
Rural
Tocantinópolis - TO
CEP: 77900-000
Escola Pública Estadual

Código INEP: 17039444

Ensino Fundamental - Anos Iniciais
Ensino Fundamental - Anos Finais
Ensino Médio
Períodos: Diurno e Noturno

Fonte: Inep (2023).

Como constatamos *in loco*, a Escola Pública Estadual Tekator oferta as modalidades de Ensino Fundamental Anos Iniciais, Ensino Fundamental Anos Finais e Ensino Médio, funcionando nos períodos diurno e noturno. Outra percepção muito relevante, é que, mesmo com uma infraestrutura precária, os professores se desdobram para atender o melhor possível as crianças também portadores de necessidade especiais, oferecendo uma “Educação Inclusiva”. Segundo Araújo e Santos (2021, p. 589)⁹ “a Educação Inclusiva surge com a proposta de incluir a pessoa com deficiência no ensino regular da Educação Básica” da Escola Tekator. Esses autores perceberam que para permanência desse estudante na sala regular, “[...] foi necessária a implementação de salas

⁸ Fonte: <https://www.escol.as/31230-escola-estadual-indigena-tekator>.

⁹ Gustavo Cunha de Araujo e Gracilene dos Santos. Práticas de letramento na sala multifuncional da Escola Estadual Indígena Tekator, Aldeia Mariazinha, Tocantinópolis (TO) (2021).

especializadas, denominadas de Salas de Recursos Multifuncionais, com o objetivo de auxiliar no processo de ensino e aprendizagem dos indígenas com deficiências”.

Araújo e Santos (2021, p. 589) destacam que durante a realização da pesquisa na Escola Tekator, no campo empírico, verificaram “[...] que havia indígenas com as seguintes deficiências: Mental, Baixa Visão, Síndrome de Down e Deficiência Física. Essas deficiências foram identificadas nos alunos da escola por uma equipe especializada na área da Educação Especial”. Os autores perceberam que “[...] a educação inclusiva na escola indígena é trabalhada, basicamente, a partir de elementos visuais presentes na disciplina de Arte, como, por exemplo, vídeos, desenhos, pinturas entre outros, na perspectiva do multiletramentos”. Esses resultados permitem compreender que os professores indígenas são profissionais que superam dificuldades, buscando formas de enfrentar as vicissitudes da educação no âmbito de um contexto onde as dificuldades são inúmeras, precisando de atender às “orientações” de um sistema de ensino que foi criado em outro contexto, cultural e linguisticamente diferente, pensado para outro tipo de sociedade.

1.7.3. Participantes da pesquisa e geração dos dados

Para realizar a pesquisa na Escola Tekator estivemos presente em reuniões com lideranças, professores e equipe técnica. Para gerar os dados, um total de dez professores participaram, traduzindo os termos e criando novos termos quando assim fosse necessário. Nas visitas à aldeia nos acompanhou a indígena Gislene Apinagé da aldeia São José, que muito nos auxiliou com as atividades lúdica envolvendo as crianças, numa interação belíssima. Vejamos as fotos a seguir.

Fig. 11. Professores em atividade na sala de aula.



Fonte: Ângela Maria Silva (2022).

Fig. 12. Professores participantes da pesquisa na Escola Tekator, Gislene Apinagé e a autora da pesquisa.

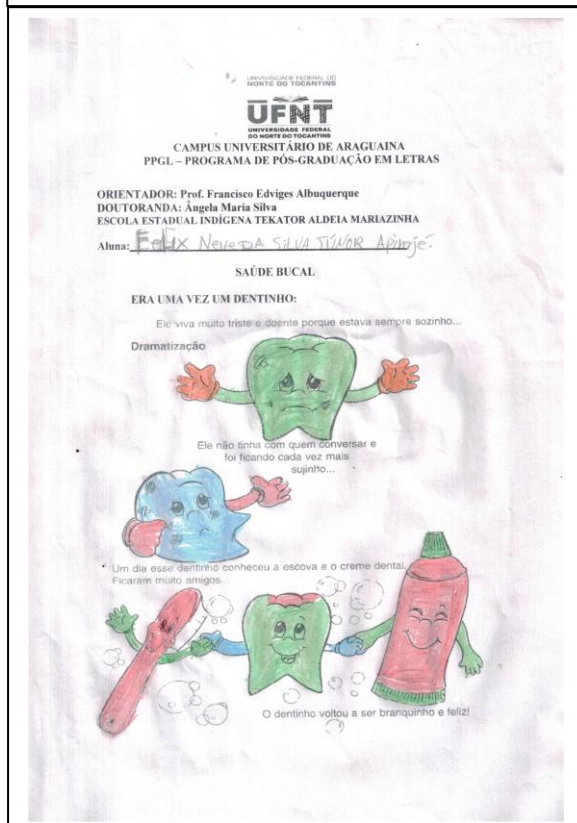


Fonte: Ângela Maria Silva (2022).

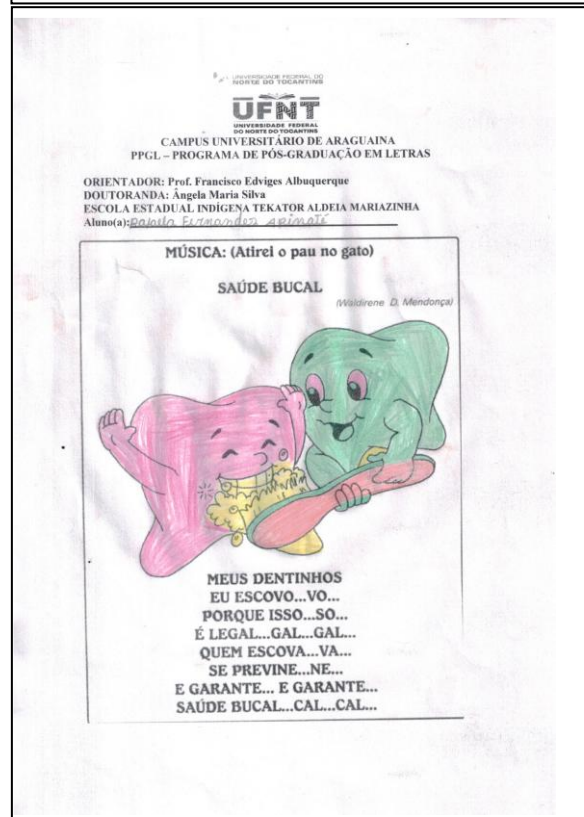
Fig. 13. Criança em atividade na sala de aula.



Fonte: Ângela Maria Silva (2022).

Fig. 14. Atividade lúdica 01 escola Tekator

Fonte: Ângela Maria Silva (2022).

Fig. 15. Atividade lúdica 02 escola Tekator

Fonte: Ângela Maria Silva (2022).

Fig. 16. Criança em atividade na sala de aula escola Tekator.

Fonte. Ângela Maria Silva (2022).

A escola Tekator da aldeia Mariazinha, assim como a Mâtyk da aldeia São José, praticam um ensino e uma educação bilíngue e intercultural que se enquadra nos dispositivos das Lei de Diretrizes e Bases da Educação LDB 9394/1996 e da Constituição Brasileira (1988). Segundo Albuquerque (2007) essa educação deve levar em consideração a situação específica de cada povo, assim como o momento histórico e as atuais implicações de caráter linguístico que fazem com que a educação escolar indígena seja, necessariamente, bilíngue. Nesse sentido, a LDB 9394/96 (Brasil, 1996), determina que a educação escolar indígena deve ter uma gestão diferenciada das demais escolas do sistema de ensino brasileiro, sinalizando para a prática do bilinguismo e da interculturalidade (Almeida, 2011).

Sendo, pois, nossa pesquisa um trabalho que tem a educação indígena bilíngue e intercultural como aporte central, assim como a educação em saúde bucal, utilizamos técnicas de geração de dados que se efetivaram nas línguas Apinayé e portuguesa, visando à aquisição de novo repertório bilíngue, ampliando o que já existe e acrescentando novas palavras. Desse modo, o bilinguismo dos professores indígenas foi primordial, assim como o conhecimento destes da língua portuguesa. Ademais, esta é a grande contribuição de nossa Tese, elevar o repertório dos indígenas e favorecer uma educação bilíngue e intercultural e em saúde bucal que seja eficaz.

1.7.4. A pesquisa na Escola 19 de Abril da aldeia Manoel Alves Pequeno

Fig. 17. Fachada da Escola Indígena 19 de Abril.



Fonte: Facebook da escola (2024).

Excerto 3: Dados Escola 19 de Abril**ALDEIA MANOEL ALVES PEQUENO****Escola 19 de Abril****Zona Rural****CEP. 77770-000****Goiatins - TO****Código INEP: 17029341****Localização: Rural****Dependência Adm.: Estadual****ETAPAS****Ensino Fundamental****Anos Iniciais e Anos Finais****Ensino Médio****Ensino Regular EJA****SITUAÇÃO DA ESCOLA****Matriculas: 208****Reprovações: 0****Abandonos: 0****Professores: 39****Fonte:** Censo Escolar INEP (2023).

A Escola 19 de Abril da Aldeia Manoel Alves Pequeno está localizada numa zona rural do município de Itacajá devidamente registrada no INEP pelo nº 17029341 com dependência administrativa estadual, ofertando as etapas 1 e 2 do ensino fundamental, ensino médio e ensino regular em educação e jovens e adultos. Em 2023, o total de estudantes matriculados era 208, sendo atendidos por 39 professores. Assim como ocorre nas escolas Apinayé, aqui também não constam reprovações nem abandonos (INEP, 2023). Importante destacar o interesse das crianças pela escola, pois, detêm uma curiosidade própria dessa etapa da vida, porém percebemos que os momentos de aprendizagem mais esperados são aqueles em que as dependências da aldeia tornam-se a sala de aula.

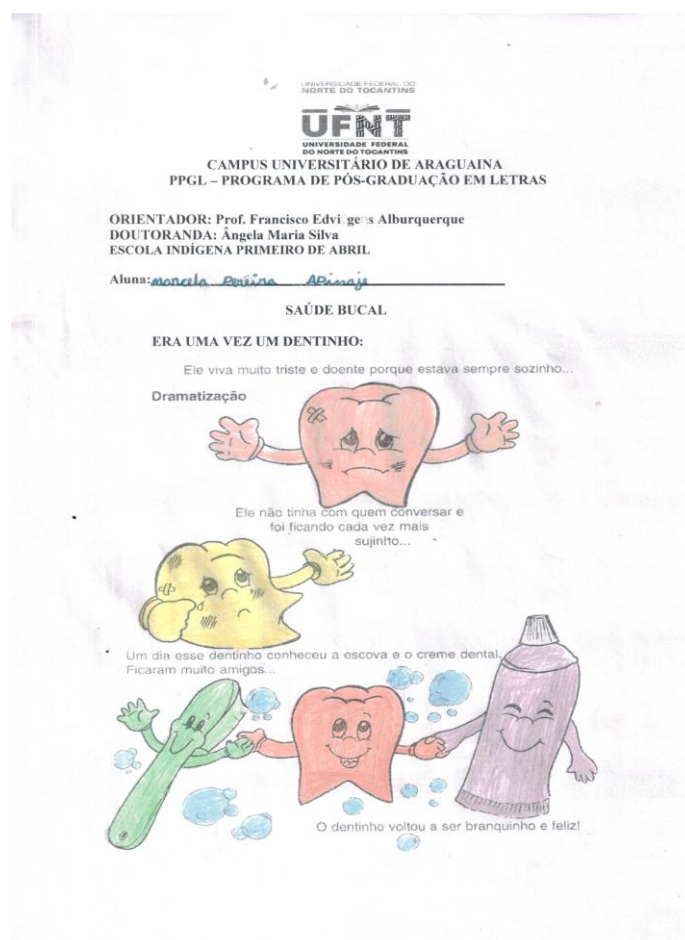
A geração dos dados seguiu a mesma dinâmica aplicada nas escolas Apinayé, atividades em forma de oficina na sala de aula, quando professores discutiram qual a melhor forma de nomear aqueles termos desconhecidos em sua língua de origem, bem como a melhor tradução para palavras que já fazem parte do repertório dos indígenas. As crianças, por conseguinte, se sentiram muito à vontade, pois as atividades voltadas para a higiene bucal eram em forma de desenhos para colorir e cantigas temáticas, enquanto interagiam entre si, com a pesquisadora e com os professores que participavam com entusiasmo.

Fig. 18. Crianças em atividade na sala de aula e a pesquisadora. Escola 19 de Abril.



Fonte. Ângela Maria Silva (2022).

Fig. 19. Atividade lúdica na escola 19 de Abril.



Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Fig. 20. Crianças em atividade fora da sala de aula e a pesquisadora. Aldeia Manoel Alves Pequeno.



Fonte. Ângela Maria Silva (2022).

As crianças indígenas são muito receptíveis às pessoas que chegam à aldeia e, como gostam muito de aprender coisas novas, as atividades escolares são verdadeiras horas de lazer para elas. Nesse sentido, as atividades realizadas fora da sala de aula foram as mais aproveitadas, como podemos perceber na figura 21 acima.

Fig. 21. Interação da pesquisadora com outros pesquisadores durante atividade cultural na aldeia Krahô Manoel Alves Pequeno.



Fonte. Ângela Maria Silva (2022).

Neste capítulo discorreremos sobre a metodologia e os procedimentos metodológicos da pesquisa, a geração dos dados e o constructo social no qual os indígenas estão inseridos. No capítulo a seguir, o centro das discussões são o Brasil e o Tocantins indígena sob a perspectiva etnológica, com destaque para os povos Apinayé e Krahô.

CAPÍTULO II: O BRASIL E O TOCANTINS INDÍGENA NA PERSPECTIVA ETNOLÓGICA

Nesse capítulo, a Tese se expande no âmbito da etnologia, notadamente a etnologia indígena brasileira em sua configuração histórica, considerando, ademais, o contexto indígena do norte do Tocantins, discutindo com argumentos claros estudiosos consagrados, por exemplo, Baldus (1937), Nimuendajú [(1937)1983], Mellatti (1972, 1973, 1977, 1993), DaMatta (1976), Lévi-Strauss (1989), Ribeiro (1995, 2001, 2017), Albuquerque (1999, 2007), Almeida (2012, 2015), dentre outros. O objetivo é compreender a configuração do Brasil Indígena desde sua descoberta em 1500 até os dias atuais. A importância do capítulo reside no fato de que a etnologia em estudos sobre os indígenas no Brasil não é muito estudada e, não obstante, é vista como sinônimo de etnografia. Em nossas discussões, a seguir, buscamos compreender cada uma dessas categorias considerando suas idiossincrasias, ou seja, as características comportamentais peculiares de grupos ou pessoas, no caso de nossa pesquisa, os indígenas Apinayé e Krahô.

2. ETNOLOGIA INDÍGENA BRASILEIRA

[...] Troca-se o índio de papel, o índio dos folhetins e dos missionários, o índio dos políticos e dos demagogos, para se falar num índio inserido num sistema objetivo de necessidades e valores. Fala-se, pois, de um índio que vale tanto quanto nós. Não é nem melhor nem pior, nem mais estúpido nem mais sábio, nem mais mesquinho nem mais generoso. É simplesmente diferente de nós. Nós temos que tentar salvar essas Sociedades não porque reconhecemos uma bondade inata ou uma vocação para a inocência de um índio ideologicamente projetado, mas porque sabemos que aqueles a que chamamos de índios são (afinal e apesar de tudo) homens como nós.

DaMatta (1976, p. 79)¹⁰

Iniciamos o capítulo perguntando, o que é etnologia? E para responder recorremos a Baldus (1937) citando por Nimuendaju (1956, p. 17) que se manifesta afirmando que etnologia etnologia:

[...] é a ciência do povo ou dos povos, isto é, a ciência que estuda as diversas modalidades totais de um povo e suas relações com as modalidades de outros povos. A palavra povo significa, aqui, unidade cultural. Assim, a etnologia estuda a unidade cultural no que diz respeito à sua singularidade local e temporal e às suas relações com outras unidades culturais.

¹⁰ A fala de Da Matta “[...] é sobre os Apinajé, mas que muito bem pode se estender a todas as nações indígenas brasileiras (Almeida, 2015, p. 311).

Assim como a etnografia, a etnologia é uma ciência que lida com o estudo da historicidade do homem e, nesse sentido, se insere no campo de estudo da antropologia. Enquanto o estudo da etnografia incorpora o uso de detalhes descritivos na análise de uma sociedade, povo ou etnia, a etnologia, por conseguinte, descreve as atividades etnográficas. Para termos um conceito mais preciso, recorreremos a Houaiss (2001) que assegura ser a etnologia a ciência que estuda os fatos e documentos revelados pela etnografia, no domínio da antropologia cultural e social, visando a uma apreciação analítica e comparativa de culturas e povos.

Lévi-Strauss (1989) insere a etnologia na perspectiva da antropologia estrutural, compreendendo-a, também, diferentemente de etnografia. Para esse autor, a etnografia é, efetivamente, uma observação participante que analisa grupos humanos considerados complexos, escolhidos, por razões teóricas e práticas, mas que não se limitam à natureza da pesquisa, buscando a reconstituição, tão fiel quanto possível, da vida de cada um deles. Enquanto isso, a etnologia vale-se do modo comparativo de percepção, servindo-se dos estudos realizados pelos etnógrafos. Como podemos compreender, tanto a etnologia quanto a etnografia atendem aos nossos objetivos na pesquisa que aqui descrevemos e analisamos.

Para efeito das nossas pretensões, estudamos a etnologia indígena brasileira, fazendo um recorte dos escritos sobre os indígenas Apinayé e Krahô, em descrições de estudos etnográficos históricos e atuais, com ênfase a Curt Nimuendaju (1956) que escreveu a primeira monografia sobre os Apinayé na década de 1930 (reeditado em 1956) e Roberto DaMatta (1976), e os Krahô a partir dos escritos de Júlio César Melatti na segunda metade do século XX. Nos dias atuais, destacam-se as pesquisas voltadas para a área educacional e linguística, com pesquisadores vinculados aos mais diversos programas de pós-graduação do país, em estudos alcançando diversos povos indígenas que, segundo o IBGE (2022) são mais de 300 povos, contando com cerca de 1.690.000 pessoas.

A etnologia brasileira analisa as transformações e desafios enfrentados pelas diferentes culturas ao longo do tempo, em função de processos como a colonização, a escravidão, a urbanização, a globalização e a interação com outras culturas. Os etnólogos brasileiros realizam trabalhos de teor empírico a partir de pesquisas etnográficas, que relatam uma convivência com os povos estudados, considerando seus modos de vida, registrando suas práticas e conhecimentos adquiridos de seus ancestrais. Esses estudos contribuem para a preservação e valorização da diversidade cultural brasileira, além de auxiliar na formulação de políticas públicas mais inclusivas e respeitosas com a pluralidade étnica do povo brasileiro.

2.1. O Brasil colonial e a questão indígena

Para melhor compreensão do que buscamos nesta seção apresentamos, inicialmente, uma breve configuração etnológica da historicidade dos indígenas brasileiro desde o período colonial. Em seguida temos uma seção contemplando a região norte onde se encontram os Apinayé e os Krahô, sendo estes o tema central da discussão.

O colonialismo persistiu no Brasil durante quase quatro séculos. No século XVI a população indígena era cerca de 7.000.000 de nativos (Ribeiro, 2001), falantes de aproximadamente 1.300 línguas (Rodrigues, 1986), com costumes, culturas e formas de organização social e política que os caracterizavam como pessoas autônomas que não precisavam de serem “descobertas”. Segundo Ribeiro (1995), a colonização portuguesa trouxe profundas e dramáticas mudanças para a vida dos povos indígenas que aqui habitavam há tempos indefinidos. A exploração dos recursos naturais, notadamente o Pau-Brasil, impactou diretamente as comunidades indígenas, as quais foram submetidas ao trabalho escravo e expostas à violência extrema, bem como à vulnerabilidade das doenças trazidas pelos invasores. Foi um período de expressivo genocídio, quando milhares de tribos foram dizimadas, deslocadas ou escravizadas, tendo suas terras tomadas pela força bruta. Aqui já era possível perceber quem eram os bárbaros e quem eram as vítimas.

Junto com os invasores, vieram as missões religiosas jesuíticas com o objetivo explícito de catequização dos nativos, buscando, também de forma violenta, a conversão destes ao cristianismo, tendo como alvo principal a crianças, as quais eram proibidas de falar em suas línguas nativas, enquanto estavam fadadas à matança generalizada por fome e maus-tratos. Porém, as ações dos jesuítas diferenciavam-se dos demais invasores, pois foram eles que estabeleceram a ideia de aldeias indígenas, denominadas de missões, onde os indígenas eram instruídos na fé cristã, negando-lhes suas cosmologias. Os jesuítas ensinavam habilidades agrícolas e artesanais que foram muito importantes para uma posterior sobrevivência dos indígenas, pois tinham inteligência para aprender, principalmente as mulheres. Essas missões foram alvos de disputas sangrentas entre colonos e a Coroa Portuguesa, pois exerceram um papel importante na preservação da cultura indígena (Ribeiro, 1995).

Apesar dos desafios enfrentados, os povos indígenas brasileiros resistiram às pressões impostas pelos colonizadores. Alguns grupos conseguiram se manter isolados, preservando suas tradições, línguas e formas de vida. Outros tiveram que se adaptar às

novas realidades, buscando formas de sobrevivência nas áreas rurais, mas privados de sua liberdade, e assim foram rapidamente dizimados.

Nessa perspectiva, surgem os estudos sobre a questão indígena do Brasil colônia, compreendidos como etnologia dos povos originários brasileiros. Tais estudos se concentram em analisar as características e dinâmicas sociais, políticas, econômicas e culturais das diferentes etnias e grupos étnicos que compõem a população brasileira desde então. Tais estudos, como os de Ribeiro (1995), dimensionam a colonização como um período que corresponde ao processo de chegada, ocupação e exploração do território brasileiro que foi realizada por invasores europeus, notadamente portugueses, no período que compreende os séculos XVI e XIX. Os portugueses chegaram ao Brasil em 1500, implantando as primeiras iniciativas mais consistentes de ocupação e colonização, ocorridas mais ostensivamente a partir da década de 1530. Durante o período colonial, o Brasil indígena passou por transformações que nos desafiam a compreender o que leva seres humanos a dizimarem outros seres humanos somente para satisfazer sua ganância, autores e atores das mais indignas barbáries, escravizando, assassinando e, como se não bastasse, colocando-se na posição de vítimas (Ribeiro, 1995).

2.2. Os indígenas do Brasil hoje: quem são, onde estão, quantos são?¹¹

Dados do IBGE (Brasil, 2022), informam que há quase 1,7 milhão de indígenas no país, o que equivale a 0,83% da população total de 203,1 milhões de pessoas. O número exato da população indígena levantado foi de 1.693.535 pessoas, um contingente encontrado pelo instituto tanto dentro quanto fora de terras indígenas. Assim, o número de indígenas em 2022 é 88,8% maior do que o contado no recenseamento anterior (896,9 mil), em 2010. É ainda do IBGE (2022) a informação de que a população indígena do Brasil, 51%, encontra-se no território da Amazônia Legal, ou seja, 867.919 indígenas vivem na região, reconhecida por sua importância ambiental e marcada por disputas fundiárias. Contudo, a maior parte vive fora de territórios demarcados, ou seja, 1.071.469 indígenas vivem nessas condições, o que equivale a 63,27% do total. Em Terras Indígenas (TIs) há 622.066 pessoas, o que corresponde a 36,73% (IBGE, 2022).

Os estados do Amazonas e da Bahia são os que têm maior número de indígenas no Brasil. O Amazonas conta com 490.854 e a Bahia, 229.103. Juntos, esses dois estados concentram 42,51% dessa população. Em seguida estão Mato Grosso do Sul com 116,4

¹¹ De acordo com dados do censo do IBGE (Brasil, 2022).

mil, Pernambuco com 106,6 mil e Roraima com 97,3 mil. Esses cinco estados correspondem a 61,43% de toda população indígena do Brasil.

Fig. 22. Mosaico dos Povos Indígenas de Brasil¹².



Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki>. Acesso em: 03-jul-2024.

Além da população indígena que habitam em seus territórios existe um expressivo número de indígenas que são considerados “indígenas urbanos”. Nesse sentido, o Censo do IBGE (2022) apontou que quase 90% das cidades do Brasil têm moradores indígenas. De um total de 5.570 municípios existentes, 4.832 têm moradores indígenas. Manaus, capital

¹² Indígenas respectivamente dos povos: Ashaninka, Assurini, Bororo, Kayapó, Guajajara, Kaiowá, Kuikuro, Kaingang, Zo'è, Yanomami, Xacriabá, Yawalapiti, Wauja, Waiwai, Terena e Rikbaktsa. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Povos_ind%C3%ADgenas_do_Brasil. Aceso em: 03-jul-2024.

do Amazonas, é a cidade do Brasil com maior número, ou seja, 71.713 indígenas residem nessa cidade do norte do Brasil. Outra informação importante é que Uiramutã, em Roraima, é o município do país com a maior proporção de indígenas na população total, pois dos 13.751 habitantes da cidade, 13.283 são indígenas, contabilizando 96,60% do total.

Os indígenas alcançados pelo censo apresentam uma idade mediana de 25 anos, 10 anos abaixo da idade mediana da população residente no Brasil. Quando residem dentro de terras indígenas, têm uma idade mediana de 19 anos, ou seja, 16 anos abaixo da idade mediana da população residente no Brasil. O Acre apresenta a menor idade mediana entre a população indígena (17 anos de idade) seguido por Roraima e Mato Grosso (ambas com 18 anos). Verifica-se, assim, que 56,10% dos indígenas têm menos de 30 anos de idade, enquanto a população residente do Brasil tem 42,07% da população nessa mesma faixa etária. Não obstante, 10,65% da população indígena tem 60 anos ou mais, enquanto essa faixa de idade representa 15,81% da população total residente do país.

Ainda, segundo o IBGE (Brasil, 2022), o maior percentual de pessoas indígenas concentra-se na faixa de idade entre zero e 14 anos, 29,95%. Em terras indígenas essa faixa de idade chega a 40,54%. Considerando os grupos de idade recomendados para frequência nos ciclos educacionais da educação básica, a população indígena até 17 anos de idade é de 606.359 indígenas.

Na comparação entre os Censos 2010 e 2022, as Terras Indígenas (TI) que apresentaram maior variação positiva absoluta na população de 17 anos de idade ou menos foram a “TI Raposa Serra do Sol”, em Roraima (mais 4.815 indígenas nessa faixa), a “TI Munduruku”, no Pará, com variação de 3.134, e a “TI São Marcos”, RR, com variação absoluta de 2.280 pessoas indígenas com 17 anos ou menos, de idade. A região norte tem o menor índice de envelhecimento da população indígena: 19 pessoas com 60 anos ou mais para cada 100 indígenas de até 14 anos de idade. “A pirâmide etária da população indígena apresenta formato triangular, com base mais larga, mais acentuado dentro das Terras Indígenas”. Já “[..] em relação ao sexo da população residente é de 94,25, ou seja, 94 homens para 100 mulheres. Entre indígenas era 97,07, indicando que para cada 97 homens indígenas foram identificadas 100 mulheres indígenas (FUNAI, 2023, on line, s/p).

2.3. Para onde caminham os indígenas do Brasil?

A escolha da imagem 24, na página seguinte, para iniciar uma breve reflexão acerca do destino dos indígenas brasileiros na atualidade, não é aleatória. Nela é possível perceber

que existem indígenas com adereços que revelam muito da cultura de cada povo, mas que tem em comum uma notada descaracterização desses mesmos povos, quando elementos da sociedade não indígena se revela como algo não somente incorporado aos seus modos de viver, mas que é uma prática irreversível. Não que isso seja ruim, mas na medida em que os indígenas se despem de suas características étnicas que lhes conferem identidade, vão-se tornando um brasileiro igual aos outros, pelo menos em suas vestimentas e costumes. O grupo fotografado está ali, diante de uma “Corte”, uma bancada que decidirá os seus destinos, a invasão de suas terras, as dificuldades no processo educativo, o trabalho negado e uma saúde precária em todos os sentidos¹³.

Fig. 23. Indígenas do Brasil atual (2024).



Fonte: <https://raizesds.com.br/pt/onde-vao-parar-indios-brasil>. Acesso em: 30-jul-2024.

Segundo Lima (2006, p. 14), os indígenas do Brasil têm que lidar com aspectos da experiência de vida no âmbito da contemporaneidade, cujos “[...] desafios se colocam vis-à-vis aos preconceitos, aos estereótipos e às visões parciais que os próprios jovens estudantes indígenas têm que enfrentar na escola ao procurarem ver-se de forma positiva e livres dos clichês”, que os reproduzem muito mais às imagens construídas pelos colonizadores do que ao seu modo atual de ser. Esse autor considera primordial que os

¹³ Fonte: <https://raizesds.com.br/pt/onde-vao-parar-indios-brasil>. Acesso em: 30-jul-2024.

indígenas lutem “[...] para se projetarem no futuro e construírem um presente melhor, à luz de suas tradições culturais diferenciadas e das restrições colocadas pelas múltiplas realidades do nosso país no presente” (Lima, 2006, p. 14). A (con)vivência com uma sociedade que é majoritária e hierarquiza culturas, está inserida num contexto de uma globalização hegemônica, assim como a sociedade que a reproduz, é regida pelas tecnologias modernas, colocando cada dia mais os povos originários à margem dos bens historicamente construídos, sem outra alternativa que não seja a educação.

Então, é nesse cenário nada confortável que realizamos a nossa pesquisa, pois ao sinalizar com uma educação que irá contribuir para melhorar a vida nas aldeias Apinayé e Krahô, através da aquisição de novos conhecimentos que serão aliados aos que eles detêm secularmente, como é o caso da saúde bucal, esperamos poder melhorar de algum modo a qualidade de vida da população. As crianças aprendem na escola, levam para suas casas, e socializam com a família. É, pois, a educação bilíngue, intercultural e em saúde bucal, atuando e melhorando a vida nas aldeias indígenas Apinayé e Krahô.

2.4. Os Indígenas do Tocantins

Coexiste uma história de luta e resistência na região norte do Brasil, mais precisamente no estado do Tocantins, local onde habitam povos indígenas de norte a sul, somando um total de 20.023 indígenas (IBGE, 2022). O censo não traz detalhes da origem desses povos, mas o DSEI (2023) informa que são nove etnias: Karajá, Karajá-Xambioá, Javaé, Xerente, Apinayé, Krahô, Krahô-Kanela, Avá-Canoeiro e Fulni-ô, além de dois outros povos dispersos, Guarani e Pankararu. Ainda de acordo com o IBGE (2022), o Tocantins é o segundo estado do Brasil com o maior percentual de pessoas declaradas indígenas, vivendo dentro de terras demarcadas com uma porcentagem de 75,98%, ficando atrás somente do estado do Mato Grosso com 77,39%. Porém, devido à situação de contato com a sociedade dominante, a maioria destes povos encontra-se desprovida de suas línguas originais e cultura tradicional, quando o legado de seus ancestrais simplesmente se perdeu, mantendo a muito custo alguns rituais, não livres da aculturação¹⁴.

2.4.1. População Indígena do Tocantins¹⁵

¹⁴ Fenômeno recorrente nas situações de contato interétnico, a aculturação é um processo intercambiante entre culturas, que pode ser prolongado ou permanente, envolvendo duas ou mais culturas que permutam entre si (Almeida, 2015).

¹⁵ Fonte: Governo do Estado do Tocantins (2023). Disponível: <http://www.palmas.org/tocantinsindios.htm>. Acesso em: 02-jul-2024.

Do total de 20.023 indígenas, 15.213 (75,9%) vive em terras indígenas, enquanto 4.810 (24%) reside fora delas, o que representa mais do que a média nacional, sendo 36,7% vivendo em territórios e 63,2% não. Segundo Mazzola (2023, *on line*, s/p), um dos dados que surpreendeu no senso do IBGE (2022) foi a distribuição da população indígena nos municípios tocantinenses pois, dos 139 atendidos pelo censo, há pelo menos uma pessoa autodeclarada indígena em 125 deles, ou seja, somente em 14 municípios do Tocantins não há indígenas. “Para o diretor de Proteção aos Povos Indígenas, Paulo Xerente, uma das explicações é o fato dos estudantes universitários indígenas estarem matriculados em municípios diferentes daqueles das suas aldeias” (Mazzola (2023, *on line*, s/p).

Fig. 24. Indígenas do Tocantins e sua diversidade cultural.



Fonte: Foto: <https://www.to.gov.br/noticias/povos-indigenas-integram-colcha-de-retalhos-da-cultura-tocantinense>. Acesso em: 02-jul-2024.

Segundo a Secretária dos Povos Originários e Tradicionais do Tocantins Narubia Silva Werreria:

“Ocorre um fenômeno só com a população indígena que é como se deixássemos de ser indígenas por irmos para outros lugares, adquirirmos bens de consumo que não fazem parte da nossa cultura. Nenhum brasileiro vai deixar de ser brasileiro se for morar no Japão, mas as pessoas queriam nos rotular como não indígenas por hoje estarmos nas cidades, por cursarmos uma universidade, por termos um celular. Isso faz parte de um apagamento da nossa identidade, de um apagamento preconceituoso, porque quer dizer que os indígenas não existem mais, portanto não poderiam reivindicar suas terras e serviços especializados. Esses dados mostram que estamos em todos os lugares e devemos sim ter políticas públicas

específicas para a população indígena independente de onde estiver” (Werreria, 2023, on line, s/p). (Aspas duplas do texto original).

Conforme o IBGE (2022), as cidades com maior população indígena no Tocantins são: Tocantínia (4.086), Goiatins (2.650), Tocantinópolis (2.352), Lagoa da Confusão (2.340), Formoso do Araguaia (1.633), Itacajá (1.195), Pium (983), Gurupi (802), Palmas (645) e Maurilândia do Tocantins (483). Em relação à proporção na população total dos municípios, os maiores são Tocantínia (54,8%), Goiatins (21,3%), Itacajá (17,5%), Maurilândia do Tocantins (15,6%) e Lagoa da Confusão (15,3%). Ainda de acordo com o censo (2022), em 12 municípios no Tocantins há indígenas vivendo em terras indígenas. O Parque Araguaia é a terra indígena com maior população do Estado. Quanto aos domicílios particulares permanentemente ocupados por um morador indígena no Tocantins, há 5.772, o que representa 24.462 pessoas, ou seja, a média de moradores no estado foi de 4,24 em cada um deles, média foi maior do que a do país, apontada como 3,64 pessoas.

2.5. Os Krahô: final do século XX e primeiras décadas do século XXI

Os estudos etnológicos sobre o povo indígena Krahô avançam de acordo com a cronologia historiográfica que os revelou como povo que segue buscando a manutenção e preservação de suas tradições. Júlio Cesar Melatti no conjunto de sua obra, informa que a história recente do povo Krahô começa quando estes, para preservar a sobrevivência do grupo, entram em contato pacífico com os não indígenas, na região de fronteira interestadual entre o Maranhão e do Tocantins, nas áreas adjacentes que abrangem os rios Tocantins, Farinha, Alto-Itapecuru, Parnaíba, Perdido e Sono. Segundo Melatti (1972), neste território por mais de 400 anos os Indígenas Krahô foram, compulsoriamente, submetidos a um processo de “desterritorialização e reterritorialização”¹⁶ constante.

Segundo Melatti (2009) a exploração econômica tendo como base investimentos na agricultura e na pecuária, historicamente trouxe consequências dramáticas para esse povo, relatando que em 1755 foi criada a “Companhia Geral do Comércio do Maranhão e do Grão-Pará” com o objetivo de estimular a agricultura através da oferta de crédito, escravos africanos e ferramentas. Para esse autor, tal incentivo fomentou o plantio do algodão e arroz branco na região de Carolina (MA), intensificando ainda mais os investimentos nos

¹⁶ A desterritorialização é um movimento pelo qual se abandona o território, “é a operação da linha de fuga”, e a reterritorialização, como o movimento de construção do território. Os agenciamentos têm como características os movimentos de desterritorialização/reterritorialização, os estados de coisas (agenciamentos maquímicos) e os enunciados (agenciamentos coletivos de enunciação) (Ferreira, 2010). In: Enes e Bicalho (2014, p. 199).

territórios do povo indígena Krahô, atraindo grupos populacionais para as cidades adjacentes à região.

Fig. 25. Indígenas Krahô em atividade festiva.



Fonte: Emerson Silva/Governo do Tocantins. Disponível: <https://www.to.gov.br/noticias/povos-indigenas-integram-colcha-de-retalhos-da-cultura-tocantinens>. Acesso em: 02-jul-2024.

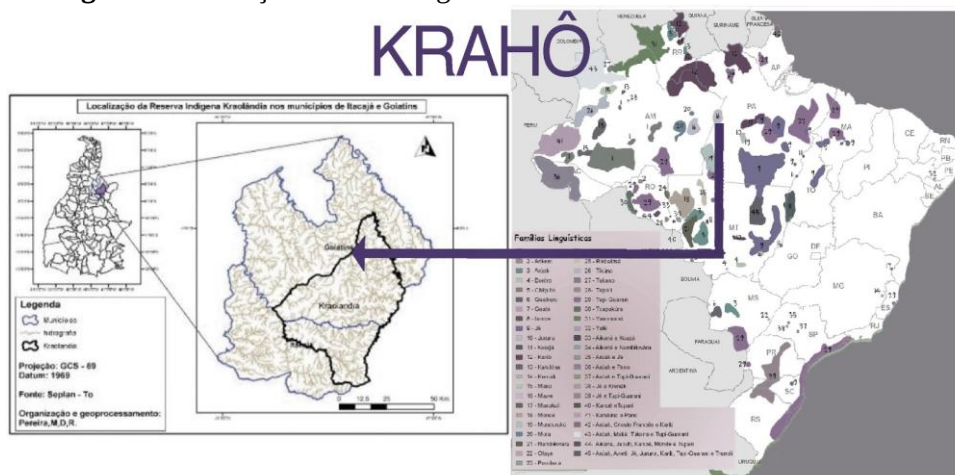
Conforme estudo de Leite, Albuquerque e Almeida (2021), a convivência prolongada dos Krahô com a sociedade não indígena se efetiva desprovida de reviravoltas e inversões de situação, ora os indígenas atuando como aliados dos fazendeiros, ora por estes massacrados, conforme Ribeiro (1995). Segundo Melatti (2009), nos anos de 1950 os Krahô seguiram um profeta que prometia transformá-los em civilizados, e em 1986 empenharam-se em uma reivindicação que implicava justamente no oposto, ou seja, na sua afirmação étnica como povo tradicionalmente indígena.

2.5.1. Localização e Aldeias

Os indígenas Krahô se caracterizam por ser um povo de alegria genuína (Muniz, 2023). O grupo habita em terras homologadas situadas na região de Itacajá e Goiatins distante, 268km de Palmas, capital do estado do Tocantins. Segundo Melatti (1995) são 302.353 mil hectares de floresta e cerrado. A terra demarcada pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI) mediante Decreto de nº 102, de 05/08/1944, publicado no Diário Oficial do Estado de Goiás em 10/08/1944, porém só foi homologada 46 anos depois, no ano de 1990, pelo Decreto-Lei nº 99.062, de 07/03/1990 (Araujo, 2015). Segundo informações do Dsei

(2023), a População Krahô soma 3.848 indígenas sendo 1.973 homens e 1.875 mulheres, distribuídos por 55 aldeias.

Fig. 26. Localização da terra indígena Krahô.



Como está muito bem apresentado na figura 27 acima, as aldeias têm forma circular, seguindo as características etnoculturais dos povos Jê. A Corrida da Tora é um evento que acontece anualmente. Segundo Costa e Albuquerque (2019), as corridas de tora são realizadas em associação com algum rito, segundo o qual variam os grupos participantes, a forma das toras e o percurso da corrida. Esses autores recorrem a Melatti (1973), informando que sempre se utilizam duas toras iguais, havendo ocasiões rituais que requerem mais de duas para cada grupo participante, que são sempre os membros de metades opostas. Ademais as toras sempre são feitas do tronco do buriti, mas há uma variedade de formatos de tora, feitas com materiais e tamanhos diferentes.

A corrida se inicia quando um dos membros do grupo, ajudado pelos companheiros, coloca a tora aos ombros e sai correndo, seguido pelos demais. Assim que este se mostra cansado, um dos companheiros o substitui. Desta forma, a tora vai sendo passada de um ombro a outro até o final da corrida. As corridas ocorrem diariamente, podendo acontecer pela manhã e à tarde (Costa e Albuquerque, 2019, p. 223).

Mulheres e crianças também podem participar de corridas de tora entre os Krahô, tal qual ocorre com a corrida dos homens, muito embora este fato não seja muito recorrente. No caso da corrida de crianças meninos correm contra meninas. Conforme Costa e Albuquerque (2019), toras destinadas às mulheres são mais leves do que as dos homens, assim como também para as corridas infantis, as quais são confeccionadas de acordo com a capacidade física das crianças.

Fig. 28. Corrida de tora para homens Krahô.



Fonte: <https://cimi.org.br/2019/10/povo-kraho-realiza-encontro-em-defesa-dos-direitos-constitucionais-e-faz-apelo-aos-ministros-do-stf/> Acesso em: 05-set-2024.

Os Krahô são reconhecidos pela preservação de suas tradições e celebrações que acontecem regularmente. Possuem como símbolo sagrado uma machadinha de pedra chamada de Kàjrê¹⁷, que passou vários anos sob custódia da Universidade de São Paulo USP, até ser recuperada. A corrida de toras em torno do pátio central das aldeias é uma das tradições. As toras de buriti são especialmente preparadas para as festividades, como a Festa da Batata (Panti), a Festa do Milho (pônhê), a Festa Wythô, a Empenação das Crianças e a Feira das Sementes (Costa e Albuquerque, 2019).

No universo sociocultural dos Krahô, onde eles buscam preservar costumes e tradições herdadas de seus ancestrais, cria-se um espaço para a interações dos indígenas com outros indígenas e também com a sociedade não indígena. Nesse sentido, apresentamos, a seguir, como os indígenas estabelecem essa rede de conexão, tendo como fundamentação pesquisa realizada por Franco (2021) e Muniz (2022).

2.5.2. Aldeia digital: o protagonismo Krahô

Os Krahô são um povo indígena conectado com mundo. Em suas pesquisas, Franco (2021), identificou que as aldeias Krahô passam por um processo de digitalização que ocorre no âmbito de uma alteração da condição comunicativa, no modo de habitar um lugar. O autor recorre a Di Felice (2009) compreendendo que essa alteração não ocorre somente no âmbito das relações sociais, mas dentro de uma ecologia que envolve um processo de interação e interatividade em ambientes digitais e não digitais, considerando, dentre outras situações, “[...] os rituais, as práticas xamânicas, o espaço de voz e afirmação étnica. Além de tudo, no processo de digitalização foi possível visualizar a extensão das redes Krahô, a partir de monitoramento por software” (Franco, 2021, p. 34).

2.5.2.1. Mapeando as redes digitais Krahô

Nas terras indígenas Krahô existem várias aldeias interligadas, as quais estão orquestradas em uma rede não digital. Cada uma constitui núcleos, com um cacique e outras lideranças, que utilizam o pátio da aldeia, espaço social por excelência, para ações do uso comum, partilha da comida, rituais, tomada de decisões e comunicação das decisões. É o que entendemos por governança compartilhada (Franco, 2021).

¹⁷ Kàjrê é um machado cerimonial do tipo semilunar que originalmente pertencia aos índios da etnia krahó, mas que em determinado momento passou a integrar o acervo do Museu Paulista. Os índios reivindicavam de volta a posse do machado, num debate que durou anos, mas que acabou por ter um desfecho favorável às reivindicações indígenas e o artefato retornou ao povo de origem, voltando a ser usado regularmente em seus rituais (Melo, 2010).

2.5.2.2. As aldeias digitais Krahô como espaços de debate

A incidência das tecnologias digitais nas aldeias indígenas Krahô é uma realidade. Porém, as comunidades enfrentam os desafios das demais regiões do interior do Brasil. Segundo Franco (2021), a energia elétrica somente chegou nas terras da Kraolândia em setembro de 2015.

Não obstante,

[...] a falta de energia nunca impediu os Krahô de ter acesso aos eletrônicos ou até mesmo à Internet. E as aldeias digitais (Digital-krĩ), projetadas na Internet, se tornaram extensões do território. Um dos primeiros perfis do Facebook apareceu ainda no ano de 2011. Testes de Internet já haviam ocorrido, no território, em 2005 e 2006. O que não era movido à bateria, estava ligado ao gerador. O acesso às redes digitais podia acontecer ainda durante as visitas à cidade. Até o ano de 2015 tudo era movido à bateria. Simultaneamente a quantidade de lixo eletrônico também se espalhou pelas aldeias (Franco, 2021, p. 39).

Um ano após a chegada da energia elétrica, em junho de 2016, o sinal de internet havia sido implantado nas aldeias Manoel Alves e Mangabeira. O sinal de Wifi é compartilhado.

Nesse sentido,

[...] não é difícil de navegar no Facebook e encontrar jovens Krahô se apropriando e dando significados próprios às redes digitais. Nem todos dominam o uso dos dispositivos, então se aglomeram ao lado de quem sabe navegar. Devemos recordar que esses povos são da oralidade e da performance, desse modo, as linguagens audiovisuais são mais atraentes para consumo e produção de conteúdo. A aldeia ganha uma extensão digital, a Digital-krĩ (Franco, 2021, p. 42).

De acordo com Muniz (2022, p. 109):

Estes espaços digitais, também tomam a importância de um lugar de voz e reivindicação, para demandas locais, ações ativistas em ambiente, no desejo de resolver problemas sobre proteção de suas terras, benfeitorias para a comunidade local, experiências essas articuladas com outras aldeias, povos, autoridades, instituições, apoiadores das causas indígenas, entre outros. Na Aldeia Manoel Alves Pequeno existe uma escola, ofertando os ensinos fundamental e médio, com unidade de saúde, energia elétrica, e computadores conectados à internet. Em função da proximidade com a cidade, é comum na aldeia movimentação de motos, bicicletas, carros, uso de celulares, inclusive por crianças, e outras formas de acesso às tecnologias.

Apesar de a telefonia ter chegado às terras indígenas Krahô, nem todas as aldeias contam com telefone e/ou sinal de celular. Exemplo, é a Aldeia Galheiros, distante 50 km da aldeia Manoel Alves, que para que se usar o celular deveria andar aproximadamente 10 km, para conseguir um sinal de telefonia móvel. Ademais, as ligações são realizadas do alto de um morro. Segundo (Franco, 2021, p. 43) “[...] as redes de trilhas geográficas que

conectam as aldeias passam a conectar o restante do mundo, com ajuda de sinas 2G e 3G, tornando os lugares cada vez mais tecnificados ou um tecno-krĩ, (aldeia tecnológica) ”. As trilhas são simbólicas e bem definidas, conforme a imagem 30 a seguir.

Fig. 30. Ponto para telefonemas e sinal de Internet entre os Krahô.



Fonte: Franco (2021, p. 40).

Antes da energia elétrica chegar à aldeia à Manoel Alves, era utilizado um gerador comunitário o qual era ligado uma vez ao dia, quando era comum um frenesi dos jovens para carregar as baterias dos celulares, uma vez que as tomadas não eram suficientes.

Enquanto o gerador trabalhava, os mehĩ aproveitavam para atualizar uma conversa ou outra. Porém, isso não interferia na cantoria e nas reuniões de pátio que seguiam seu curso normal. A prática é frequente, mas passou a contar com a presença de dispositivos eletrônicos. Cahxê é professor na Aldeia Manoel Alves e diz que os jovens há alguns anos já não se interessam do mesmo modo pelas músicas, rituais e/ou histórias Krahô. Cada vez mais “eles gostam mais de falar no celular, tecnologia, Facebook” (Roberto Cahxê, 16/07/2015 apud Franco 2021, p. 41). (Aspas duplas do texto original).

Com efeito, mesmo antes de chegar energia elétrica na Kraolândia a internet via modem já era de uso habitual. O serviço foi oferecido, inicialmente, na escola indígena por conta de incentivos do governo federal. Um fato complexo, já que o sistema elétrico ainda não funcionava. Porém, esse tipo de política sem planejamento não é difícil de ser identificada, gerando transtornos ambientais. “Percorrendo as aldeias, é fácil encontrar carcaças de computadores que foram utilizados poucas vezes ou que nem chegaram a servir à comunidade. Além do custo com combustível, os geradores não tinham potência suficiente para mantê-los funcionando” (Franco 2021, p. 41).

Franco salientar, ainda, que mesmo com a internet e seus artefatos “invadindo” as aldeias Krahô, as reuniões acontecem com a frequência que a situação exija, inclusive nas vizinhanças. São os Wýtý, um dos espaços de discurso e debate, que acontecem, conforme ilustra a figura 42 quando é possível constatar a fala de um ancião assim como o ocorre no Wá (pátio). Conforme podemos perceber na figura, a fala foi dividida com o Wô Po, um bastão que transmite e transparece sabedoria a quem está falando. Simultaneamente, ao fundo estão sentados no chã outros membros da reunião, navegando na internet. “A imagem é marcante porque mostra a realidade indígena na era digital. Da mesma forma que em uma sala de aula, o orador cobra a atenção e isso acaba impactando em algum conflito” (Franco 2021, p. 41).

Fig. 31. Debate no Wýtý.



Fonte: Franco (2021, p. 41).

É essa a realidade com a qual as comunidades indígenas têm que lidar. Assim como acontece na sociedade não indígena, não são apenas jovens e adolescentes que são

alcançados pela sedução das redes sociais, mas também crianças e adultos. Porém, nota-se certa resistências pelos anciões, que do alto de sua sabedoria percebem que este é um caminho sem volta.

2.6. Por uma Etnologia dos Apinayé

Já não se fala mais em índio (que é uma categoria ideológica, social e historicamente determinada) para se falar em Apinayé, em Kanela, em Krahô, em Kayapó... Abandona-se o “bom selvagem” para se tentar mostrar o homem Apinayé real, conquanto membro de uma totalidade organizada de homens que ordenam o mundo do mesmo modo. Deixa-se de lado a ficção sobre o mundo tribal, para se descrever como uma sociedade indígena opera no terreno, com suas regras, suas ideias e suas contradições.

Roberto da Matta (1976, p. 79).

A etnologia dos Apinayé se sustenta em históricas e atuais etnografias. Seu iniciou deu-se ainda na década de 1930, quando o etnólogo Curt Nimuendajú visitou esse povo permanecendo entre eles por cerca de uma década. Nos anos 1970 o antropólogo Roberto DaMatta se instalou nas aldeias Bacaba e Mariazinha para produzir sua tese de doutorado em Harvard, Estados Unidos da América. No final da década de 1990 e nas duas primeiras décadas dos anos 2000, foram produzidos trabalhos de muita relevância, voltados para a educação e valorização linguística.

Historicamente, os Apinayé são considerados remanescentes dos Timbiras orientais, e têm uma etnologia tão rica quanto sua etnografia, de sorte que precisamos de fazer uma criteriosa revisão das publicações das últimas décadas, escolhendo a muito custo aquelas que consideramos mais relevantes. Porém, não pudemos prescindir dos trabalhos de Curt Nimuendajú e Roberto DaMatta. Isso porque, em nossa caminhada para realizar nossa pesquisa, percebemos que todos os estudos sobre essa etnia indígena obrigatoriamente se reportam a um ou outro, quando não, os dois desfilam nas dissertações de mestrados, teses de doutorados, relatórios de pós-doutorado e dezenas de artigos científicos, favorecendo discussões de altíssimo nível intelectual e acadêmico. Destaque é dado às produções do Laboratório de Línguas Indígenas (LALI/UFNT)¹⁸, e o Núcleo de Estudos e Pesquisa com Povos Indígenas (NEPPI/UFNT) que dispõe de, forma *on line*, uma verdadeira biblioteca virtual, atendendo aos mais variados temas de estudos indígenas.

¹⁸ LALI: Laboratório de Línguas Indígenas / Núcleo de Estudos e Pesquisa com Povos Indígenas UFNT: <https://ufnt.edu.br/lali/>.

Com efeito, atualmente destacam-se as pesquisas coordenadas por Francisco Edviges Albuquerque, abrangendo desde a alfabetização, formação de professores, educação intercultural e bilíngue e intercultural, linguística, sociolinguística e material didático-pedagógico. A tenacidade desse pesquisador vem dando visibilidade não somente aos indígenas Apinayé, mas também aos Krahô e demais povos indígenas do Tocantins, Maranhão e Mato Grosso.

2.6.1. Os Apinayé de Nimuendajú e DaMatta

Os escritos de Nimuendajú e DaMatta sobre os Apinayé são clássicos e se complementam. Enquanto o primeiro traça com requinte de detalhes esse povo indígena, desde a século XVII até a primeira metade do século XX numa perspectiva antropológica, em sua monografia “Os Apinayé”, o segundo nos traz uma etnologia das mais representativas, não somente do ponto de vista antropológico, mas também sociológico. A partir de um esmero etnográfico que permanece tão ou mais atual do que quando foi escrito na década de 1970, DaMatta descreve o grupo retomando a cronologia de Nimuendajú.

Os Apinayé, segundo Nimuendajú (1956), são uma ramificação dos Timbira do Leste do Tocantins¹⁹ e, em particular Krinkatí (Caracaty), chamados por eles Makráya, e viviam nas cabeceiras do rio Pindaré²⁰. “Se essa tradição corresponde aos fatos históricos, a separação deve datar de muitos séculos, pois, hoje, os Apinayé se distinguem tanto linguística como culturalmente daqueles seus parentes a Leste, aproximando-se mais aos Kayapó Setentrionais”. O território era o pontal entre o Rio Tocantins e o Baixo Araguaia, estendendo-se para o sul, e é possível que, temporariamente, tenham ultrapassado esses limites adentrando pelo lado Noroeste.

A tradição Apinayé não informa se essa zona por eles ocupada, teve, antes outros habitantes, exceção feita àquele povo mitológico, os índios Morcegos (Kupendyêb, Lendas e Mitos, 10). Todos os Apinayé, porém, são unânimes em afirmar que, em determinado lugar, a de Noroeste da aldeia de Gato Preto, encontram-se muitos fragmentos louça, alguns com ornamentos plásticos, à superfície da terra, prova de que, pelo menos de passagem, este lugar foi povoado por índios de outra cultura Nimuendajú (1956, p. 1).

¹⁹ Lendas e Mitos 5.

²⁰ Rio genuinamente maranhense, nasce na serra do Gurupi e deságua no rio Mearim próximo da foz do mesmo na baía de São Marcos. O rio Pindaré é o principal afluente do rio Mearim e nasce nas elevações que formam o divisor entre as bacias hidrográficas dos rios Mearim e Tocantins, nas proximidades das cidades de Montes Altos e Amarante do Maranhão, em cotas da ordem de 300 metros, em terra indígena denominada Krikatí. Seu percurso total é de aproximadamente 720 km, sendo navegável no trecho compreendido entre a sua foz no km 41 do rio Mearim até a foz do rio Buriticupu no km 456. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Rio_Pindar%C3%A9. Acesso em: 04-jul-2024.

Quanto aos indícios de contato dos Apinayé com a sociedade não indígena, Nimuendajú afirma que no ano de 1774 deu-se o primeiro encontro historicamente comprovado entre os Apinayé com os colonizadores, quando Antônio Luiz Tavares empreendeu uma viagem de Goiás ao Pará, navegando o rio Tocantins. Quando chegou na Cachoeira das Três Barras, viu-se rodeado por um grande número de indígenas, que iam pela parte de baixo na praia da esquerda que parecia regimentos formados. Era uma resistência dos indígenas que possivelmente já teriam enfrentados hostilidades.

Em 1793 dá-nos Souza Villa Real (6) as primeiras notícias sobre os as "Plnagé" ou "Pinaré". Diz ele que eram muito mais fortes e laboriosos que os Karayá, com os quais conviveu. Dedicavam-se à lavoura e tinham grandes plantações de mandioca, razão porque Villa Real aconselhou que se fizesse as pazes com essa tribo que podia ser de grande utilidade para a navegação do Rio. Na descida pelo Araguaia, os Karayá que acompanhavam Villa Real roubaram todas as ubás (nove) dos Apinayé encontradas na beira, como também uma mulher e duas crianças pequenas (Nimuendajú, 1956, p. 3).

Nimuendajú informa que Villa Real, naquela época, percebeu que os Apinayé viviam nas duas margens do rio Araguaia, se bem que suas habitações provavelmente não devem ter sido localizadas imediatamente na praia, pois não se menciona na descida. Ao contrário, na descrição da subida, diz expressamente logo adiante, que no segundo dia de viagem avistaram outra aldeia dos Pinarés-Apinayé, onde os Carajás chegaram, fazendo festa "[...] dançaram e negociaram com os ditos 'Pinarés'. Também H. Coudreau [...] foi informado de que os Apinayé antigamente apareciam num ribeirão, afluente da margem esquerda do Araguaia, logo acima da boca deste" (Nimuendajú, 1956, p. 3).

A partir de 1797 entraram os Apinayé em contato permanente com os civilizados. Neste ano o governo do Pará fundou na boca do Araguaia o posto militar de São João das Duas Barras (hoje São João do Araguaia). Porém, ao invés de se estabelecer uma paz permanente, começaram desde logo lutas sangrentas entre os Apinayé e a guarnição do posto. Silva e Souza relata que os Apinayé e mantiveram-se em paz, mas ao encontrarem alguns soldados da guarnição destruindo suas plantações, os mataram, sendo então as suas aldeias cercadas e destruídas com auxílio de peças de artilharia. A respeito diz Ribeiro: "Já em outro tempo os Carajás e esse Apinagés estiveram mais pacíficos, até iam trocar os seus gêneros com os da capital do Pará; violências, porém, que cruel e injustamente lhes foram feitas nas suas passagens pelas guarnições dos presídios de São João das Duas Barras e de Santa Maria de Araguaia (no território dos primeiros), os tomaram irreconciliáveis inimigos nossos..." Pohl adianta ainda que mataram quase toda a guarnição do Posto pelo estratagema de induzir suas mulheres a fazerem aparentemente as vontades dos inimigos afim de prendê-los, até que acessem os homens para matá-los a golpes de cacetete (Nimuendajú, 1956, p. 3). (Aspas duplas do texto original).

Nesse sentido, a colonização que partia de Caxias no Maranhão, avançou rumo ao oeste, alcançando também o Tocantins. Em 1816 foi fundado no próprio território dos Apinayé por um Antônio Moreira, com a denominação de Santo Antônio, logo abaixo da

Cachoeira das Três Barras. Habitavam nesse lugar, em 1824 entre cento e vinte e cento e cinquenta Apinayé, junto com mais 81 não indígenas. Esse povoado não teve longa existência, sendo incorporado, em 1831, ao de São Pedro de Alcântara, situado mais acima, na margem oriental, tomando ambos o nome de Carolina. “Em 1817 a tribo foi assolada por uma epidemia de varíola, proveniente de Caxias e espalhada pelos sertões afora pelos Capiecran (Ramkôkamekra, Canelas)” (Nimuendajú, 1956, p. 4).

2.6.2. Território e Aldeias

A ideia que os indígenas têm de território vai muito além daquela que pensamos, ou seja, uma determinada área demarcada com uma concepção física da terra. Para eles, a terra é um ser vivo que reage a nossas investidas, e a reverência é obrigatória, pois terra se confunde com vida, o que os leva a ter uma relação que beira o sagrado. Dela eles tiram todas as formas de sobrevivência, desde a comida que é cultivada nas roças, a caça que “mora” na floresta e por isso não podemos destruí-la, pois é ela quem fornece as proteínas para a nutrição necessária para viver. Por isso, os povos originários são considerados os “guardiões da floresta”, contribuindo muito para uma ecologia do viver.

As aldeias Apinayé seguem o ideal dos povos Jê setentrionais, com casas dispostas em forma circular e um pátio no meio para realização das atividades sociais, políticas e culturais do grupo e, sendo assim, precisa de um território para se instalar.

Descrevendo as aldeias Apinayé, Nimuendajú segue em sua etnografia afirmando que:

Quando, em 1928, visitei os Apinayé pela primeira vez, tinham quatro aldeias: Mariazinha, Cocal, Gato Preto e Bacaba. Mariazinha é a aldeia mais próxima ao Tocantins, pois apenas cinco quilômetros a Oeste da Cachoeira das Três Barras. Naquele ano encontrei aí duas choças, sendo uma deshabitada e a outra ocupada por 14 pessoas, cujo número desceu hoje para cinco ou seis. Não mais possuem, terras próprias. O vizinho neobrasileiro mais próximo, habita a 400 metros da aldeia. A Mariazinha, corresponde àquela aldeia onde Castelnau passou uma noite interessantíssima e à aldeia de Bom Jardim que, em 1824, contava 1.000 habitantes. Cocal. Está situada a pouco mais da metade do caminho de Boa Vista a São Vicente, mas já em águas do Araguaia. Em 1928, compunha-se de três choças com 25 habitantes. Há uns 20 e tantos anos atrás viviam entre eles alguns Kayapó da aldeia do Arraias, a Oeste Conceição do Araguaia, casados com mulheres Apinayés. Hoje só resta um deles. Alguns dos habitantes são visivelmente mestiços. O seu aspecto é decadente e pouco sadio. Os costumes antigos desapareceram. Todas as noites havia bailes com música de violão, arranjados pelos vizinhos neobrasileiros da aldeia; da mesma forma, os habitantes desta não faltavam a nenhuma festa “cristã” da vizinhança, principalmente para não perderem a ocasião de comer à farta, pois, afora os seus trajes civilizados, nada possuem (Nimuendajú, 1956, p. 10). (Aspas duplas do texto original).

Das quatro aldeias descritas por Nimuendajú, Mariazinha, Cocal e Gato Preto ainda existem. Enquanto a “Bacaba”, segundo Da Matta (1976, p. 45), é a atual “São José”. O povoado “Bôa Vista” evoluiu historicamente para “Tocantinópolis, permanecendo com seus aspectos originais, e um nascer do sol dos mais belos do Brasil, às margens do rio Tocantins, divisa com a cidade de “Porto Franco” no Maranhão, cujo o trajeto faz-se de balsa. São Vicente atualmente é reduto de um quilombo localizado em Araguatins. Já naquela época Nimuendajú constatou o desaparecimento de aspectos culturais, afirmando que:

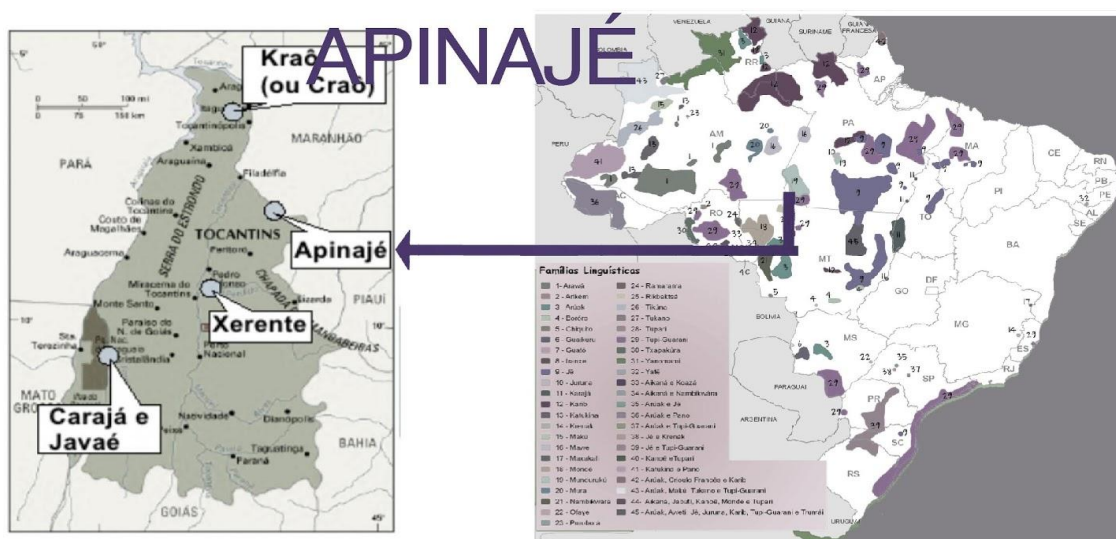
Os costumes antigos desapareceram. Todas as noites havia bailes com música de violão, arranjados pelos vizinhos neobrasileiros da aldeia; da mesma forma, os habitantes desta não faltavam a nenhuma festa "cristã" da vizinhança, principalmente para não perderem a ocasião de comer à farta, pois, afora os seus trajes civilizados, nada possuem. Desde então, essa aldeia perdeu por morte e emigração, mais ou menos a metade dos seus habitantes. Hoje não possui mais um palmo de terra e se acha apertada pelos vizinhos civilizados por todos os se lados. As três choças ainda existiam em 1937, raramente, porém, encontrava algum morador em casa: viviam quase constantemente "encostados" aos seus vizinhos neobrasileiros (Nimuendajú, 1956, p. 10). (Aspas duplas do texto original).

Um aspecto muito relevante é o fato de que o grupo, nos tempos de Nimuendajú, ainda não tinham terras demarcadas. Todavia, e considerando que Constituição Federal do Brasil (1988) consagrou o direito de que os indígenas brasileiros são os primeiros e naturais senhores da terra, que se sobrepõem a qualquer outro.

Nesse sentido, é importante ressaltar que em 1985, portanto quatro antes da homologação da atual Constituição, após muita luta, os Apinayé foram considerados senhores das terras que tradicionalmente ocupavam, utilizando-as para suas atividades produtivas com a prática de uma agricultura de subsistência. Além disso, eles trabalham para preservações dos recursos ambientais necessários ao seu bem-estar, e as necessárias à sua reprodução física e cultural segundo seus usos, costumes e tradições (Almeida, 2015).

Todavia, e de acordo com Albuquerque (2007), a área demarcada não era exatamente aquela reivindicada pelos indígenas, porém eles aceitaram e continuaram lutado pelo reconhecimento de parte do território até os dias atuais.

Na figura 32, a seguir, apresentamos a localização das Terras Apinayé.

Fig. 32. Localização²¹.

Fonte: <https://indigenasbrasileros.blogspot.com/2015/12/apinaje.html> Acesso: 01-jul-2024.

Segundo Fábio Zúker²² há mais de 25 anos os indígenas Apinajé lutam pela demarcação de seu território na integridade, reivindicando que a área que permanece fora da demarcada é fundamental para sua existência e, não obstante, o clima de violência que marcou o processo de demarcação nos anos 1980 está retornando à região. Acerca do assunto, o Sr. Antônio, líder do povo Apinajé afirma que, “[...] o traçado da Transamazônica, rodovia construída pela ditadura civil-militar (1964-1985) cruzou o território de seu povo no meio, criando um conflito que persiste até hoje” Zúker (2023, on line, s/p), isso porque apenas uma parte das terras foram demarcadas, e eles continuam lutando pelo reconhecimento da outra metade, que eles denominam de “Apinajé II”, a oeste e a sul da Transamazônica.

De acordo com Zúker (2023, on line, s/p):

O processo de demarcação encontra-se judicializado. Em 2019 o Ministério Público Federal no Tocantins (MPF-TO) ingressou com uma ação civil pública contra a União e a Funai, para “conclusão, no prazo razoável de 2 (dois) anos, do processo administrativo de ampliação da Terra Indígena Apinajé”. Em novembro de 2020, a Juíza Federal Roseli de Queiros Batista Ribeiro determinou que a Funai e a União “realizem a ação de qualificação da área denominada “Apinajé II” (Aspas duplas do texto original).

²¹ A demarcação foi homologada em 14 de fevereiro de 1985, pelo Decreto da Presidência da República N° 90.960. A área de 141.904ha estende-se pelos municípios de Tocantinópolis, Maurilândia, Araguariópolis, São Bento e Cachoeirinha.

²² Fábio Zúker é jornalista multimídia, antropólogo e ensaísta. É pós-doutorado do Brazil Lab, da Universidade de Princeton (EUA). Como jornalista, é colaborador da Info Amazônia e de O Joio e o Trigo, já escreveu para revista Piauí, The Guardian, Agência Pública, Thomson Reuters Foundation, National Geographic Brasil entre outros meios nacionais e internacionais. Disponível: <https://infoamazonia.org/author/fabio-zuker>. Acesso em: 04-jul-2024.

Em agosto de 2021 o Juiz Federal Victor Curado Silva Pereira determinou a conclusão do processo demarcatório de ampliação da Terra Indígena Apinayé em até dois anos. Em sua resposta, a Funai argumenta que os indígenas Apinayé não necessitam da expansão de seu território. Por fim, em junho de 2023, a Funai foi condenada a pagar multa pelo descumprimento da decisão judicial quanto a ampliação do território Apinayé (Ziker, 2023). Com efeito, a atitude da Funai corrobora uma máxima que muitos povos originários brasileiros concordam, ou seja, que essa instituição que teria que cuidar dos interesses de indígenas de todo Brasil, como podemos perceber no excerto a seguir.

Excerto 04: FUNAI descumpre decisão judicial sobre suspensão da IN 09 e MPF pede pagamento de multa de R\$ 100 mil/dia.

Mesmo sendo intimada, a Fundação não incluiu Terras Indígenas interditadas, de índios isolados, no Sistema de Gestão Fundiária (Sigef). Fundação Nacional do Índio (Funai) é acusada, pelo Ministério Público Federal (MPF), de descumprimento da decisão judicial, em liminar, que suspendeu os efeitos da Instrução Normativa nº 09, em 8 de junho de 2020. O MPF, por meio do Ofício de Populações Indígenas e Comunidades Tradicionais em Mato Grosso, entrou com pedido judicial para que a Fundação pague a multa de R\$ 100 mil/dia por descumprir a decisão. A IN 09 permite, de forma ilegal e inconstitucional, o repasse de títulos de terra a particulares dentro de áreas indígenas, protegidas pela legislação brasileira. Conforme o pedido feito à Justiça Federal pelo MPF, a decisão liminar foi oficialmente comunicada à Funai no dia 23 de junho. Data que, segundo a Fundação, foram inseridos no Sistema de Gestão Fundiária (Sigef) as áreas indígenas que ainda possuem processos demarcatórios que não foram finalizados. Na mesma data, foi realizada a inclusão das áreas ainda não georreferenciadas e não homologadas no Sigef, impedindo, assim, a certificação de imóveis particulares em áreas não homologadas. Ocorre que as informações trazidas aos autos pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) revelam que a Funai não está cumprindo a ordem judicial (MPMG, 2021, *on line*, s/p)²³.

O problema de as decisões judiciais não serem cumpridas pela Funai tem gerado debates em diferentes setores da sociedade, tanto indígena quanto não indígena. Enquanto isso, as comunidades indígenas são penalizadas, o que requer ações mais efetivas para que se cumpra a lei. Os indígenas não precisam de nenhum assistencialismo, buscam somente o cumprimento das ordens judiciais. Nesse sentido, é primordial que pesquisas sejam realizadas e os Apinayé adquiram a visibilidade necessária para que possam ter seus direitos respeitados, e no caso da reivindicação de seu território que foi subtraído na época da construção da transamazônica, é importante que haja mobilizações dos indígenas. A liderança indígena conta que o traçado da “Transamazônica, em 1970, passou a quinhentos metros da principal aldeia Apinajé, a São José”, afirma Antônio. Com cerca de 400

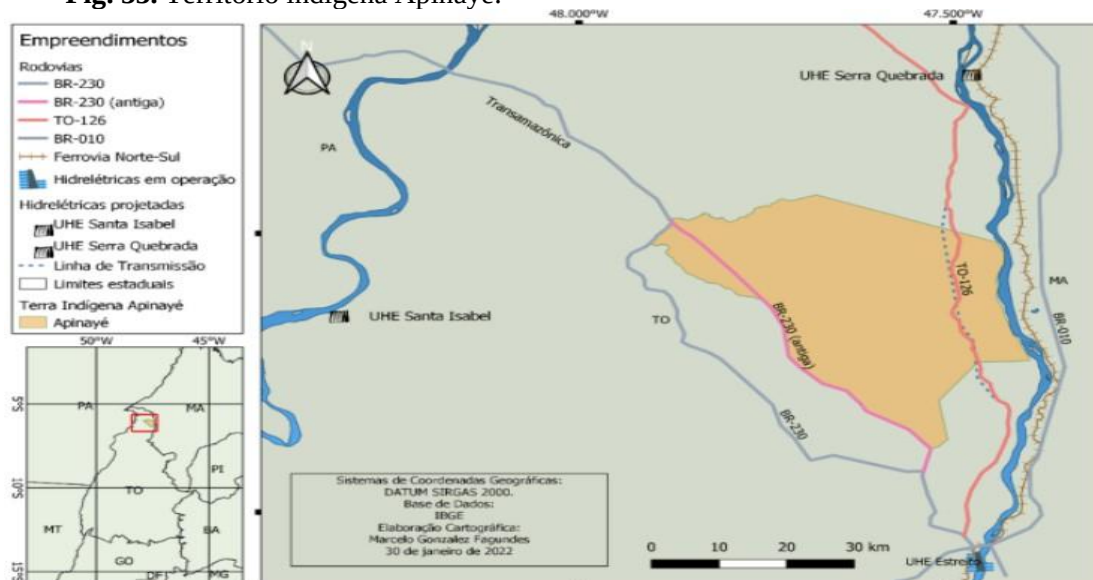
²³ Ministério Público Federal em Mato Grosso (MPMG), 3 de fevereiro de 2021 ÀS 17H50. Disponível: <https://www.mpf.mp.br/mt/sala-de-imprensa/noticias-mt/funai-descumpre-decisao-judicial-sobre-suspensao-da-in-09-e-mpf-pede-pagamento-de-multa-de-r-100-mil-dia>. Acesso em: 05-jul-2024.

habitantes, a aldeia São José está na origem de outras aldeias menores, que orbitam ao seu redor, explica o indígena.

Antônio conta ainda que com este traçado extirpando parte do território Apinajé, automaticamente os fazendeiros se disseram donos, do lado esquerdo, no sentido leste oeste, da Transamazônica. “E consideraram que a rodovia já era uma divisa”, afirma Antônio. O indígena conta ainda que os fazendeiros conversavam com as lideranças indígenas, induzindo-as a aceitar “que de agora por diante as terras de vocês ficam do lado direito, e a nossa do lado esquerdo (da Transamazônica)”. As áreas excluídas pegam o córrego Pirá, ribeirão Mumbuca, Cruz e Raiz – mas elas são referidas usualmente e em processos legais como as “Áreas do Gameleira” ou “áreas ao redor do Gameleira” (Kuker, 2023, *on line*, s/p). (Destaques em aspas do texto original).

Na figura a seguir, é possível visualizar o território Apinajé demarcado, quando pode-se observar o traçado da antiga transamazônica (BR-230) que nos anos 1970 dividiu o território em dois, e o traçado atualmente em uso da mesma rodovia.

Fig. 33. Território indígena Apinajé.



Fonte: Fagundes, Marcelo Gonzalez Brasil. “Fragmentos de uma história Panhã: história e território Apinajé na longa duração” (Tese de doutorado em história, UFSC, 2022) *apud* (Kuker, 2023, *on line*, s/p).

Na época da construção da rodovia o território Apinajé, como a maior parte das terras indígenas do Brasil, não estava demarcada, o que ocorreu somente no ano de 1985. Atualmente, o trecho inicial da Transamazônica que corta a terra Apinajé “[...] sequer faz parte da rodovia – tendo sido abandonado em 1999, com a construção de uma espécie de desvio, após pressão dos indígenas, contornando a área do Ribeirão Gameleira reivindicada pelos indígenas” (Kuker, 2023, *on line*, s/p). Nesse sentido, a divisão do território pela Transamazônica permanece mesmo após esta ter sido abandonada, e se transformando em

uma de estrada local, que sequer é asfaltada. “E o resultado foi que quando foi demarcar, teve essa dificuldade e não demarcou. Nesse território ainda existe um conflito. Depois de mais de trinta anos, em que nosso povo busca conclusão da demarcação dessa parte que ficou de fora” explica Antônio” (Kuker, 2023, *on line*, s/p).

2.6.3. Organização social e aldeias

Como já foi informado anteriormente, na década de 1930 quando Nimuendajú este na TI Apinayé, o grupo ocupava quatro aldeias, Mariazinha (que não corresponde à atual), Gato Preto, Bacaba e Cocal, ocupadas por uma população total de aproximadamente 150 indígenas. A aldeia Mariazinha era a mais próxima dos não indígenas, com uma distância de aproximadamente cinco quilômetros da Cachoeira das três barras, com duas casas, sendo uma desabitada e a outra ocupada por 14 pessoas. A aldeia Cocal era a mais próxima de Tocantinópolis, antiga Boa Vista. Em 1928, essa aldeia possuía apenas duas casas com 25 habitantes. Segundo Nimuendajú, viviam entre eles alguns indígenas Kayapó da aldeia do Arraias, situada a Oeste de Conceição do Araguaia, casados com mulheres Apinayé. A população era visivelmente mestiça (Muniz, 2022).

Os Apinayé, segundo DaMatta (1976), formam uma complexa organização social composta por vários sistemas que se traduzem por metades cerimoniais e rituais. Segundo Almeida (2015), mesmo vivendo uma situação de contato que interfere no modo de vida dos indígenas, o grupo busca mecanismos para preservação de suas formas de vida, de sua cultura tradicional, e de manutenção de sua língua materna como primeira língua. Para Albuquerque (2007), a descrição etnográfica dos Apinayé realizada por DaMatta apresenta uma sociedade dividida em metades “uxorilocal e matrilocais²⁴”, que antigamente tinham sua localização em cada aldeia.

A metade que habitava o lado setentrional do círculo de casas era nomeada Kolti (Kolo-ti - Sapucaia) ou Kolre (Kolo-re - Castanha do Pará). O mito do Sol e da Lua conta que os Kolti foram criados pelo sol e os Kolre pela lua. Os Kolti se distinguem pelo uso da cor vermelha (tinta de urucum) e os Kolri pela cor preta (látex vegetal com pó de carvão). Para Albuquerque (2007) os Apinajé, de ambos os sexos, pertencem a uma das metades Kolti e Kolri, mas em virtude do recebimento de dois grupos de nomes, um indígena pode pertencer a duas metades simultaneamente. Essa ocorrência, de acordo com Da Matta (1976), não causa nenhum problema em relação à divisão de lealdade ou à personalidade,

²⁴ **Uxorilocal** é um termo usual da antropologia que diz respeito ao costume, à regra ou ao padrão de casamento que determina a morada de um novo casal em casa da mulher ou junto da sua comunidade de origem. Fonte: Dicionário Priberam. Disponível: <https://dicionario.priberam.org>. Acesso em: 06-jul-2024. **Matrilocalidade** é designação antropológica do costume de o cônjuge masculino mudar-se, quando casado, para a casa ou região de sua esposa ou mãe da esposa. Fonte: Michaelis On-Line. Disponível: <https://michaelis.uol.com.br>. Acesso em: 06-jul-2024.

pois eles tomam essa possibilidade de escolha como uma vantagem. Isso porque, segundo esse autor, desde que o índio duplamente filiado escolha o seu grupo durante um ato cerimonial, ele tem todos os privilégios do grupo escolhido, e como esses grupos só entram em plena atividade durante as festas, a escolha não constitui um problema, pois a definição da filiação é apenas uma decisão contextual (Almeida, 2015, p. 106).

O dualismo é uma característica da sociedade Apinayé que ordena suas metades por oposição, dispondo tudo numa relação de contrariedade. DaMatta (1976), denomina esse dualismo como absoluto, diametral, complementar e maniqueísta. Isso porque os Apinayé acreditam que o universo, desde sua gênese, requer a presença de dois elementos, de modo que o mundo social é constituído por ações simultâneas do Sol e da Lua, sendo esses o mito que conta a criação do mundo. Em sua complementaridade, ambos estão sincronizados. O Sol realiza o que a Lua deixa de fazer, enquanto a Lua realiza o que o Sol não faz. “Tal conjunto de ações opostas e complementares formam um quadro fascinante que, como busquei revelar no meu livro sobre os Apinajé segue um quadro de tese, antítese e síntese, num movimento tipicamente hegeliano” (DaMatta, 2010, p. 274).

As aldeias descritas por DaMatta são quatro: Cocal, Gato Preto (Botica), Mariazinha e São José (Bacaba). Todavia, com o passar do tempo outras aldeias foram surgindo, de modo que atualmente existe uma aldeia denominada Bacaba e outra Bacabinha, as quais não têm nada a ver com a Bacaba da época de Nimuendajú. Para melhor compreensão histórica dessas aldeias apresentamos a tabela a seguir.

Tabela 01. Cronologia da involução/evolução das aldeias Apinayé.

Aldeia	Ano	População	Situação	Fonte
Cocal	1842	1400	Não consta	Cunha Matos, in: Nimuendajú, 1956, p. 11
Cocal	1928	25	03 choças	Nimuendajú, 1956, p. 10
Cocal	1937		As três choças existiam, mas raramente se encontrava alguém	Nimuendajú, 1956, p. 10
Gato Preto	1928	61	07 casas	Nimuendajú, 1956, p. 11
Gato Preto	1937	80	07 casas	Nimuendajú, 1956, p. 11
Mariazinha	1824	1000	Não consta	Cunha Matos, in: Nimuendajú, 1956, p. 11
Mariazinha	1928	14	02 choças	Nimuendajú, 1956, p. 10
Mariazinha	1937	05	02 choças	Nimuendajú, 1956, p. 10
Mariazinha	1962	57	09 casas	DaMatta, 1976, p. 44
Mariazinha	1967	92	16 casas	DaMatta, 1976, p. 44
Mariazinha	2013	300	Casas	Distrito Sanitário Especial Indígena (DSEI) de Tocantinópolis, in: Almeida, 2015, p.109
São José (Bacaba)	1844	850	21 casas	Castelnau, in: Nimuendajú,

				1956, p. 12
São José (Bacaba)	1895	600	30 a 40 casas	Ferreira Gomes, in: Nimuendajú, 1956, p. 12
São José (Bacaba)	1928	50	Casas em forma circular com uma casa redonda no centro do pátio	Nimuendajú, 1956, p. 11
São José (Bacaba)	1937	70	07 casas	Nimuendajú, 1956, p. 12
São José (Bacaba)	1962	157	20 casas	DaMatta, 1976, p. 45
São José (Bacaba)	1967	161	20 casas	DaMatta, 1976, p. 45
São José (Bacaba)	2013	369	Casas em forma circular, mas onde era o pátio, hoje tem um campo de futebol	Distrito Sanitário Especial Indígena (DSEI) de Tocantinópolis, in: Almeida, 2015, p.109

Fonte: Ângela Maria Silva (2024).

Os dados da tabela 01 são muito esclarecedores. Inicialmente é importante a percepção de que das quatro aldeias que Nimuendaju e DaMatta descreveram, somente a Mariazinha e São José continuam existindo. Porém, trabalhamos com a hipótese de que muitas das aldeias que as aldeias Cocal e Gato Preto devem existir com outro nome.

Segundo dados cedidos pelo Distrito Sanitário Especial Indígena (DSEI) de Palmas em abril de 2025, a população Apinayé é de 3.198 indígenas ocupando 56 aldeias. Destes, 1.653 são homens e 1.545 mulheres, conforme podemos ver na tabela 2 a seguir.

Tabela 2: Aldeias Apinayé²⁵.

Nº	Aldeias	Município	Feminino	Masculino	Total
1	Abacaxi	Tocantinópolis	44	56	100
2	Água Linda	Tocantinópolis	23	30	53
3	Águas Limpas	Tocantinópolis	6	9	15
4	Aldeia Nova	Maurilândia do Tocantins	28	34	62
5	Aldeinha	Tocantinópolis	26	36	62
6	Areia Branca	Tocantinópolis	34	46	80
7	Bacaba	Tocantinópolis	22	28	50
8	Bacabinha	Tocantinópolis	35	25	60
9	Bacuri	Tocantinópolis	20	29	49
10	Baixa Funda	Tocantinópolis	27	22	49
11	Barra do Dia	Maurilândia do Tocantins	11	18	29
12	Betânia	Cachoeirinha	12	12	24
13	Boa Esperança	Tocantinópolis	10	11	21
14	Boi Morto	Tocantinópolis	25	34	59
15	Bonito	Tocantinópolis	44	54	98
16	Botica	Maurilândia do Tocantins	49	62	111
17	Brejão	Tocantinópolis	25	23	48

²⁵ Dados cedidos pelo Distrito Sanitário Especial Indígena (DSEI) de Palmas em abril de 2025.

18	Brejinho	Tocantinópolis	26	20	46
19	Caatinga	Cachoeirinha	17	14	31
20	Canto dos Morros	São Bento do Tocantins	10	07	17
21	Cipozal	Tocantinópolis	24	25	49
22	Cocal Grande	Tocantinópolis	46	34	80
23	Cocalinho	Cachoeirinha	08	19	27
24	Cristo Rei	Maurilândia do Tocantins	12	07	19
25	Divisa	Tocantinópolis	18	23	41
26	Encontro da Natureza	Maurilândia do Tocantins	10	14	24
27	Encontro das Águas	Tocantinópolis	13	08	21
28	Formigão	Tocantinópolis	23	14	37
29	Furna Negra	Tocantinópolis	05	10	15
30	Girassol	Tocantinópolis	36	36	72
31	Gôgrire	Tocantinópolis	16	12	28
32	Guerreiro	Maurilândia do Tocantins	16	13	29
33	Jussara	Tocantinópolis	09	11	20
34	Macaúba	Tocantinópolis	33	30	63
35	Mangal	Tocantinópolis	12	15	27
36	Mariazinha	Tocantinópolis	106	117	223
37	Mata Grande	Maurilândia do Tocantins	18	15	33
38	Mata Verde	São Bento do Tocantins	14	24	38
39	Morro Grande	Tocantinópolis	07	15	22
40	Olho D'Água	Tocantinópolis	05	04	09
41	Palmeira	Cachoeirinha	68	69	137
42	Patizal	Tocantinópolis	32	37	69
43	Pecobo	Maurilândia do Tocantins	13	06	19
44	Pêpxá	Tocantinópolis	26	21	47
45	Piaçava	Tocantinópolis	16	14	30
46	Pintada	Tocantinópolis	27	32	59
47	Porto Franco	Tocantinópolis	24	36	60
48	Prata	Tocantinópolis	65	66	131
49	Recanto	Tocantinópolis	19	26	45
50	Represa	Tocantinópolis	17	21	38
51	Riachinho	Tocantinópolis	21	24	45
52	São José	Tocantinópolis	160	157	317
53	São Raimundo	Tocantinópolis	53	58	111
54	Serra Dourada	Tocantinópolis	09	13	22
55	Serrinha	Tocantinópolis	38	30	68
56	Varedão	São Bento do Tocantins	32	27	59
TOTAL			1.545	1.653	3.198

Fonte: Distrito Sanitário Especial Indígena (DSEI) de Palmas em abril de 2025.

Comparando as informações de Nimuendajú (1956) e DaMatta (1976), que compreende os períodos de 1824 a 1967, um intervalo de 143 anos, os dados preocupam. Na Mariazinha em 1824 contava com 1000 pessoas, porém em 1937, somente treze anos depois, só existia 05 indígenas, ou seja, a comunidade praticamente desapareceu. Não obstante, a população teve um acréscimo, 1962, ou seja, vinte e cinco anos após,

contabilizavam 57 indígenas, em 1967, passados cinco anos, eram 92, um crescimento de 35 indígenas, correspondendo a 61%. A próxima contagem que temos é de 2013, com 300 pessoas, portanto, quarenta e seis anos passados, o aumento foi de 412 indígenas a mais, um aumento de 1433%. Todavia, se considerarmos que em 1824, portanto, passados 189 anos, a população nunca voltou ao que era na época do império, com um saldo negativo de 700 indígenas, que se não fossem dizimados, hoje o total seria incalculável.

Em relação à aldeia São José (Bacaba), a situação não é diferente. Após vinte anos da visita à aldeia Mariazinha, portanto em 1845, foram contados 850 indígenas, e a partir daí esse número só decresceu. Cinquenta anos depois, em 1895, eram 600 pessoas, e trinta e três anos se passaram quando, em 1928, Nimuendajú visita essa aldeia pela primeira vez e constata que somente 50 indígenas a ocupavam, ou seja, esse povo quase desapareceu. Nove anos depois, Nimuendajú constatou que havia aumentado para 70, que considerando o intervalo, não dá para comemorar. Outra contagem foi realizada somente em 1962 por DaMatta apresentando 157 pessoas, que em 1967 recontou contando 161 indígenas, o que confirma uma perda recorrente, pois após cinco anos praticamente não teve alteração.

Em relação aos dados de 2025, reiteramos que a população dos Apinayé é de 3.198 distribuídos por 56 aldeias, sendo 1.653 homens e 1.545 mulheres. As aldeias mais populosas são aldeia São José com 317 pessoas e Mariazinha com 223, ambas pertencente ao município de Tocantinópolis. As com menos indígenas são Aldeia Águas Limpas, no município de Tocantinópolis, com 15 indígenas, 9 homens e 6 mulheres, e Canto das Águas localizada no município de São Bento do Tocantins com 17 indígenas, dos quais 10 são mulheres e 7 são homens.

2.6.4. Situação Atual

Os Apinayé da terceira década do século XXI vivem sob a regência uma sociedade cada dia mais globalizada, quando a cultura dominante e suas tecnologias digitais impõem, inexoravelmente, suas tendências, desafiando os povos originários a resistirem, mas sem deixar de usufruir dos bens historicamente construídos, criando mecanismos de não perderem sua identidade étnica, e manterem suas línguas em situação de uso e sua cultura tradicional, ritos e festejos, operantes.

Nesse caso, as contribuições de uma educação bilíngue e intercultural são inegáveis, o que nos leva a compreender a importância da pesquisa que realizamos, quando foi possível ampliar o repertório linguísticos das comunidades, além de fomentar uma educação em saúde bucal. Ademais, o compromisso de um pesquisador quando entra numa

comunidade indígena, não é somente ético, mas também êmico, pois tem a obrigação de devolver à população estudada, os resultados do trabalho. Afinal, os protagonistas são os indígenas participantes, os quais doaram seu tempo, conhecimento e sabedoria, para que possamos alcançar nossos objetivos acadêmicos e científicos.

Portanto, nada mais significativo do que compartilharmos os avanços que as comunidades vêm alcançando, suas lutas e preocupações, conforme delineamos em seção anterior, quando apresentamos a continuidade da reivindicação da demarcação de seu território na integridade, uma vez que a rodovia transamazônica limitou o território que é dos indígenas secularmente. Sendo assim, damos voz e vez às comunidades, trazendo, mediante excertos, imagens e recortes das publicações de sua página na internet, a **“Associação União das Aldeias Apinajé-PEMPXÀ”**²⁶, blog que há mais de uma década divulga a luta e resistência desse povo, sob a coordenação do indígena Antônio Veríssimo Apinajé, com textos e imagens que são um verdadeiro acervo digital desse povo.

Nesse sentido apresentamos, a seguir, cronologicamente, desde 2012, eventos e situações que testificam que os indígenas estão atentos aos seus direitos, conforme rezam os artigos 231 e 232 da Constituição do Brasil (1988), envolvendo a manutenção de sua cultura tradicional, território, educação, saúde, direito das mulheres, uso devido da língua Apinayé primeira língua aprendida na infância, e da língua portuguesa, aprendida na escola, mas muito mais efetivamente, por meio da situação de contato com a sociedade não indígena, dentre outros temas de muita relevância para o protagonismo dos Apinayé.

2.6.5. Uma cultura tradicional que resiste...

Excerto 05: 1ª Oficina de Artesanato e Saberes Tradicionais do Povo Apinayé (2012)²⁷.

Nos dias 10, 11 e 12 de outubro de 2012, foi realizado na aldeia Patizal terra indígena Apinajé, município de Tocantinópolis-TO, a 1ª Oficina de Artesanato e Saberes Tradicionais do Povo Apinajé. O evento teve a participação 80 pessoas, entre anciões, alunos, mulheres e professores. A realização dessa oficina teve a finalidade propiciar um espaço social e cultural, aonde os mais idosos que são detentores de conhecimentos e saberes tradicionais, pudessem ensinar e repassar aos mas²⁸ jovens, alguns conhecimentos e saberes tradicionais do povo Apinajé (Veríssimo Apinajé/PEMPXÀ, 2012).

²⁶ Nossa gratidão à “Associação União das Aldeias Apinajé-PEMPXÀ” na pessoa do Sr. Antônio Veríssimo Apinajé, por disponibilizar dados tão importantes que tornaram nossa pesquisa possível.

²⁷ Aqui respeitamos a escolha feita pelo administrador do Blog que usa a grafia “**Apinajé**” com “**j**”, que também é recorrente na língua desse povo, e considerado correto. Em nossa Tese optamos por “**Apinayé**” com “**y**”, por compreendermos que concede ao termo um aspecto antropológico que valoriza sua ancestralidade.

²⁸ Por compreendermos, assim como Almeida (2015), que existe um “português índio”, ou seja, uma forma de escrever própria dos indígenas que falam a língua portuguesa como segunda língua, em citações diretas mantemos o texto original, mesmo que não esteja conforme a norma culta do português brasileiro. Para melhor apropriação, recomendamos a leitura da Tese de Almeida (2015).

Fig. 34. Professor, mulher e criança Apinayé, fazendo esteira.



Fonte: (Arq. PEMPXÀ, 2012).

Fig. 35. Estudante e Ancião Apinajé, tecendo cestaria com palha de buriti.



Fonte: (Arq. PEMPXÀ, 2012).

Fig. 36. Homens indígenas Apinayé participam da oficina cultural.



Fonte: (Arq. PEMPXÀ, 2012).

Fig. 37. Mulheres indígenas Apinayé participam da oficina cultural.



Fonte: (Arq. PEMPXÀ, 2012).

Segundo Veríssimo Apinayé (2012), os participantes não somente aderiram à ideia da oficina, como pediram que fossem realizados mais vezes, (pelo menos uma vez por

ano). O indígena informa que essa primeira edição da oficina de artesanato, foi uma parceria da Associação União das Aldeias Apinajé-PEMPXÀ, com a Supervisão de Educação Indígena do MEC/DRE-Diretoria Regional de Educação de Tocantinópolis-TO, e da FUNAI/CTL de Tocantinópolis, e contou com o apoio de CTI-Centro de Trabalho Indigenista, do CIMI-Conselho Indigenista Missionário regional GO/TO e UFT-Universidade Federal do Tocantins. A figura 36 e 37 ilustram o evento.

Como é possível perceber, a oficina cultural foi organizada e teve a participação de todos os segmentos das aldeias Apinayé, quando anciões, professores estudantes, homens, mulheres e crianças de todas as idades participaram. Importante destacar que a oficina é uma atividade cultural que resgata saberes e fazeres tradicionais do grupo, favorecendo o trabalho coletivo, marca dos povos tradicionais brasileiros.

2.6.6. Consciência ambiental dos Apinayé

Além da preocupação dos Apinayé com a preservação de aspectos de sua cultural tradicional, eles também são ativistas na questão ambiental. Nesse sentido, descrevemos, a seguir, matéria publicada pelo Blog denunciando como o desmatamento e as carvoarias enfrentadas pelo grupo.

Excerto 06. Desmatamentos e Carvoarias afetam Área Indígena Apinayé (2013).

Nesta quinta-feira, dia 10 de janeiro de 2013, uma equipe da FUNAI/CTL de Tocantinópolis -TO, em parceria com a CIPRA-Companhia de Polícia Militar Rodoviária Ambiental e lideranças indígenas Apinajé, estiveram mobilizados com a finalidade de averiguar a existência de desmatamentos e carvoarias no entorno da terra indígena Apinajé, no município de Tocantinópolis, norte do Tocantins. Próximo à divisa da área indígena, numa estrada que dar acesso à cidade de Nazaré, na fazenda “dona Maria” no meio de um grande desmatamento, foi localizado a carvoaria Vitória Ltda, que usa madeiras do cerrado. O gerente apresentou documentação Autorização Ambiental, nº 3752-2012 emitida no dia 09/07/2012, pelo Instituto Natureza do Tocantins-Naturatins de Palmas -TO. Pelo menos 30 fornos de carvão foram levantados e estão em funcionamento no local. Em outro setor, próximo à divisa da área indígena, a 6 km de distância da 1ª carvoaria foi localizado outro grande desmatamento. No lugar foi levantado uma construção que serve de alojamento para os trabalhadores envolvidos na atividade. É possível que mais de 40 fornos estejam em funcionamento naquela carvoaria. Procurado o gerente não apresentou nenhum documento, apenas informou que iria levar a documentação no dia 12/01, sexta-feira em Tocantinópolis, onde seriam apresentados ao pessoal da FUNAI-Fundação Nacional do Índio e da CIPRA-Companhia de Polícia Militar Rodoviária Ambiental (Veríssimo Apinajé/PEMPXÀ, 2012).

Fig. 38. Aspecto assustador das Carvoarias próximo às aldeias.



Fonte: (Arq. PEMPXÀ, 2013).

Fig. 39. Projeto afetou as aldeias Buriti Cumprido e Cocalinho.



Fonte: (Arq. PEMPXÀ, 2013).

Fig. 40. Cascalheira próximo a área indígena Apinayé.



Fonte: (Arq. PEMPXÀ, 2013).

Fig. 41. Encontro das Mulheres do Povo Apinayé: “Nós somos a terra, e devemos cuidar dela”.



Crédito da foto: Laila Menezes/Cimi GO/TO.

Fonte: <https://cimi.org.br> (2019).

Excerto 07. As mulheres indígenas Apinayé, junto com lideranças de 33 aldeias, debateram o direito originário e as ameaças sofridas (2019).

O Encontro das Mulheres Indígenas do Povo Apinajé aconteceu entre os dias 24 e 26 de setembro, na aldeia Brejão, em Tocantinópolis (TO), com o tema Em defesa dos direitos dos Povos Indígenas Garantidos na Constituição Federal de 1988: Alto Lá Essa Terra Tem dono. Às 60 mulheres Apinajé somaram-se outros 40 indígenas, e integrantes do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), para tratar de temas como os direitos originários (Tese do Indigenato); os direitos indígenas garantidos na Constituição Federal (artigos 231 e 232), além das várias ameaças contra esses direitos caso da PEC 187 (arrendamento das terras indígenas), PL 1610 (mineração), a tese do marco temporal, o julgamento da Repercussão Geral de Caso

Extraordinário nº107.365 do povo Xokleng (SC), Reforma da Previdência, demarcação das terras, queimadas e desmatamentos.

As mulheres indígenas Apinajé, junto com lideranças e caciques de 33 aldeias, debateram sobre o direito originário e as ameaças sofridas a partir da eleição de Jair Bolsonaro e as constantes declarações do já presidente contra os povos indígenas do Brasil. Os últimos ataques ocorreram em seu discurso na abertura da Assembleia Geral da ONU e causaram espanto na opinião pública internacional dado os ataques que fez aos povos indígenas e ao cacique Raoni Metuktire Kayapó.

As mulheres reafirmaram que são os primeiros habitantes deste país e que os governantes devem respeito aos povos e seus territórios. Solicitaram também que os ministros do Supremo Tribunal Federal (STF) julguem o processo do Recurso Extraordinário nº 1017365 contra o povo Xokleng, de Santa Catarina, em caso de Repercussão Geral, dando um fim às inúmeras ações que usam da tese do marco temporal para interromper a demarcação das terras indígenas: nossa história não começa em 1988! (CIMI, 2019).

Excerto 08. Protagonismo Político

As lideranças Apinajé manifestaram preocupação com a aprovação da PEC 187 pela Comissão Especial da Câmara dos Deputados, “nossa terra não é para negócio”, afirmaram. “Estamos aqui há muitos anos vivemos em harmonia com a mãe natureza, qualquer ameaça ao nosso território prejudicará a nossa vida. Não comemos soja, eucalipto, cana, mamona, essas monoculturas não servirão de alimentos para o nosso povo, nossa vida está além do arrendamento das Terras Indígenas, esse projeto é de morte, não gera vida, vamos resistir contra essa PEC 187”, disseram.

As queimadas criminosas causaram indignação e revolta nas lideranças Apinajé. Ecoaram o grito em favor da mãe terra, reafirmaram que “somos terra e pra terra iremos voltar. Porque tanta destruição, os rios estão secando, tem parente nosso que não tem água para beber, o rio é nosso sangue. Esses criminosos têm que ser punidos, a Amazônia e o Cerrado não estão à venda”. Com as inúmeras propostas de mudanças dos direitos do povo brasileiro, as lideranças presentes no encontro repudiaram a Reforma da Previdência Social, da forma como está a proposta aprovada na Câmara dos Deputados (CIMI, 2019).

Fig. 42. Rituais e danças do povo Apinayé não faltaram durante o encontro.



Crédito da foto: Laila Menezes/Cimi GO/TO.

Fonte: <https://cimi.org.br> (2019).

Os Apinayé mantêm uma tradição de combate e resistência desde o início do contato com a sociedade não indígena, sempre atento aos seus direitos, lutando por seus direitos a revisão da delimitação territorial, preservação do patrimônio cultural herdado de

seus ancestrais, saúde e educação que considere, dentre outros, seus aspectos linguísticos e cosmológicos na convivência, também com os demais povos indígenas do Tocantins.

2.6.7. Políticas públicas e qualidade de vida para os Apinayé

Em detrimento de uma luta reivindicatória constante pelo cumprimento de seus direitos que são inalienáveis, os Apinayé desfrutam de algumas benesses, como podemos perceber a seguir, conforme dados recolhidos da Associação União das Aldeias Apinajé-Pempxà (2024).

2.6.7.1. Comunidades indígenas Apinayé beneficiadas com energia solar do Programa Luz para Todos-Amazônia Legal²⁹

Fig. 43. Painel solar instalado no território Apinayé.



Fonte: Associação União das Aldeias Apinajé-Pempxà (2024).

No período de 08 a 17 de janeiro de 2024 uma Equipe Técnica da Empresa CGB³⁰ e ENERGISA³¹, acompanhados por um servidor da FUNAI/CTL de Tocantinópolis, visitaram as 11 aldeias mais isoladas do território Apinajé, realizando instalação dos

²⁹ Associação União das Aldeias Apinajé-Pempxà, 19 de janeiro de 2024. Disponível: Blogger.com. <http://uniaodasaldeiasapinaje.blogspot.com>. Acesso em: 31-jul-2024.

³⁰ CGB ENERGIA: Empresa criada para atender aos clientes das regiões do Pará e Maranhão no segmento de serviços operacionais de energia tais como: solicitação de enlace, padrão de entrada, corte e religação, ligação nova, recorte, visita de cobrança e negociação, dentre outras. Fonte: <https://www.cgbengenharia.com.br/index.php/a-empresa/grupo-cgb/>. Acesso em: 24-jul-2024.

³¹ O Grupo Energisa é uma holding de capital aberto com sede em Cataguases, Minas Gerais, que atua no segmento de geração, transmissão, distribuição e comercialização de energia, o quinto maior Grupo de distribuição de energia do Brasil. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Grupo_Energisa. Acesso em: 31-jul-2024.

equipamentos de energia solar do Programa Luz para Todos-Amazônia Legal³². O sistema é composto por painel solar, controlador de carga, bateria, inversor de tensão e lâmpadas. O cadastramento das famílias beneficiadas ocorreu no mês de dezembro de 2022, e após mais de um ano de espera, as mais de 60 famílias indígenas comemoram a chegada da energia em suas residências, que antes eram iluminadas à noite apenas com velas ou lamparinas (Pempxà, 2024, on line, s/p).

Algumas aldeias foram contempladas com equipamentos de geração de energia solar nessa fase da implantação, quando aproximadamente 250 residências indígenas foram beneficiadas diretamente. Nesse sentido, a educação escolar também foi beneficiada, pois as escolas das aldeias também receberam equipamentos de energia solar mais potentes para garantir boa qualidade na iluminação. As famílias beneficiadas receberam, ainda, orientações acerca do cuidado e uso dos equipamentos de energia solar, notadamente sobre o que pode e o que não pode ser ligado nesse (novo) sistema de geração de energia do Programa Luz para Todos, que traz melhor qualidade e vida para as comunidades (idem).

Ainda de acordo com a Pempxà (2024), esse sistema de geração de energia já vem sendo implantado em outras aldeias indígenas do estado do Tocantins desde 2022. É de extrema relevância a chegada da energia elétrica, vista pelo grupo indígena Apinayé como um bem essencial e uma conquista para as comunidades indígenas que ainda não tinham acesso a esse serviço essencial para uma vida melhor. “Agora as famílias beneficiadas podem iluminar suas casas, assistir televisão, carregar um celular e conservar alimentos. E algumas Escolas Indígenas que foram beneficiadas com energia solar, agora podem funcionar normalmente à noite se for o caso” (Pempxà, 2024, *on line*, s/p).

2.6.7.2. XII Assembleia Pempxà: mobilização e protagonismo político

Fazendo valer seus direitos de livre manifestação no âmbito de suas necessidades, os Apinayé se mobilizaram em dezembro de 2023 quando durante 4 dias caciques e lideranças debateram temas de interesse do povo o grupo. A aldeia Cipozal foi comunidade escolhida para receber os mais de 200 participantes vindos de todas as aldeias distribuídas no território Apinayé. A Assembleia contou com uma expressiva participação das lideranças; especialmente jovens, mulheres e anciãos praticantes da cultura Apinayé.

³² O Decreto presidencial 4.873 de 11 de novembro de 2003 instituiu o Programa Luz para Todos. Antes de 2003 era muito difícil energia elétrica chegar nas localidades rurais mais distantes e isoladas; especialmente no Norte e Nordeste do país. Mas, a energia do Programa Luz para Todos veio para ficar e melhorar as condições de vida das populações que vivem nessas áreas urbanas e rurais do Brasil. Segundo o Ministério das Minas e Energia -MME nesses 20 anos o Programa alcançou 3,5 milhões de residências, beneficiando 17,2 milhões de pessoas em todo o país (Pempxà, 2024, on line, s/p).

Além das discussões sobre a situação da saúde, realizaram-se debates sobre as estradas, a troca da Diretoria da Pempxà e as Prestações de contas da Associação. Os caciques discutiram também sobre a proposta de criação do Fundo Timbira. Esta XII Assembleia contou ainda com as presenças dos convidados e representantes do Centro de Trabalho Indigenista-CTI, do Presidente da Associação Wyty Catë das Comunidades Timbira do Maranhão e Tocantins, do Coordenador do Distrito Sanitário Especial Indígena -DSEI-TO e do Presidente do Conselho Distrital de Saúde Indígena CONDISI-TO.

Fig. 44. Plenária da XII Assembleia Pempxà.



Fonte: Associação União das Aldeias Apinajé-Pempxà (2024).

Dentre os assuntos tratados pelos caciques, destaque para a situação das estradas vicinais³³ de acesso às aldeias. Todos os caciques e lideranças manifestaram preocupação com a situação das estradas, com destaque para as lideranças das aldeias São José e Mariazinha, onde estão localizadas as duas maiores escolas do território indígena, a Escola Estadual Indígena Mătyk frequentada por mais de 500 crianças e adolescentes da região da aldeia São José e a Escola Estadual Indígena Tekator que recebe aproximadamente 350 estudantes da região aldeia Mariazinha. “A falta de estradas e a precarização dessas vias públicas podem deixar esses estudantes sem frequentar as aulas no período chuvoso, destacou um Cacique” (Pempxà, 2024, *on line*, s/p).

³³ Estradas vicinais são vias rurais não pavimentadas que são definidas simplesmente como estradas. O termo “vicinal” deriva do latim, cujo significado é “vizinho”. Estrada vicinal, portanto, é aquela via rural que liga localidades ou cidades vizinhas, geralmente do interior, próximas. Fonte: <https://www.portaldotransito.com.br>. Acesso em: 31-jul-2024.

Diante dessa situação mais de 60 caciques presentes na XII Assembleia da Pempxà, criaram uma Comissão de lideranças para ir em Palmas reunir com MPF-TO, FUNAI e AGETO entregar Documentos e pedir a recuperação das estradas vicinais de acesso às aldeias localizadas no eixo da Rodovia TO 126 e os trechos de acesso às aldeias localizadas do trevo próximo a aldeia Prata no município de Tocantinópolis até o povoado Veredão no município de São Bento do Tocantins. Os caciques também decidiram acionar o MPF-TO, para pedir a retomada de conversas com os Prefeitos de Tocantinópolis, Maurilândia, São Bento do Tocantins e Cachoeirinha, visando a retomada de Acordo entre essas quatro Prefeituras, o MPF-TO, a FUNAI e as comunidades indígenas para manutenção dessas estradas vicinais (Pempxà, 2024, *on line*, s/p).

A nota destacada é importante para que tenhamos uma real dimensão da força que tem uma mobilização organizada, quando os indígenas se manifestam acerca da tomada de decisão durante o encontro, preocupados que estão com a segurança e o conforto dos estudantes quando se deslocam de uma aldeia para a outra para pararem não somente a obrigatoriedade de cursar a educação básica, mas por exercerem o direito constitucional que lhes confere que essa educação seja de qualidade, dentro do que dita uma “Educação Indígena Bilíngue e Intercultural.

2.6.8. Segurança Ambiental e Mudanças Climáticas³⁴

Antenados com a segurança ambiental, indígenas Apinayé de todas aldeias se uniram a outros povos para realizar o evento “Intercâmbio dos Povos do Cerrado Amazônia e Pantanal” que aconteceu na cidade de Araguatins, na região do Bico do Papagaio, Norte do Tocantins nos dias 11, 12 e 13 de julho de 2023. Segundo a Associação União das Aldeias Apinajé-Pempxà (2023), aproximadamente 60 lideranças vindos dos Estados de Tocantins, Goiás, Bahia, Piauí, Maranhão, Pará e Mato Grosso, representando suas comunidades e organizações, participaram da Oficina “Povos do Cerrado e as Mudanças Climáticas”. Lideranças e Brigadistas Indígenas do IBAMA/Prev-Fogo e voluntários dos povos Apinayé, Xerente e Krahô (TO) e Munduruku (PA) também somaram nessa troca de experiências e saberes. Durante três dias foram debatidos os efeitos e consequências das mudanças climáticas na vida dos Povos do Cerrado, Amazônia e Pantanal, e como os povos e as comunidades desses biomas estão enfrentando a situação das mudanças do climáticas no cerrado, um dos biomas mais desmatados e degradados do Brasil.

Na quarta-feira de as de julho, 2º dia do Intercâmbio, os participantes visitaram o território Apinayé, com uma parada mais demorada na aldeia Cocalinho no município de

³⁴ Fonte: Associação União das Aldeias Apinajé-Pempxà, 19 de janeiro de 2023. Disponível: Blogger.com. <http://uniaodasaldeiasapinaje.blogspot.com>. Acesso em: 31-jul-2024.

Cachoeirinha, localizada à 63 km de Araguatins. Nesta comunidade os participantes visitaram nascentes de águas e conheceram locais aonde foi aplicado o Manejo Integrado do Fogo-MIF no território Apinayé. O MIF são Ações preventivas contra incêndios florestais realizadas anualmente pelos Brigadistas Indígenas do IBAMA/Prev-Fogo, período de maio e junho. “Na ocasião o líder Robson Krâkamreke Dias Apinajé, Agente do MIF explicou sobre essas Ações preventivas e as dificuldades que enfrentam na época de estiagem para combater os focos de incêndios fora de controle e muitas vezes de origem criminosa” (Pempxà, 2023, on line, s/p).

Fig. 45. Povos do Cerrado no Intercambio na Aldeia Cocalinho.



Fonte: <https://agroefogo.org.br/blog/2023/07/31/em-parceria-com-diversas-organizacoes-a-articula>. Acesso em: 11-ago-2024.

Uma ação que merece destaque ocorreu na ainda na aldeia Cocalinho, quando os participantes trocaram sementes, conversaram com lideranças locais e sentiram a realidade das famílias que vivem num contexto de conflitos, ainda desconfiadas e inseguras em razão do histórico de ataques que o povo Apinayé vem sofrendo mais intensamente nos últimos 30 anos, no período antes e após a demarcação do território. Atualmente a situação está “[...] aparentemente calma, mas as lideranças estão atentas aos constantes ataques e episódios de violências registrados num passado recente contra famílias Apinajé que habitavam na aldeia Cocalinho e em outras aldeias localizadas nessa região (Pempxà, 2024, on line, s/p).

Reiteramos que o Intercâmbio dos Povos do Cerrado foi realizado pela Articulação AgroÉFogo e CESE em parceria com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra-

MST, Articulação para Pequena Agricultura do Tocantins -APA-TO e Associação União das Aldeias Apinajé-Pempxà, com participação de inúmeras Organizações locais e regionais dos Povos dos Biomas Cerrado, Amazônia e Pantanal, os quais se encontram impactados pelo desmatamento para formação de pastagens, plantio de soja, eucaliptos, carvoarias, grilagem e outras atividades do agronegócio. Os Apinayé acreditam que esse evento foi uma experiência diferenciada, conveniente e prática, uma vez que os participantes sentiram a realidade local e tiveram a oportunidade de perceber o abandono e as deficiências das políticas públicas para os Apinayé, “[...] estradas e pontes em péssimas condições, o Posto de Saúde caindo aos pedaços, o medo e a preocupação com o fogo estampados no rosto de cada pessoa” (Pempxà, 2024, on line, s/p).

Neste capítulo apresentamos uma breve configuração da etnologia do Brasil indígena desde a colonização até os dias atuais e, também, os indígenas do estado do Tocantins Apinayé e Krahô. No próximo capítulo a discussão versa acerca da Educação Escolar Indígena Bilíngue e Intercultural e os termos e expressões da odontologia, apresentando aspectos teóricos.

CAPÍTULO III: AS LÍNGUAS INDÍGENAS APINAYÉ E KRAHÔ, OS TERMOS E EXPRESSÕES DA ODONTOLOGIA E A EDUCAÇÃO BILÍNGUE E INTERCULTURAL

3.1. A Educação (Bilíngue e Intercultural) nas Escolas Mãtyk e Tekator

A educação nas escolas indígenas Apinayé se efetiva no âmbito da interculturalidade e do bilinguismo. Os professores indígenas são formados em licenciatura intercultural e/ou pedagogia, e possuem um material didático pedagógico que favorece essa forma de ensinar, desde o ano de 2007. Identificamos cartilhas em Apinayé ou bilíngue Apinayé-Português disponível para uso na sala de aula e fora dela, quais sejam³⁵:

- 1) *Apinayé Kaper Pumunh Ewa ã Kagà*”, livro de alfabetização monolíngue em Apinajé; Bilíngue em Apinajé-Português, o seguinte material;
- 2) Livro de Alfabetização: Começa em A e termina em Z (Inicia em Jaó e Finaliza em Raposa);
- 3) Livro de Receitas da Medicina Tradicional Apinayé;
- 4) Livro de Narrativas e Cantigas Apinayé;
- 5) Livro de Matemática e Ciências Apinayé;
- 6) Livro de História e Geografia Apinayé;
- 7) Gramática Pedagógica Apinayé;
- 8) Dicionário Apinayé/Português;
- 9) Português Intercultural, monolíngue na língua portuguesa;
- 10) Texto e Leitura: Uma prática pedagógica das escolas Apinayé e Krahô, monolíngue em português.

Além desses, nas bibliotecas das escolas constam livros e trabalhos acadêmicos cedidos pelo Laboratório de Línguas Indígenas (LALI/UFNT), não somente sobre os Apinayé, mas também sobre os demais povos indígenas do Tocantins. No mais, o material didático segue as imposições do sistema educacional brasileiro, que mantém um currículo com material monolíngue em português, o que dificulta a apropriação da aprendizagem do histórico e da atualidade dos estudantes, notadamente nos anos finais do ensino fundamental e ensino médio.

³⁵ Uma descrição detalhada de todo material pode ser encontrada na Tese de Doutorado de Simara de Sousa Muniz, “Bilinguismo Indígena: As Línguas em Situação de Uso nos Domínios Sociais Apinayé e Krahô”. Orientador: Francisco Edviges Albuquerque. Co-orientadora Severina Alves de Almeida Sissi. Universidade Federal do Norte do Tocantins UFNT – 2022. Disponível: <https://repositorio.uft.edu.br/handle/11612/5490>.

Fig. 46. Crianças indígenas Apinayé alunos da Escola Intercultural e Bilíngue Mătyk.



Fonte: A Autora (2022).

A realidade descrita até aqui leva os jovens indígenas que conseguem ingressar numa universidade, favorecidos pela política de cotas, a enfrentarem muitas dificuldades, principalmente em relação à leitura, interpretação e produção de texto, fazendo com que muitos desistam ainda nos primeiros períodos. A hipótese é que o estudo da educação básica nas escolas das aldeias não consegue formar os acadêmicos em proficiência nem na sua língua de origem, nem na língua portuguesa, considerando que esta é uma segunda língua aprendida na escola a partir do primeiro ano do ensino fundamental, mas mais efetivamente, na situação de contato com os não-indígenas.

3.2. A Educação (Bilíngue e Intercultural) na Escola 19 de Abril

A realidade nas escolas instaladas nas aldeias do povo indígena Krahô, não difere das escolas Apinayé, todavia, identificamos um material mais consistente que atende, também aos estudantes da segunda fase do ensino fundamental e do ensino médio. Dentre os livros dispostos em suas bibliotecas encontramos:

Livros produzidos em Língua Krahô:

- 1) Livro de alfabetização Krahô;
- 2) Alfabeto Krahô: Krahô Jô Ikhàhhôc xa kat nã Carô;
- 3) Livro de Alfabetização Krahô: Krahô jô ihkàhhôc kryjre mẽ cati;

- 4) Livro de Literatura Krahô: Krahô jujarên xà kwỳ;

Livros bilíngue Krahô/Português:

- 1) Livro Arte e Cultura do Povo Krahô;
- 2) Livro de Geografia Krahô;
- 3) Livro de História Krahô;
- 4) Livro de Português Krahô;
- 5) Livro de Ciências Krahô;
- 6) Livro de Gramática Pedagógica Krahô;
- 7) Livro de Matemática Krahô.

Livros produzidos em língua portuguesa:

- 1) Português Intercultural;
- 2) Texto e Leitura: Uma prática pedagógica das escolas Apinayé e Krahô (2012);
- 3) Do Texto ao Texto: Leitura e Redação.

Como podemos perceber, o material de apoio didático e pedagógico nas escolas Krahô é bem diversificado, e o estudante pode se preparar com mais efetividade para enfrentar os vestibulares nas instituições de ensino que aderiram à política de cotas no estado do Tocantins, Universidade Federal do Tocantins (UFT) e Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), que são públicas. No âmbito do ensino privado temos a Faculdade de Ciências do Tocantins (FACIT), que oferece uma bolsa integral no vestibular do meio do ano, mediante as ações do “Projeto Facit Indígena”³⁶, em todos os cursos de graduação, desde 2018.

Com efeito, com a pesquisa que apresentamos na defesa de nossa Tese, esperamos contribuir efetivamente com essa educação bilíngue e intercultural nas escolas Apinayé e Krahô, na área da educação em saúde bucal, a partir de termos técnico científicos usuais na odontologia, com apresentação e publicação de um glossário e um manual de saúde bucal, bilíngue Português Apinayé e Português Krahô devidamente ilustrado com desenhos dos indígenas, conforme o capítulo IV.

3.3. Ecossistemas linguísticos Apinayé e Krahô: por uma ecologia da língua

³⁶ Projeto de extensão para inclusão que oferece cotas anuais com disponibilidade de 01 vaga em todos os cursos de graduação da Faculdade de Ciências do Tocantins FACIT. Vale ressaltar que a FACIT é a única Instituição de Ensino Superior de teor Privado que tem política de cotas para indígenas no Brasil. O ingresso é realizado via vestibular com concorrência entre indígenas de qualquer etnia e/ou região do Brasil.

A ecologia da língua, de acordo com Savedra et al (2021), é o estudo das interações entre uma língua e seu meio ambiente natural, e seu advento inaugura a ecolinguística, área dos estudos linguísticos e se efetiva na interação entre os falantes, sua língua e o meio ambiente com o qual interagem. As autoras recorrem a Weinreich (1953) e Haugen (1959), destacando que o meio ambiente de uma língua é própria comunidade de fala e seus diferentes modos de se comunicar. Ademais, a língua só existe nas mentes de seus usuários e só funciona quando relaciona esses usuários uns aos outros e ao seu ambiente social e natural.

Essas argumentações são referendadas por Almeida et al (2023), ao assegurarem que a ecologia linguística estuda as interações entre língua e meio ambiente evoluindo, ao longo do tempo, para linguística ecossistêmica, ou ecossistema linguístico, considerando que a língua se relaciona com uma comunidade de fala, envolta num meio ambiente natural, que também é verbal, conferindo identidade aos falantes. Essa é uma realidade em comunidades indígenas Apinayé e Krahô, os quais se apresentam mesmo como guardiões da floresta, numa relação sistêmica, quando língua, ecologia e indígenas interagem consigo mesmas e com o meio ambiente, constituindo um sistema simultaneamente estável, equilibrado e autossuficiente.

Nessa perspectiva,

[...] os indígenas mantêm uma relação sistêmica com o meio ambiente, tratando a natureza como um ser vivo que é, retirando da terra somente aquilo de que precisam para a sobrevivência dos grupos, numa troca simbiótica. Os indígenas nomeiam tudo no ambiente natural em que vivem, plantas e animais, rios e matas, que para eles são uma extensão de suas casas. Além desses, fenômenos como chuva, sol, frio, calor e vento são apreciados na medida em que a vida biológica humana necessita de toda essa biodiversidade para tratamentos medicinais, sendo a floresta vista como em laboratório farmacológico (Almeida et al, 2023, p. 16).

Está posto, assim, os ecossistemas linguísticos no seio de uma comunidade indígena que, segundo Couto & Couto (2016) são parte integrante dos ecossistemas, no interior dos quais os falantes se relacionam com o respectivo meio ambiente natural (MA) verbalmente. De acordo com Garner (2015, p. 67). “[...] Haugen sugeriu que a língua podia ser pensada como um organismo e sua comunidade como o meio ambiente” e, sendo assim, “[...] o trabalho dos linguistas seria descrever as características das duas entidades e mostrar como a interação entre elas pode dar lugar a coisas diferentes”, promovendo as relações indivíduo-mundo (referência) e indivíduo-indivíduo (comunicação).

Nesse sentido, a expressão ecossistemas linguísticos precisa de ser compreendida literalmente, pois se trata do estudo de fenômenos da linguagem, partindo do conceito de ecossistema para elevar suas bases teóricas e, nesse contexto, a ecologia pode definida

como o estudo das interações entre os organismos vivos de determinada região e seu habitat, o meio ambiente (Almeida, et all, 2023). Para Couto & Couto (2016), ecossistema linguístico mais expressivo é o ecossistema natural da língua, e apresentam como exemplo “Os Indígenas Kamayurá”, povo que convive num lugar, o Parque Indígena do Xingu que é “seu território, interagindo verbalmente pelo modo tradicional de se relacionar, que é sua “Língua Kamayurá”.

3.3.1. Ecossistema Linguístico Apinayé³⁷

A relação entre língua e meio ambiente expande-se além das fronteiras linguísticas quando o foco é a inter-relação entre o meio ambiente e a comunidade de fala. Segundo Labov (2008), uma comunidade de fala é um grupo de pessoas que compartilha normas e atitudes sociais em comum, num contexto onde humanos e os demais grupos do ecossistema interagem. Aqui os indígenas assumem status de interventores para que essa relação ocorra de forma associativa e em simbiose. Nesse sentido, os Apinayé assumem status de comunidade de fala. Estudos como os de Almeida e Moreira (2009) e Almeida et all (2023), informam que a relação dos Apinayé com o meio ambiente é percebida desde sua origem e por sua localização entre a floresta tropical e o cerrado. Segundo DaMatta (1976), esse povo, historicamente, ocupa uma área de matas ciliares onde ribeirões correm caudalosamente para os rios Tocantins e Araguaia, e por campos que separam cada um desses ribeirões onde eles não precisam derrubar árvores para conseguirem impor ao ambiente natural o estigma de sua cultura: aldeias circulares com uma praça no centro marca original dos grupos Jê.

Os Apinayé, segundo DaMatta (1976), edificam suas aldeias em terrenos elevados e que estejam próximos de um curso d’água perene, cortando floresta ciliar e campo cerrado. Seguindo a tradição dos demais povos Jê, os indígenas preferem fixar suas aldeias no campo, utilizando a mata para a caça e atividades agrícolas. As aldeias onde constroem suas casas situam-se no alto de colinas, e as roças são construídas nas suas vertentes ao lado do ribeirão, onde um pedaço da mata ciliar é domesticado. Além desses campos marcados por vegetação rasteira, ribeirões e florestas ciliares, essa região é coberta por “*Orbignia Speciosa*” mais conhecida como “Palmeiras de Babaçu” (DaMatta, 1976, p. 34).

³⁷ Fontes: Almeida e Albuquerque (2021) e Almeida et. all (2023).

Almeida e Albuquerque (2021). Dicionário [livro eletrônico]: rumo à civilização da religião e ao bem viver/Rosamaria Arnt, Paula Scherre (orgs.). Fortaleza, CE: Editora da UECE, 2021. PDF. ISBN 978-85-7826-802-2. Disponível: <http://www.uece.br/eduece/wp-content/uploads/sites/88/2021.pdf>. Acesso em: 29-jun-2024.

Esse autor usa a expressão “Ecologia Apinayé”, descrevendo a relação dos indígenas com o meio ambiente natural, informando que esta se confunde com a história da exploração de cada um desses nichos. Para DaMatta, a o teor da exploração depende da maneira pela qual a sociedade dominante limita, estimula, destrói ou cria no, ambiente natural, secularmente habitado pelos Apinayé, produtos capazes de serem explorados pelas comunidades.

As consequências desse contato e a própria situação de conjugação com a sociedade não indígena é parte do ambiente ecológico Apinayé, onde eles tiram melhor proveito do seu ambiente natural. Os Apinayé sobreviveram ao contato com a sociedade de seu entorno criando mecanismos sociais que, tanto de um lado quanto de outro, foram ativados para atende a uma situação de conjugação. “[...] Ver a ecologia Apinayé nesta perspectiva é tomar o ambiente num sentido amplo, como ponto de conjugação e de passagem da geografia da tribo à sua história” (DaMatta, 1976, p. 34).

Com efeito, a “Ecologia dos Apinayé” pode ser compreendida como o conjunto das relações sociais que o grupo mantém com outros povos, consigo mesmos e com a natureza. Segundo Almeida e Moreira (2009), apesar de ecologia ser um termo banalizado nos debates contemporâneos, e exaustivamente veiculado pelos meios de comunicação em massa, simbolizando consumo, espécie de objeto de divulgação de um modo de vida e/ou tendência, não podemos nos render ao determinismo e nos acomodarmos. Precisamos, junto com os povos originários brasileiros criar mecanismos de sobrevivência, pois o que está em jogo é a continuidade não somente da espécie humana na terra, mas da vida em todas suas possibilidades.

3.3.2. Ecossistema Linguístico Krahô³⁸

Na dualidade marcante da cultura Krahô, um dos principais pares dialéticos é o jogo bipolar entre as aldeias e as matas, numa materialização reflexiva da própria relação entre cultura e natureza como ponto delimitativo de valores comunitários, ordenamento social e dinâmica cosmológica.

Freitas (2001, p. 267).

Os indígenas Krahô estão inseridos no mesmo contexto linguístico dos Apinayé e, sendo assim, muito do que foi dito na seção anterior, pode ser estendido para os habitantes da terra indígena Kraolândia, em relação ao seu ecossistema linguístico. Como já foi dito,

³⁸ Fonte: Albuquerque (2021). Dicionário [livro eletrônico]: rumo à civilização da religião e ao bem viver/Rosamaria Arnt, Paula Scherre (orgs.). Fortaleza, CE: Editora da UECE, 2021. PDF. ISBN 978-85-7826-802-2. Disponível: <http://www.uece.br/eduece/wp-content/uploads/sites/88/2021.pdf>. Acesso em: 29-nov-2022.

ecolinguística é a relação entre língua e meio ambiente e este, consequentemente, pode ser definido como tudo a nosso redor que pulsa, que estar vivo, abrangendo fatores biológicos, químicos e físicos, em simbiose. “Meio Ambiente e ecologia associam-se de forma simbiótica” (Almeida et all, 2023, p. 27). Entretanto, Couto (2009, p. 127), questiona: o que é língua? O que é ambiente da língua? O que são relações entre língua e meio ambiente? E em seguida responde:

[...] podemos estabelecer que Língua é o como os membros da comunidade comunicam entre si, verbal ou gestualmente. Para se falar em Meio Ambiente, é preciso nos valermos da ecologia que, na verdade, não usa essa expressão como termo técnico. Em seu lugar, ela faz uso de habitat/nicho, biótopo e território. Assim sendo, quando eu falar em Meio Ambiente (MA), pode-se entender qualquer um desses conceitos. Acontece que, para se falar em MA, é preciso inseri-lo no ecossistema, de que os quatro conceitos ecológicos mencionados fazem parte. Ele pode ser definido como sendo o conjunto dos organismos de determinado território e suas inter-relações, tanto entre si quanto com o próprio território ou MA. Em síntese, ecossistema consta de uma população de organismos, um território e respectivas inter-relações. Como ecossistema é o conceito mais importante da ecologia, o primeiro passo de quem deseja praticar ecolinguística é procurar por seu equivalente na Língua.

Nessa perspectiva, Almeida et all (2023) contribui argumentando que no âmbito das configurações ecológicas que identificam uma comunidade indígena, é possível compreender um ecossistema linguístico. Isso porque quando se tem o primeiro conato com uma língua, a pergunta imediata é sobre que **povo** a usa (Couto, 2009) e a partir da resposta, busca-se saber onde esse povo se localiza, qual o **território** ocupado, quais os padrões de inter-relação com a **língua**. O ecossistema linguístico básico é o todo formado por “**povo, território e língua**”.

Com efeito, “[...] a natureza para os indígenas é sagrada” (Almeida et all, 2023, p. 28). Para esses autores, a relação que os povos originários mantêm com a ecologia, principalmente no que diz respeito à linguagem que nomeia seres vivos e inanimados é simbólica, quando “povo” “território” e “ecossistema linguístico básico”, tratando-os como um ser vivente com características quase humanas. Dessa forma, e considerando a língua o modo como os indígenas se comunicam entre si e com o meio ambiente, coexiste uma interação, um sistema que adita comportamento e sabedoria aos padrões interacionais que se estabelecem entre os membros de uma comunidade, produzindo uma interação comunicativa com o meio ambiente, a terra.

Segundo Almeida et all (2023), a língua Krahô apresenta-se como e um meio ambiente natural, favorecendo as bases e o fundamento para aquilo que Couto (2009, p. 128) nomeia como “ecossistema fundamental da língua”, uma vez que o meio ambiente

natural da língua se apresenta como aquele que fornece as bases, as fundações para os demais. Nesse sentido, o ecossistema é um povo ou população convivendo em determinado território e falando uma língua. “Sem território não há população e sem população não há Língua” (Idem).

A relação dos indígenas Krahô com a língua que os identifica é sistêmica. Tanto que o nome do povo é o nome de sua língua. Os Krahô falam a língua Krahô, que também é definidora de uma cultura onde natureza e comunidade se confundem dialeticamente. Segundo Freitas (2001, p. 267), nessa dualidade marcante da cultura Krahô, “[...] um dos principais pares dialéticos é o jogo bipolar entre as aldeias e as matas, numa materialização reflexiva da própria relação entre cultura e natureza como ponto delimitativo de valores comunitários, ordenamento social e dinâmica cosmológica”. Nessa dinâmica, a ecolinguística Krahô se manifesta já no nome do grupo, uma vez que estabelece conexão direta com o meio ambiente natural. Segundo Campelo (1957) citado por Freitas (2001, p. 267), o termo “**Krahô**” é uma nomeação externa do grupo, apresentando-se sob duas traduções. A primeira é dada pelos próprios indígenas e ocorre pela junção dos vocábulos *Krá* (paca) e *hô* (pelo) “**Cabelos de Paca**”. A segunda *Ikrá* (filho) e *hô* (folha), ou seja, “**Filhos das folhas**”. (Aspas duplas e negrito, nossos).

Outro componente que corrobora a ecologia Krahô é a terra ocupada pelo grupo, que está localizada nos municípios de Goiatins e Itacajá, na confluência dos rios Manoel Alves Grande e Manoel Alves Pequeno, que são afluentes da margem direita do Rio Tocantins. A vegetação predominante é o cerrado, com presença de estreitas florestas que acompanham os cursos dos rios. A floresta que acompanha o Rio Vermelho, no entanto, é mais larga e compõe o limite nordeste do território indígena. Tudo isso favorece a emergência da ecologia linguística Krahô, a partir da interação entre língua, território e os indígenas.

Com efeito, nas aldeias indígenas dos povos Apinayé e Krahô ecologia, ecolinguística e ecologia linguística se manifestam dialeticamente nas interações entre língua e meio ambiente, favorecendo a emergência dos “ecossistemas linguísticos” ou “linguística ecossistêmica”, ramo da ecolinguística que estuda na linguagem tudo que pode ser explicado naturalmente. É, pois, um desdobramento do conceito de ecossistema e suas idiossincrasias. Tais predicativos são de extrema relevância para a Ecolinguística, e a língua assume status superior, uma vez que estabelece a interação comunicativa mediante um repertório, favorecendo as interações no ambiente natural (Almeida, et al, 2023).

Nessa perspectiva, a língua confere identidade aos falantes que interagem no meio ambiente natural, que também é verbal, das mais de 300 etnias indígenas brasileiras. No contexto dos povos originários brasileiros, a ecolinguística se expande além das fronteiras étnicas, formando ecossistemas linguísticos, numa relação simbiótica. Aqui a reciprocidade do contato entre humanos e a natureza em toda sua plenitude é mediado por uma ancestralidade que pulsa num universo cosmológico, com uma quase devoção pelos elementos água, terra e ar, além dos animais e das plantas, favorecendo a perpetuação da vida no planeta terra.

3.4. Etnografia da língua e etnossociolinguística

Quando estudos da etnografia se filia à (Socio)linguística ou sociologia da linguagem, considerando aspectos culturais, formas de vida, ação, e o ethos (em grego antigo *ἔθος*: “hábito, costume, uso”; *ἦθος* “caráter, disposição, costume, hábito”), como o “conjunto de traços e modos de comportamento que conformam o caráter ou a identidade de uma coletividade”³⁹, emerge a etnossociolinguística. Isso porque “A aliança entre a linguística e a etnografia tem favorecido uma série de pesquisas sobre sociedade, cultura e linguagem e, entre elas, aquelas que se tornaram conhecidas como etnografia linguística” (Pasquotte-Vieira, 2015, p. 695), ou etnografia da língua.

Essa autora recorre a Rampton et al (2004), admitindo que a etnografia da língua está relacionada a estudos que compreendem a linguagem e o mundo social moldando-se, mutuamente, aos mecanismos e dinâmicas de processos que podem ser entendidos por meio de uma análise detalhada do uso da linguagem e da construção de significados nas atividades cotidianas. Nesse sentido, incorporam conhecimentos e metodologias da linguística e da etnografia, visando à melhor compreensão dos sentidos das práticas de linguísticas, sociais e culturais em determinadas instâncias, e segundo os contextos socioculturais intersubjetivos em que essas práticas se perpetuam.

Nesse viés, linguística e etnografia (etnografia da língua), ethos e (sócio)linguística, imbricam-se na dinâmica das subjetividades que se entrecruzam mais eloquentemente nos contextos indígenas, notadamente nas aldeias indígenas Mâtyk, Tekator e Manoel Alves e suas escolas de educação básica. Segundo Pasquotte-Vieira (2015) *apud* Rampton (2004), a linguagem, assim como o discurso e a comunicação, se manifesta como porta de entrada

³⁹ Palavras em grego retiradas de: (1) Real Academia Española, Diccionario de la lengua española: ethos; (2) Dicionário Houaiss: éthos; (3) Infopédia: etos. Disponível: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ethos#cite_note. Acesso em: 14-jul-2024).

para a etnografia linguística como forma de discutir e compreender um fenômeno sociocultural em particular. Isso se efetiva a partir de uma sensibilidade reflexiva para compreensão dos processos envolvidos na produção dos objetivos etnossociolinguísticos, considerando a importância dos que interagem na realidade e nela interferem.

A etnossociolinguística, nessa perspectiva, contribui para a efetividade de uma educação indígena bilíngue e intercultural, compreendendo o que é linguístico, sociolinguístico ou etnográfico, considerando cada uma dessas teorias em um contexto intercultural.

Com efeito, *ethos*, etnografia (linguística, da língua, da fala, da cultura) e (sócio)linguística, nos conduzem à etnossociolinguística que, segundo Almeida (2015, p. 42), “[...] vai muito além da simples aglutinação do radical grego ‘*ethos*’⁴⁰ ou ‘*etno*’⁴¹, da palavra ‘Etnografia’ e da ‘Sociolinguística’ como à primeira vista seu léxico pode anunciar”. Incorpora o modo de ser e de viver da sociedade indígena, em particular os Apinayé e Krahô do norte do Tocantins, “[...] suas peculiaridades étnicas, identitárias, culturais, linguísticas e (Socio)linguísticas; sua estrutura social complexa; seu sistema dual; suas metades cerimoniais; seus ritos, mitos e aspectos cosmológicos” (idem).

Aciona, ademais,

[...] as configurações subjetivas que se entrelaçam na dinâmica da interculturalidade e da fronteira étnica e linguística às quais os indígenas estão expostos. Nesse sentido, o “*etno*” da “Etnossociolinguística” é uma adaptação de “*eta*” referente a “*ethos*”, que, nessa perspectiva, designa a morada do homem e do animal “*zoon*” em geral. [...] esse sentido de pertença a um lugar de estada permanente e habitual, tem a ver com a noção de abrigo protetor (morada), a partir da raiz semântica de “*ethos*” como costume, formas de vida e ação (Almeida, 2015, p. 42).

Quanto à sociolinguística, “[...] que compõe ao lado do radical “*ethos*” o vocábulo “Etnossociolinguística”, sua conotação é mesmo de uma língua em situação de interação em um contexto como é descrito no parágrafo anterior” (idem). Para essa autora, aqui emerge a “etnografia da comunicação”, vertente que integra a sociolinguística qualitativa, ocupando-se em analisar os “eventos de fala” e os preceitos que direcionam a seleção que

⁴⁰ *Ethos*, na Sociologia, é uma espécie de síntese dos costumes de um povo. O termo indica quais os traços característicos de um grupo humano qualquer, que o diferencie de outros grupos sob os pontos de vista social e cultural. Portanto, trata-se da identidade social de um grupo. *Ethos* significa o modo de ser, o caráter. Isso indica o comportamento do ser humano e originou a palavra ética. Ampliando, a palavra *ethos* tem origens na Grécia Antiga e significa valores, ética, hábitos e harmonia. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Etho>. Acesso: 24-out-2015. 13h28min.

⁴¹ *Etno*, do grego *ἔθνος*, *ethno* - nação, povo - que aglutinado a *γράφειν*, *graphein* – escrever – dar origem ao termo Etnografia. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Etnografia>. Acesso: 30-out-2015. 15h06min.

o falante opera em função da interação que ele mantém com um determinado interlocutor, concedendo status ao assunto, à conversa e outras circunstâncias da ação comunicativa.

3.5. Lexicologia e terminologia: a teorização do glossário como material pedagógico⁴²

Discorremos, a seguir, acerca da teorização de lexicologia e terminologia, uma vez que nossa pesquisa produziu um glossário com termos e as expressões da odontologia a partir de palavras recolhidas e/ou criadas nas aldeias indígenas Apinayé e Krahô, São José, Mariazinha e Manoel Alves, traduzidas da língua portuguesa, gerando um novo vocabulário.

A lexicologia é a ciência que estuda o léxico. Segundo Miller, (1995) é uma subdisciplina da linguística que se ocupa com o vocabulário de uma língua, investigando sua formação, estrutura, semântica e a evolução das palavras, além de analisar suas relações dentro de um sistema linguístico. Para esse autor, a lexicologia é essencial para entender como as palavras se conectam, revelando aspectos culturais e sociais que influenciam a linguagem (Marcondes, 2012). Examinando o dicionário Houaiss (2001), compreendemos que o estudo da lexicologia se ocupa do significado do vocábulo, sua estrutura, suas variações flexionais e sua relação com outros vocábulos. Um dos principais focos da lexicologia é a classificação das palavras em diferentes categorias, como substantivos, verbos, adjetivos, entre outros. Nesse sentido, Miller, (1995) contribui quando argumenta que a lexicologia se preocupa tanto com a forma das palavras quanto com seus significados, variando desde a sua estrutura morfológica até seu uso em diferentes contextos sociais e culturais.

Lexicologia deriva do grego "lexis", que significa "palavra", e "logos", que se refere ao "estudo". Nesse sentido, a lexicologia pode ser conceituada como o estudo das palavras, sua procedência, como se formam, como devem ser usadas e como elas se transformam. A lexicologia se preocupa tanto com a forma das palavras quanto com seus significados, variando desde a sua estrutura morfológica até seu uso em diferentes contextos sociais e culturais (Miller, 1995). Segundo Bussmann (2008), a lexicologia não descreve somente o léxico de uma língua, mas também investiga as suas relações com a gramática e a semântica, proporcionando uma visão integrada do funcionamento da

⁴² Os dois glossários são compostos de termos e expressões da odontologia traduzidos da língua portuguesa para as línguas indígenas, mas não apresentam informações sobre a formação, estrutura, semântica e a evolução das palavras.

linguagem. Assim, a lexicologia desempenha um papel fundamental na compreensão da dinâmica linguística e na elaboração de dicionários e glossários.

3.5.1. Terminologia

Terminologia é definida pela International Organization for Standardization (ISO) como toda e qualquer atividade relacionada “[...] com a sistematização e representação de conceitos ou aspectos próprios de termos baseados em princípios e métodos estabelecidos, ou seja, um conjunto de termos que constituem um sistema de conceitos de uma determinada área de estudo (Dias, 2000, p. 90). Mendonça et. all (2011) citando Jakobson (1969) compreende a terminologia como uma forma de compreender que as línguas diferem naquilo que expressam, não naquilo que podem ou devem expressar.

Para esses autores:

[...] é pertinente entender que a terminologia é o estudo do termo, e dessa forma entender que as línguas têm aspectos dos fenômenos sociais e históricos que representam conjuntos variados de hábitos e costumes de comportamento verbal, isto é, nos padrões de comportamento linguísticos tidos por aceitáveis pela comunidade, determinam um certo vínculo entre o código linguístico em si e uma determinada visão de mundo estruturada pelo complexo língua e cultura. A língua é um repositório de uma herança de uma tradição do que se diz e do que não se diz. A língua como fator social e histórico representa tradições e o vínculo entre o código linguístico e a visão de mundo não é obsoleto, mas uniforme, não é estável, mas varia e se reconfigura a toda hora no tempo e nos espaços coletivos e individuais [...] (Mendonça et. all., 2011, p. 3).

Discorrendo acerca das aplicações da terminologia, Dias (2000, p. 91) argumenta que esta “[...] se aplica à comunicação direta, à mediação comunicativa e ao planejamento linguístico”, além de contribuir para a organização de glossários, independente da temática. Importante situar que a lexicologia é primordial quando se traduzo de uma língua para outras, pois garante que o significado original de um termo seja mantido. Segundo Mendonça et. all. (2011), os tradutores precisam de conhecer o significado da palavra em ambas as línguas para traduzir com precisão. Ademais, compreender as sutilezas de palavras e expressões é vital para a qualidade da tradução.

Cabré (1995) citada por Dias (2000, p. 91), considera a terminologia “[...] como uma interdisciplina, constituída por elementos procedentes de outras disciplinas, porém com bases teóricas delimitadas e objeto de estudo definido”. Segundo essa autora, Cabré não compreende a terminologia como “[...] uma disciplina original em seu sentido mais amplo, mas sim em sentido restrito, pois, em sua concepção, é uma disciplina que, ao tomar alguns fundamentos de outras disciplinas, seleciona elementos de cada uma delas”

(Idem), construindo espaços próprios e originais, diferenciados de outros campos científicos.

Ainda de acordo com Dias (2000, p. 91):

[...] Sager nega o status independente da terminologia como uma disciplina, preferindo defini-la como um conjunto de práticas que evoluiu no contexto da criação de termos, sua coleta, explicação e apresentação em diferentes meios impressos e eletrônicos [...]. Apesar de serem práticas estabelecidas [...] não configuram uma disciplina, pois as disciplinas estabelecem conhecimentos sobre as coisas, enquanto as metodologias são apenas meios para atingir um objetivo final, como é o caso da terminologia [...].

Essa autora segue argumentando que como tentativa de conciliar cada uma dessas vertentes, essas vertentes, Sager definiu a terminologia “[...] como estudo e uso de sistemas de símbolos e signos lingüísticos empregados na comunicação humana em áreas especializadas do conhecimento” (Dias, 2000, p. 92). Essa definição aborda, ainda, [...] o aspecto interdisciplinar da terminologia e ressalta que, como disciplina aplicada, a terminologia se relaciona com a lexicografia e usa técnicas da ciência [...]” (Idem).

Em seus estudos Tuxi e Felten (2019, p. 124) informam que a “Terminologia tem seu registro na história das línguas, muito antes de ser reconhecida como disciplina no espaço acadêmico” e recorrem a Faulstich (1997, p. 71), afirmando que “[...] a terminologia tem origem e evolução desde o momento em que as línguas são organizadas em gramáticas e dicionário”, concluindo que ao apresentar uma análise criteriosa da “Grammatica da Lingoagem Portuguesa de Fernão de Oliveira (1553) e enfatiza a relevância dos vocábulos terminológicos registrados desde o século XVI” (Tuxi e Felten (2019, p. 124).

Pavel e Nolet (2002, xvii) em texto traduzido em português por Enilde Faulstich afirmam que:

Em sua primeira acepção, a palavra terminologia significa um “conjunto de palavras técnicas pertencentes a uma ciência, uma arte, um autor ou um grupo social”, como, por exemplo, a terminologia da medicina ou a terminologia usada pelos especialistas em computação. Tomado em um sentido mais restrito e mais especializado, o mesmo termo designa uma “disciplina lingüística consagrada ao estudo científico dos conceitos e termos usados nas línguas de especialidade”. (Aspas do texto original).

As autoras seguem afirmando que “A língua comum é aquela que usamos no cotidiano”, enquanto [...] a língua de especialidade é a que é utilizada para proporcionar uma comunicação sem ambigüidade numa área determinada do conhecimento ou da prática, com base num vocabulário e em usos lingüísticos específicos desse campo” (Ibidem).

Segundo Faulstich (2001, p. 12) estudos mais atuais sobre a terminologia

[...] têm proporcionado que idéias novas, à luz das teorias e das práticas terminológicas, complementem aquelas existentes ou a elas se contraponham. Estudos, pesquisas e aplicação de teorias se desenvolvem conjuntamente, tendo em vista as necessidades das novas tecnologias. A terminologia é uma disciplina que adquire matiz próprio no âmbito da interdisciplinaridade.

É ainda de Faulstich a afirmação de que “[...] tanto os fundamentos da terminologia geral, quanto os da terminologia variacionista construíram postulados que passam pelo conhecimento implícito e explícito que um falante tem de sua língua” (Ibidem), fomentando o discurso diário, considerando que cerca de noventa por cento dos itens lexicais utilizados no cotidiano são termos.

A partir dessas teorizações, deixamos em aberto os pressupostos práticos da terminologia e da lexicologia, os quais serão retomados no capítulo VI, quando descrevemos, discutimos e analisamos os dados gerados na pesquisa do tipo etnográfica, dando voz e vez aos indígenas, lideranças, professores e alunos que gentilmente aceitaram participar, criando novos termos e expressões da odontologia que ainda não constavam em suas línguas, dando origem a um glossário bilíngue ilustrado em Português-Apinayé e Português-Krahô. Além desses, apresentamos dois manuais de saúde bucal, igualmente ilustrados e bilíngues.

CAPÍTULO IV: TERMOS E EXPRESSÕES DA ODONTOLOGIA

A linguagem agrega diferentes interfaces epistemológicas, quando teoria e prática se coadunam permitindo a comunicação que se efetiva de diferentes formas, verbal, não verbal, oral e escrita. Considerando o universo onde nossa pesquisa se realizou, a fala se sobrepõe à escrita, assim como o não verbal ao verbal, o que nos levou a apresentar os resultados na forma de Glossário e Manual de Saúde Bucal Ilustrados. O intuito é que as comunidades indígenas Apinayé e Krahô possam ampliar seu repertório escrito, pois a oralidade cria no cotidiano das interações novas formas de comunicação, nomeando tudo aquilo que chega até eles, a partir da convivência com as não indígenas, que levam até as aldeias novos nomes para artefatos também novos, por exemplo, o celular, a internet e tudo que as novas tecnologias criam.

Nesse sentido, apresentamos, como produtos da Tese dois “Glossários e dois Manuais de Saúde Bucal Bilíngue em Apinayé-Português e também Krahô-Português. As seções se efetivam em responsividade, quando as teorias da lexicologia e da terminologia permitem a compreensão de um Glossário como material pedagógico, com forte teor interdisciplinar, contribuindo não somente para uma Educação Indígena Bilíngue e Intercultural, mas também para uma educação em saúde, pois os produtos serão disponibilizados para todas aldeias e suas escolas, de modo que as famílias a eles tenham acesso, e assim possam ampliar seu repertório linguístico e melhorar a saúde bucal e, conseqüentemente, a qualidade de vida da população.

4. PRODUTO DA TESE I: GLOSSÁRIO ILUSTRADO BILÍNGUE PORTUGUÊS/APINAYÉ – PORTUGUÊS/KRAHÔ

Um glossário é uma lista alfabética de termos de um determinado domínio de conhecimento, trazendo informações sobre as palavras que, no caso de nosso trabalho, é a tradução da língua portuguesa para as línguas indígenas de termos e expressões usuais na odontologia, descritos também em forma de imagens, conforme desenhos realizados pelos próprios indígenas, que também são os tradutores. As figuras são acompanhadas do nome na língua indígena, e os desenhos apresentam traços que favorecem a identidade cultural indígena, tanto dos Apinayé quanto dos Krahô, conforme as tradições de povos Jê.

Os glossários bilíngues Apinayé e Krahô são formados por termos e expressões da odontologia, a partir de uma busca criteriosa em dicionários e enciclopédias temáticas, quando foi possível filtrar aqueles mais usuais, de modo que os indígenas os

identificassem. Aqueles desconhecidos foram discutidos, quando os professores chegaram a um consenso de como seria sua grafia.

Nesse sentido, e antes de apresentarmos os glossários e os manuais ilustrados bilíngues, é importante conhecermos um pouco sobre as línguas indígenas Apinayé e Krahô.

4.1. Língua Apinayé: uma introdução

A Língua Apinayé pertence ao Tronco Macro-Jê e à Família Linguística Jê, falada por aproximadamente 3.100 pessoas, moradores em 53 aldeias, localizadas no extremo norte do Estado do Tocantins, região conhecida como Bico do Papagaio. Segundo Albuquerque (2012) os sons da língua Apinayé se assemelham aos sons da língua portuguesa e são representados pelas mesmas letras. Para esse autor, o alfabeto Apinayé é composto de doze consoantes, dez vogais orais e seis vogais nasais, a partir da seguinte configuração:

Consoantes: g, h, j, k, m, n, nh, p, r, t, w, x. **Vogais Orais:** a e ê i y à u ô o ý. **Vogais Nasais:** ã ê ã ã ã ã ã; **Pré-nasais:** m n g. [...] A pronúncia dos grafemas consonantais p, t, das vogais orais a, e, ê, i, o, ô, u, e das nasais ã, ê, ã, ô, ã é semelhante aos sons da língua portuguesa. [...] O grafema “y” corresponde à vogal sonora central não-arredondada [i] e não existe na língua portuguesa. Aproxima-se de [i] sem arredondamento dos lábios. O grafema “à” corresponde à vogal sonora, posterior, média aberta, não-arredondada [ʌ] e não possui um som correspondente na língua portuguesa. Aproxima-se de um som de [ɔ] sem arredondamento dos lábios. O grafema “ý” corresponde à vogal sonora, posterior, média fechada, não-arredondada [ɤ]. Também não possui som correspondente no português. Pode-se conseguir uma aproximação com a pronúncia de um [o] sem arredondamento dos lábios. O grafema “ã” corresponde à vogal sonora central, nasal, não-arredondada [ĩ]. Não possui som correspondente em português. Aproxima-se de [ĩ]. O grafema “e” corresponde a [ɛ] em português. O grafema “ê” corresponde a [e] em português. O grafema “o” corresponde a [ɔ] em português. O grafema “ô” corresponde a [o] em português (Albuquerque, 2012, pp. 9-10). (Destaque em negrito nosso).

Seguindo com sua descrição do alfabeto Apinayé, Albuquerque continua afirmando que:

[...] g. é consoante pré-nasal velarizada. Não existe semelhança em português. É representado pelo grafema g e pelo fonema /ng/. h. é consoante oclusiva glotal surda. Não há som semelhante em português. j. o grafema j é um fonema aproximante /j/, que se realiza como [j], [ɟ] e [z]. O [j] ocorre em encontros vocálicos, como glide, precedendo ou sendo precedida por vogal. O [z] ocorre em ambiente em que é precedido de consoante oclusiva e seguida de [e]. O [j], [ɟ], [z] ocorrem em variação livre nos demais ambientes. k. é consoante oral, oclusiva surda. O fonema /k/ realiza-se como /k/ e possui o estatuto de fonema da língua Apinajé. m. é consoante pré-nasal, não existindo semelhança no português. É representado graficamente por m em Apinayé. Sendo que o grafema m também representa o fonema /m/ e seu alofone [mb] nessa língua. [m] antes de

vogal nasal e final de sílaba (incluindo final de palavra, quando, precedida de vogal nasal, ocasiona o eco vocálico). Nos casos dos empréstimos do português, devido à inexistência do grafema b em Apinayé, [b] também é grafado por m. n. é consoante pré-nasal, não existindo som semelhante em português. O fonema /n/ é grafado por n em Apinayé. Este mesmo grafema representa o alofone [nd] do fonema /n/ do Apinayé e o fonema /d/ das palavras emprestadas do português. O [n] ocorre antes de vogal nasal. nh. é consoante nasal palatal, sonora e se realiza como alofones [ɲ], [ndʒ] e [ŋ]. A Palatal [ɲ] ocorre em início de sílaba, antes de vogal nasal. A pré-nasal [ndʒ] aparece em início de sílaba, antes de vogal oral. A velar nasal [ŋ] ocorre em final de sílaba, em posição pós-vocálica e é consoante oral vibrante simples, sonora, semelhante ao /r/ da palavra “caro”. Na língua Apinayé, fonema /r/ é representado pelo grafema r, como em ropkror “onça pintada” (Albuquerque, 2012, p. 10).

4.1.1. Classificação dos fonemas Apinayé

Tendo como fundamento teórico os trabalhos de Albuquerque (2011; 2012), descrevemos como se organiza a gramática Apinayé os fonemas que são classificados, assim como no português, em vogais, consoantes e semivogais.

4.1.1.1. Vogais Apinayé

As vogais são fonemas produzidos pela passagem da corrente de ar vibrante, vinda dos pulmões, que passam livremente pela boca, sem interrupção na linha central, não havendo, portanto, obstrução ou fricção no trato vocal. A vibração da corrente de ar é obtida pela vibração das cordas vocais, o que faz de todas as vogais, fonemas sonoros. Nesse sentido, leva-se em consideração aspectos como a posição da língua em relação à altura, à posição da língua em termos anterior/posterior, arredondamento ou não dos lábios (Albuquerque, 2011).

Em outro trabalho Albuquerque (2007) descreve as vogais orais da língua Apinayé, conforme consta no excerto 9 a seguir.

Excerto 09: Exemplos de vogais orais Apinayé

[a] *ane* [andɾɛ] “espremer”; *kagro* [kagrɔ] “quente”; [ɔ] *wakōjaja* [vakōjəjə] “quatis”; *hamakro* [hambakɾɔ] “surdo”; [e] *gêk* [gek] “doer”; *hapêx* [apɛtʃ] “terminar”; [ɛ] *tep* [tɛp] “peixe”; *pire* [piɾɛ] “comprido”; [i] *kuxi* [kutʃi] “guardar”; *hi* [ʔi] “magro”; [i] *pry* [pri] “estrada” *kuwy* [kuvɪ] “fogo”; [o] *kaô* [kao] “chupar laranja”; *japrô* [ʔapro] “comprar”; [ɔ] *rop* [ɾɔp] “cachorro”; *no* [ndɔ] “olho”; [ʌ] *kawà* [kavʌ] “cesto”; *karà* [karʌ] “veado”; [ɣ] *prɣ* [pɾɣ] “pena”; *mkuprɣ* [kupɾɣ] “prostituta”; m[u] *kupe* [kupɛ] “beber tudo”; *mkupã* [kupã] “cheirar” (Albuquerque, 2012, p. 36).

Segundo Albuquerque (2012), a língua Apinajé, há vogais puramente nasais (sem condicionamento ambiental, isto é, sem proximidade de qualquer segmento nasal) e há

vogais que são nasalizadas, por estarem em ambiente contíguo a outros segmentos nasais, conforme ilustra o excerto 10.

Excerto 10: Exemplos de vogais nasais em Apinayé

Vogais puramente nasais: *kapĩ* [kapĩ] “derramar”; *kupẽ* [kupẽ] “não indígena”; *karõ* [karõ] “alma, espírito”; *pã* [pã] “cheirar”.

Vogais nasalizadas pelo ambiente contíguo: *prãm* [prãm] “fome”; *tẽm* [tẽm] “cair”; *pipãnh* [pipãnh] “bêbado”; *mẽmoj* [mẽmbɔj] “o que?”; *mẽnijaja* [mẽnɔjaja] “as mulheres”/ *panhĩ* [panĩ] “índio”.

Vogal antecedendo segmento nasal: *inhmã* [ijnmã] “eu”; *amã* [amã] “você”; *omnuj* [omnduj] “ruim”; *xumĩr* [tʃumĩr] “assar”; *umnha* [umɟa] “morder”.

Vogal sucedendo segmento nasal: *konẽn* [konẽn] “não sei”; *nhũm* [nũm] “conjunção”; *inhmã* [ijnmã] “eu”; *kamã* [kamã] “dentro”; *amã* [amã] “você”; *nhỹri* [nĩri] “onde?”; *tanhmã* [taɲmã] “como?”.

4.1.1.2. Semivogais

As semivogais são fonemas produzidos de forma semelhante às vogais altas /e/ e /u/, mas diferentes por não assumirem o papel de núcleo da sílaba. Daí serem interpretados como vogais assilábicas. Na escrita Apinayé são representados pelas letras “j” e “w”. Exemplos: *mẽmoj* (o quê?), *harôj* (arroz), *kôkôjaja* (macacos), *kupaw* (erro), *xwa* (banhar).

4.1.1.3. Consoantes Apinayé

Segundo Albuquerque (2011), os segmentos consonantais são fonemas em cuja a produção a corrente de ar vinda dos pulmões enfrenta obstáculos ao passar pela cavidade bucal. Esses obstáculos podem ser totais ou parciais, dependendo da posição da língua e dos lábios. Para classificação das consoantes na língua Apinayé o autor leva em consideração alguns critérios, quais sejam:

Modo de Articulação: Com base na natureza da estrutura, classificamos os segmentos consonantais, em Apinajé, quanto ao modo de articulação. Nesse critério, é verificado se o obstáculo encontrado pela corrente de ar, ao passar pela cavidade bucal, é total ou parcial. Se for total, a consoante será oclusiva (de oclusão ou fechamento), porém se for parcial, a consoante será fricativa. **Fricativa** (quando ocorre uma fricção da passagem de ar pela cavidade bucal), da corrente de ar. A aproximação dos articuladores não chega a causar uma obstrução total, mas parcial, ocasionando uma fricção. Em Apinayé ocorre apenas uma fricativa, como em /w/: *wewere* (borboleta), *wakõ* (quati). **Oclusiva:** os articuladores produzem uma completa obstrução da passagem da corrente de

ar através da cavidade bucal. As consoantes oclusivas do Apinayé: /p/, /t/, /k/, /g/ /h/. Exemplos: *prôt* (correr), *pàry* (pimenta), *kato* (sair), *tykre* (escuro), *kupã* (cheirar), *kagô* (suco), *haprô* (comprar), *gôhkôn* (cabaça). **Vibrantes:** ocorre quando o ar passa, provocando uma vibração da língua: /r/, a língua Apinayé possui apenas a vibrante simples ou flepe.

Nasais: para realização das nasais, os articuladores produzem uma obstrução completa da passagem da corrente de ar através da boca. O véu palatino encontra-se abaixado, e o ar que vem dos pulmões direciona-se para as cavidades nasal e oral. As consoantes nasais do Apinayé são: /m/, /n/, /nh/. Exemplos: *môr* (ir), *mâti* (ema), *anã* (sua tia), *nô* (deitar), *pinhõ* (genro), *panhĩ* (índio). **Pré nasais:** são consoantes precedidas de uma outra nasal breve do mesmo ponto de articulação e, geralmente, de mesma sonoridade. /mb /, /nd /, / ŋg /, como nas palavras abaixo: Exemplos: *môx* (boi), *no* (olho), *gô* (água).

Do ponto de vista desse autor, na Língua Apinayé é possível descrever e classificar seus vocábulos em quatro classes diferentes: substantivos, verbos, modificadores e palavras com função conectoras (preposição e conjunção)⁴³.

4.2. Tradução de termos e expressões da odontologia para as línguas indígenas

A Tradução é uma atividade fundamental para a comunicação entre pessoas que falam línguas diferentes e vivem culturas também diferentes, realizando a mediação entre os povos, pela difusão de conhecimentos, pela divulgação de literatura, ciência e conhecimentos técnicos e, por conseguinte, pela ampliação do processo de globalização, fazendo com que haja a intensificação do contato com o “outro” (Rocha, 2011). Constitui-se como uma atividade de mediação importante, notadamente em contextos socioculturais complexos, por exemplo, comunidades indígenas, tais quais os Apinayé e Krahô que habitam no norte do Tocantins. No caso da tradução e ilustração dos glossários que aqui apresentamos, sua relevância se amplia, na medida em que educação indígena bilíngue e intercultural e educação em saúde bucal se expandem no âmbito das relações intersubjetivas de duas sociedades indígenas, em interação com uma outra sociedade que é também é hegemônica, dominante e majoritária.

Nesse sentido, antes de apresentarmos os glossários, é importante uma compreensão, o mais efetiva possível, de conceitos de cada uma dessas categorias,

⁴³ Para melhor compreensão da língua Apinayé, seus vocábulos em quatro classes diferentes: substantivos, verbos, modificadores e palavras com função conectoras (preposição e conjunção, sugerimos consultar a Gramática Pedagógica Apinayé de Francisco Edviges Albuquerque, disponível no Laboratório de Línguas Indígenas (LALI/UFT), em: <https://ufnt.edu.br/lali>.

enfaticamente em relação aos termos e expressões da odontologia e como estes, ao serem traduzidos para as línguas Apinayé e Krahô, podem contribuir para que crianças, jovens e demais pessoas das comunidades possam melhorar seu repertório não somente nos âmbitos acadêmico e intelectual, mas também a qualidade de vida. Para isso, retomamos teorias anteriormente discutidas, para que possamos ter a clareza suficiente na defesa de nossa Tese.

Com efeito, termos e expressões são um tipo de linguagem específica de uma determinada categoria, por exemplo os dentistas, que são responsáveis pela construção e estudos de uma linguagem própria da odontologia em áreas também específicas. Porém, essas áreas se delimitam em subáreas, o que nos levou a delimitar nosso campo de estudo em termos mais comuns, considerando as nuances do contexto onde a pesquisa se realizou, isto é, duas etnias indígenas e suas diversidades linguísticas e culturais. Para tanto, buscamos, na literatura disponível, termos e expressões os mais usuais possíveis e que pudessem ser compreensíveis pelos indígenas, quer pela linguagem, pelo sentido ou pela percepção sensorial, uma vez que remete a desconfortos causados por dores agudas.

A escolha dos termos, das expressões e suas traduções deram-se avaliando a importância da apreensão de cada palavra pelos indígenas, independentemente do nível acadêmico ou faixa etária de cada um, mas, antes, considerando que todos detêm repertório linguístico e cultural suficientes para apreenderem os significados, uma vez que são detentores formas específicas de entender o mundo, a partir dos saberes próprios, que são patrimônios culturais que também são atemporais. Tudo isso foi criteriosamente pensado e os termos devidamente apresentados e traduzidos, revelando parte da inteligência e sensibilidade dos indígenas, que sempre recebem nossas propostas de estudos com entusiasmo, o que só aumenta nossa responsabilidade e compromisso com um trabalho de excelência, realizado com a participação indispensável das comunidades.

4.3. Saúde bucal e índices de CPOD (dentes cariados, perdidos e obturados) entre os indígenas brasileiros

A saúde bucal dos povos originários brasileiros foi historicamente negligenciada e, não obstante, estudos que abordem a essa temática são poucos, o que torna a pesquisa que realizamos importante, mesmo que não trate especificamente de dados epidemiológicos. Essa premissa é reforçada por Arantes, Santos e Frazão (2010, p. 244), ao afirmarem que “O quadro epidemiológico da saúde bucal dos povos indígenas do Brasil é pouco conhecido”, e constatando que “[...] há evidências de desigualdades entre índios e não-

índios no que diz respeito ao acesso a serviços de atenção à saúde bucal e a métodos preventivos regulares”, deixando as populações indígenas mais vulneráveis, inclusive em relação à emergência da cárie e suas complicações.

Além disso,

Os riscos para desenvolvimento da cárie em povos indígenas aumentaram à medida que se intensificou a interação dessas populações com a sociedade nacional envolvente[...]. O contato permanente com a sociedade não-indígena impôs transformações nas formas de subsistência, nos sistemas socioculturais e nos estilos de vida desses povos, em geral com impactos negativos para sua saúde[...]. As mudanças nos hábitos alimentares, a introdução de alimentos industrializados, principalmente aqueles ricos em açúcar, são particularmente importantes na determinação do atual quadro epidemiológico da saúde bucal indígena[...] (Arantes, Santos e Frazão, 2010, p. 244).

Como sabemos, questões de saúde nas aldeias dos mais de 300 povos que habitam no Brasil é uma questão de política pública, e por décadas foi gerida pela Fundação Nacional de Saúde (Funasa), que, durante anos, foi alvo de denúncias relacionadas a corrupção e deficiências no atendimento. Segundo Arantes, Santos e Frazão (2010, p. 244), partir do ano de 1999, “[...] a atenção à saúde dos povos indígenas passou a ser responsabilidade do Ministério da Saúde, quando se iniciou a implantação do Subsistema de Saúde Indígena, através da criação dos Distritos Sanitários Especiais Indígenas (DSEI)”, o que trouxe um aporte maior de recursos financeiros e contratação de profissionais. Esses autores recorrem a Ferreira (2005) considerando que as ações de saúde bucal não ocorrem de forma homogênea nos DSEI. “Enquanto em alguns distritos é possível perceber ampliação de cobertura, em outros existe grande dificuldade na implantação e organização das atividades, deixando muitas vezes grande parte da população desassistida” (Arantes, Santos e Frazão (2010, p. 244).

Tratando especificamente da questão que envolve publicações sobre a saúde dos povos indígenas no Brasil, esses autores argumentam que a partir dos anos 1990 houve um crescente aumento das pesquisas envolvendo essa temática, porém identificam alguns entraves, afirmando que “[...] Uma das dificuldades mais expressivas nestes estudos diz respeito à obtenção de amostras representativas do ponto de vista populacional. Não somente as comunidades indígenas muitas vezes se localizam em locais de difícil acesso, como também há a questão dos pequenos tamanhos das aldeias” (Arantes, Santos e Frazão (2010, pp. 244-245). A isso acrescentamos o fato de termos 305 etnias de norte a sul do Brasil, além de outros povos isolados, o que reque um planejamento minucioso e uma política de atenção à saúde com prioridades específicas.

Em publicação realizada em 2013, resultado de uma pesquisa cuidadosa, Filho, Santos e Vettore lançam luz sobre essa problemática, pois fazem um levantamento dos estudos epidemiológicos realizados entre 2000 e 2007 sobre as condições de saúde bucal dos povos indígenas brasileiros. Trata-se de um estudo ecológico que investigou a associação entre desigualdades sociais e ambientais com a cárie dentária dessa população. “As variáveis independentes foram obtidas a partir dos estudos e de informações disponíveis no Sistema de Informação de Saneamento Básico para Populações Indígenas SISABI” (Filho, Santos e Vettore, 2013, p. 692). Os autores fizeram “[...] análises de regressão linear múltipla”, que foram “empregadas para testar a associação entre características socioambientais e cárie dentária (índice CPOD), estratificadas por idade” (Idem).

As informações analisadas derivam de 48 povos indígenas investigados em 19 estudos. A ocorrência da cárie dentária foi inversamente associada à localização de aldeias fora da região da Amazônia Legal (aos 12, 15 – 19 e 20–34 anos), eletrificação (aos 15 – 19 e 20 – 34 anos) e proporção de casas com cobertura de palha/sapê (aos 20 –34 anos). A presença de escola foi estatisticamente associada a maiores médias do CPOD (aos 15 – 19 e 20 – 34 anos). (Filho, Santos e Vettore, 2013, p. 692)⁴⁴.

As informações que esses autores apresentam são valiosíssimas quando se busca compreender a complexidade da situação da saúde bucal dos povos originários brasileiros, notadamente em relação aos índices CPOD, e sendo assim retomamos a discussão na seção seguinte.

4.4. CPOD (Dentes Cariados, Perdidos e Obturados)

Os índices de CPOD são indicadores importantes para avaliar a saúde bucal de populações, refletindo a prevalência de cáries dentárias e o acesso ao tratamento odontológico. Nesse requisito, no Brasil, os povos indígenas apresentam índices preocupantes, revelando desigualdades significativas no acesso a serviços de saúde, notadamente na manutenção da saúde bucal quando comparamos essa ocorrência na população não indígena.

⁴⁴ A maioria dos estudos foi realizada em aldeias localizadas na Amazônia Legal (88%), em área rural (96%), com eletrificação (64%), com escolas de ensino fundamental (60%) e com disponibilidade de rádio ou telefone (88%). Em relação às metodologias empregadas, 24 (96%) foram transversais e apenas 1 (4%) foi longitudinal [...]. As amostras foram inferiores a 300 indivíduos em 52,6% dos estudos. Foram examinados 9074 indivíduos de 48 etnias, perfazendo 15% da população-alvo (60.322) sob análise nas 19 pesquisas. Os estudos foram conduzidos entre 2000 e 2007, tendo a maior parte sido realizada nas macrorregiões Norte (42,1%) e Centro-Oeste (21,1%). Nas demais macrorregiões, as frequências foram as seguintes: 15,8% no Sudeste, 15,8% no Nordeste e 5,3% no Sul (Filho, Santos e Vettore, 2013, p. 696).

De acordo com um estudo realizado por Oliveira, Silva, Pereira (2019), os índices de CPOD entre indígenas variam amplamente, mas, em algumas comunidades, os valores podem chegar a 8,5, o que é considerado alarmante. Os autores destacam que "as altas taxas de CPOD entre os indígenas refletem não apenas a falta de acesso a serviços de saúde, mas também a necessidade de estratégias de prevenção adequadas, respeitando a cultura e os hábitos alimentares desses povos" (Oliveira, Silva, Pereira, 2019, p. 45).

Além disso, dados do Ministério da Saúde do Brasil (2020) indicam que a prevalência de cáries em crianças indígenas é significativamente maior do que a média nacional. Um estudo realizado em 2019 apontou que 75% das crianças indígenas apresentavam pelo menos uma cárie, em comparação com 42% da população infantil geral (Ministério da Saúde, 2020). Esses dados evidenciam a urgência de políticas públicas voltadas para a saúde bucal das comunidades indígenas, que muitas vezes são negligenciadas.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) também reconhece a importância da saúde bucal e suas implicações para a saúde geral. Em um relatório a OMS (2021) afirma que "[...] a saúde bucal é um componente essencial da saúde pública, e as populações vulneráveis, como os indígenas, enfrentam desafios únicos que requerem atenção especial" (OMS, 2021, p. 67). A OMS recomenda a implementação de programas de saúde bucal que considerem as especificidades culturais e sociais desses grupos, promovendo um acesso equitativo à saúde.

Considerando a complexidade e o alcance do estudo realizado por Filho, Santos e Vettore (2013), em relação aos índices de CPOD, apresentaram os dados em tabelas que traduzem o estudo de forma linear. Na tabelas 1 e 2⁴⁵ constam as médias do índice CPOD para cada faixa etária, de acordo com as variáveis independentes.

Nesse sentido, os autores afirmam que:

O índice CPOD variou de 4,9 para a idade de 12 anos a 25,7 para maiores ou iguais a 65 anos. Em relação à variável eletrificação, as médias de CPOD foram maiores em todas as idades para as populações cujas aldeias não tinham disponibilidade de energia elétrica. A variável meio de comunicação apresentou valores divergentes entre os mais jovens e os adultos, com destaque para menores índices entre jovens de áreas com rádio ou telefone (Filho, Santos e Vettore, 2013, p. 696).

⁴⁵ **Tabela 1** - Distribuição do Índice de cárie e seus componentes em diferentes populações indígenas, de acordo com a região, faixas etárias selecionadas, autor e ano de realização do estudo, 2000 a 2007; **Tabela 2** - Estatística descritiva do Índice de cárie segundo as variáveis independentes para cada faixa etária entre grupos indígenas no Brasil, 2000 a 2007 (Filho, Santos e Vettore, 2013, pp. 697-698).

Ao se analisar a trajetória da saúde indígena no Brasil, esses autores perceberam um crescimento importante no número de pesquisas sobre as condições de saúde bucal nas últimas décadas. Todavia, advertem que,

[...] o perfil epidemiológico da cárie dentária nas comunidades indígenas ainda é pouco conhecido. Em que pese tal dificuldade, diversos estudos sugerem a existência de desigualdades entre os povos indígenas e a sociedade envolvente no que concerne ao acesso e utilização de serviços de atenção à saúde bucal [...]. O componente “obturado” reflete uma diferenciação no que tange ao acesso aos serviços de atenção odontológica. Desta forma, o percentual de dentes restaurados é indicativo da ocorrência de um maior ou menor grau de acesso ao tratamento. O componente “perdido”, por sua vez, reflete prática mutiladora, baseada em extrações dentárias (Filho, Santos e Vettore, 2013, p. 700).

Em relação à ocorrência de cárie, esses autores evidenciaram “[...] que pode estar ocorrendo nos povos indígenas uma transição epidemiológica inversa. Isso porque há casos de etnias que estão experimentando um aumento gradual nas prevalências de cárie ao longo dos anos, em contraste com a sociedade nacional” (Idem). Outra constatação foi de que entre nos Xavante existe um padrão heterogêneo no perfil epidemiológico da saúde bucal nas diversas comunidades dessa etnia, “[...] o que pode ser evidenciado por desigualdades encontradas nas prevalências de cárie intragrupos e possíveis associações destas com o processo de interação com a sociedade nacional, aspectos socioculturais” (Ibidem).

Essa realidade pode ser encontrada nas sociedades indígenas Apinayé e Krahô, desde que se faça um estudo epidemiológico que permita avaliar o nível da problemática e, assim, apresentar possíveis soluções em relação a um trabalho de atendimento, de preferência com profissionais oriundos das próprias aldeias. Nesse sentido, é importante situar o “Projeto Facit Indígena”, que atualmente está formando dois indígenas em odontologia para atuarem em suas comunidades, “Gislene Ribeiro Sotero Apinagé” da aldeia Apinayé São José e “Octávio Klaws Pena de Jesus” da aldeia Hawa Tymará do povo Karajá Xambioá, ambos colarão grau em junho de 2025. Esses acadêmicos foram contemplados com um bolsa integral ofertada pela Faculdade de Ciências do Tocantins.

Com efeito, a questão da saúde bucal, com destaque para os índices de CPOD entre os indígenas brasileiros são preocupantes e refletem uma situação de vulnerabilidade que exige uma resposta urgente do governo e da sociedade. Nesse sentido, é primordial que as políticas de saúde considerem as particularidades culturais e sociais das comunidades indígenas, promovendo ações que garantam o acesso à saúde bucal de forma equitativa. Somente assim será possível reduzir as disparidades existentes e promover uma saúde bucal adequada para todos.

4.5. O glossário ilustrado bilíngue português-apinayé⁴⁶

Para efeito de apresentação dos glossários descrevemos, a seguir, primeiro em Apinayé, em seguida, em Krahô, termos e expressões que formam cada um dos glossários ilustrados pelos indígenas, comprovando a enorme criatividade em realizar desenhos e deixar a marca identitária de seu povo. Reiteramos, que são traduzidos somente os termos, literalmente, não trazendo significados dos mesmos.

Fig. 47. Glossário Português-Apinayé.



Fonte: Gamberi-Apinayé (2024).

⁴⁶ Os desenhos e a revisão ortográfica da língua Apinayé são de Julio Gamberi Apinajé, Professor e Diretor da Escola Tekator, Aldeia Mariazinha.

Fig.48. Glossário Português-Apinayé, p. 4.

Profa. Me. Ângela Maria Silva



1) Abscesso dentário:
Apinayé:
Kỳj rũm wanhĩxur



2) Arcada dentaria:
Apinayé:
Mẽwa piitã



3) Acidez na boca:
Apinayé:
**ahkwaxỳ /
ahkwakro**

Página 4

Termos usuais na Odontologia Apinayé - Português

Fonte: Gamberi-Apinayé (2024).

Fig. 49. Glossário Português-Apinayé, p. 5.

Profa. Me. Ângela Maria Silva



4) Aftas: são pequenas feridas formadas dentro da boca:
Apinayé:
ahkwa kànhhy



5) Articulação Mandibular:
Apinayé:
Ãmhi



6) Agulha:
Apinayé:
Ahi

Termos usuais na Odontologia Apinayé - Português

Página 5

Fonte: Gamberi-Apinayé (2024).

Fig.50. Glossário Português-Apinayé, p. 6.

Profa. Me. Ângela Maria Silva



7) Antibiótico:
Apinayé:
Měkanexá xihtỳx



8) Anestesia odontológica:
Apinayé:
wanhĩ ho kàptĩxà



9) Anquiloglossia/Língua presa
Apinayé:
**õhto kuxêk õhto
ho tỳx**

Página 6

Termos usuais na Odontologia Apinayé - Português

Fonte: Gamberi-Apinayé (2024).

Fig.51. Glossário Português-Apinayé, p. 7.

Profa. Me. Ângela Maria Silva



10) Aparelho:

Apinayé:

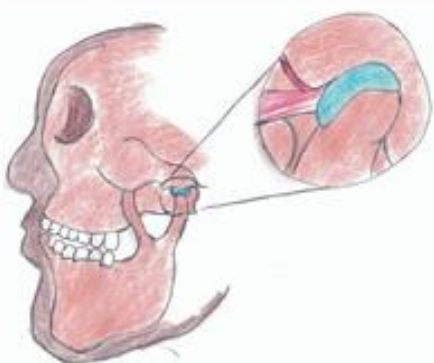
wa kamã kàx



11) Arrancar os Dentes:

Apinayé:

wahkwỳ



12) Articulação

Temporomandibular:

articulação que faz a ligação maxilar ao osso temporal do crânio. Apinayé:

**Ãmhi kuxêk krãhi
ho tỳx**

Fig.52. Glossário Português-Apinayé, p. 8.

Profa. Me. Ângela Maria Silva



13) Baba:
Apinayé:
harà - rà



14) Babar:
Apinayé:
harà rũnh



15) Bactérias:
Apinayé:
wanhyre

Fig.53. Glossário Português-Apinayé, p. 9.

Profª. Me. Ângela Maria Silva



16) Bichectomia:
procedimento cirúrgico irreversível para remoção da bola de Bichat (tecido gorduroso).
Apinayé:
ahkwanhy twým



17) Boca:
Apinayé:
ahkwa



18) Bochecha:
Apinayé:
hinetu

Termos usuais na Odontologia Apinayé - Português

Página 9

Fonte: Gamberi-Apinayé (2024).

Fig.54. Glossário Português-Apinayé, p. 10.

Profa. Me. Ângela Maria Silva



19) Bolsa periodontal:
aumento anormal do espaço
entre o dente e a gengiva.

Apinayé:

wanhĩ



20) Bruxismo:

Apinayé:

**wagãnh /
amnhĩxwagãnh
kurê atuj**



21) Canal no dente:

Apinayé:

**wanhĩkre /
wanhĩhtom**

Página 10

Termos usuais na **Odontologia Apinayé** - Português

Fonte: Gamberi-Apinayé (2024).

Fig.55. Glossário Português-Apinayé, p. 11.

Profa. Me. Ângela Maria Silva

22) Canino:

Apinayé:

wa xwagix



23) Cárie:

Apinayé:

Wakre / wakrenhy



24) Clareamento Dental:

Apinayé:

wa ho haka / amnhĩxwapõnh



Termos usuais na Odontologia Apinayé - Português

Página 11

Fonte: Gamberi-Apinayé (2024).

Fig. 56. Glossário Português-Apinayé, p. 12.

Profa. Me. Ângela Maria Silva



25) Cuspir:

Apinayé:

Argô



26) Céu da Boca:

Apinayé:

kỳjrũm arkre



27) Cicatrização:

Apinayé:

**wanhĩkayr /
wanhĩkayr
akupỹm mex**

Fig.57. Glossário Português-Apinayé, p. 13.

Profa. Me. Ângela Maria Silva

28) Contaminação:

Apinayé:

**wanhy / wanhy hã
ajêt**

29) Creme Dental:

Apinayé:

**mẽwa kuhõnhxà /
mẽwa kahõnhxà**

30) Coroa dentaria:

Apinayé:

**Apinayé:
wanhĩkrax**

Termos usuais na Odontologia Apinayé - Português

Página 13

Fonte: Gamberi-Apinayé (2024).

Fig.58. Glossário Português-Apinayé, p. 14.

Profa. Me. Ângela Maria Silva



31) Consulta Periódica:
Apinayé:
xahtã mēwa omex
xà wỳr mra



32) Consulta de Urgência:
Apinayé:
axwa tanhmã kute
ka tokyx h o mex



33) Dentadura:
Apinayé:
mēwakarõ

Página 14

Termos usuais na **Odontologia Apinayé** - Português

Fonte: Gamberi-Apinayé (2024).

Fig. 59. Glossário Português-Apinayé, p. 15.

Profa. Me. Ângela Maria Silva



34) Dente:

Apinayé:

wa / mēwa



35) Dentes da Frente:

Apinayé:

**kapôt rūm wam
wa kuhê**



36) Dente de Leite:

Apinayé:

**Mēhprijê xwa:
kormã wa rerekre
/ kormã wa ràxre**

Termos usuais na Odontologia Apinayé - Português Página 15

Fonte: Gamberi-Apinayé (2024).

Fig. 60. Glossário Português-Apinayé, p. 16.

Profa. Me. Ângela Maria Silva



37) Dente inflamado:
Apinayé:
Wa hikooti



38) Dentes inferiores:
Apinayé:
pyka rūm wa



39) Dentes Superiores:
Apinayé:
kỳjrūm wa

Página 16

Termos usuais na Odontologia Apinayé - Português

Fonte: Gamberi-Apinayé (2024).

Fig. 61. Glossário Português-Apinayé, p. 17.

Profa. Me. Ângela Maria Silva



40) Dentista:
Apinayé:
**Měwa pumunh
xwỳnh - měwa
omex xwỳnh**



41) Dente que pula/Pulpite:
Apinayé:
Wakrax tātāk



42) Dente sensível:
Apinayé:
Wagêk - ixwagêk

Termos usuais na Odontologia Apinayé - Português

Página 17

Fonte: Gamberi-Apinayé (2024).

Fig. 62. Glossário Português-Apinayé, p. 18.

Prof.ª. Me. Ângela Maria Silva

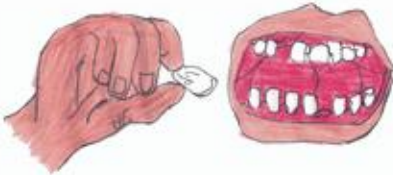


43) Dentes de Trás:
Apinayé:
ahkwakre kurũm
wa





44) Derme:
Apinayé:
Ahkwa jaka –
ahkwa nhĩmro –
ahakwa ãxà



45) Dente Amolecido:
Apinayé:
wa rerek – wa
karo

Página 18

Termos usuais na **Odontologia Apinayé** - Português

Fonte: Gamberi-Apinayé (2024).

Fig. 63. Glossário Português-Apinayé, p. 19.

Profa. Me. Ângela Maria Silva



46) Desgaste do dente:
Apinayé:
**wa atujre – wa
kumànre - wa hapêx
o mõi – wa nhĩprare**



47) Desmineralização do dente:
Apinayé:
**wa amnhĩ kumàn
par o mõi**



48) Diastema dentário:
Apinayé:
**wanhĩ- wahi -
wakuhêxà**

Termos usuais na Odontologia Apinayé - Português

Página 19

Fonte: Gamberi-Apinayé (2024).

Fig. 64. Glossário Português-Apinayé, p. 20.

Profa. Me. Ângela Maria Silva



49) Dor de dente:
Apinayé:
wa tãtãk



50) Doer Muito:
Apinayé:
**wa tãtãk tỳx
kumrẽx**



51) Defeito do Osso:
Apinayé:
**wahi punuj –
wakrax japôk**

Página 20

Termos usuais na Odontologia Apinayé - Português

Fonte: Gamberi-Apinayé (2024).

Fig. 65. Glossário Português-Apinayé, p. 21.

Profa. Me. Ângela Maria Silva



52) Doloroso / Dolorido:]
Apinayé:
**wanhĩgêk tỳx
kumrẽx- wanhĩxà
tỳx kumrẽx**



53) Enxaguante Bucal:
Apinayé:
**ahkwa kuhõ –
amnhĩjahkwa kuhõ
– ho ajakõm nẽ kapĩ**



54) Engasgar com Saliva:
Apinayé:
argô ho amnhĩ pĩ

Termos usuais na Odontologia Apinayé – Português

Página 21

Fonte: Gamberi-Apinayé (2024).

Fig. 66. Glossário Português-Apinayé, p. 22.

Profa. Me. Ângela Maria Silva



55) Enucleação de Cisto:
Apinayé:
ãmhi xô xur –
amhi xur



56) Erosão:
Apinayé:
wa amnhĩkumành



57) Escova de Dente:
Apinayé:
Wa kuhõnxà – wa
kahõnxà

Página 22

Termos usuais na **Odontologia Apinayé** – Português

Fonte: Gamberi-Apinayé (2024).

Fig. 67. Glossário Português-Apinayé, p. 23.

Profa. Me. Ângela Maria Silva



58) Escovar:

Apinayé:

**amnhĩxwa kuhõ –
amnhĩ kahõ**



59) Esmalte do dente:

Apinayé:

krākà rũm wakà



60) Extração dentária:

Apinayé:

wakwrỳ

Termos usuais na Odontologia Apinayé - Português

Página 23

Fonte: Gamberi-Apinayé (2024).

Fig. 68. Glossário Português-Apinayé, p. 24.

Profa. Me. Ângela Maria Silva



61) Excisão de Glândula Salivar:

Apinayé:

arkre karôt



62) Freio do lábio superior:

Apinayé:

kỳjrũm kwrýtka

ho tỳx xà



63) Freio lábio inferior:

Apinayé:

pyka rũm kwrýtka

ho tỳx xà

Fig. 69. Glossário Português-Apinayé, p. 25.

Prof.ª. Me. Ângela Maria Silva



64) Frenectomia Labial:
Apinayé:
kwrýtka ho tỳx xà



65) Ficha Clínica:
Apinayé:
wa xyrpê kagà



66) Fio Dental:
Apinayé:
wa Kaxurxà

Termos usuais na **Odontologia Apinayé** - Português

Página 25

Fonte: Gamberi-Apinayé (2024).

Fig. 70. Glossário Português-Apinayé, p. 26.

Prof.ª Me. Ângela Maria Silva



67) Flúor:
Apinayé:
Wa Kanexà



68) Fluorose infantil
Apinayé:
**mêhprijê xwa
kanexà**



69) Gargarejo
Apinayé:
**ho amnhĩ nhõkre
kuhõ**

Página 26

Termos usuais na Odontologia Apinayé - Português

Fonte: Gamberi-Apinayé (2024).

Fig. 71. Glossário Português-Apinayé, p. 27.

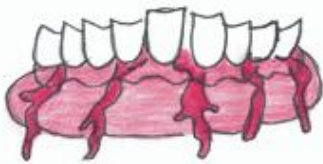
Profa. Me. Ângela Maria Silva



70) Garganta:
Apinayé:
õkre



71) Gengiva:
Apinayé:
wanhĩ



72) Gengiva que Sangra:
Apinayé:
wanhĩ kamrô

Termos usuais na Odontologia Apinayé - Português

Página 27

Fonte: Gamberi-Apinayé (2024).

Fig. 72. Glossário Português-Apinayé, p. 28.

Profa. Me. Ângela Maria Silva



73) Gengivite: corresponde a inflamação da gengiva por causa do acúmulo de placa bacteriana nos dentes

Apinayé:

wanhĩxur



74) Higiene bucal:

Apinayé:

amnhĩxwa ho mex



75) Halitose/Mau Hálito:

Apinayé:

**ahkwa kro –
ahkwa kuxỳ**

Página 28

Termos usuais na Odontologia Apinayé - Português

Fonte: Gamberi-Apinayé (2024).

Fig. 73. Glossário Português-Apinayé, p. 29.

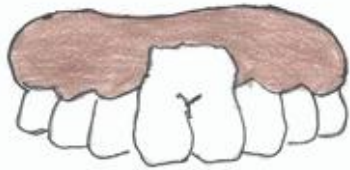
Profa. Me. Ângela Maria Silva



76) Habito de chupar o pipo:
Apinayé:
**ĩhkra kaôr kurê
ahkwa kuxỳ**



77) Habito de chupar o dedo:
Apinayé:
**pipre kaôr kurê
ahkwa kuxỳ**

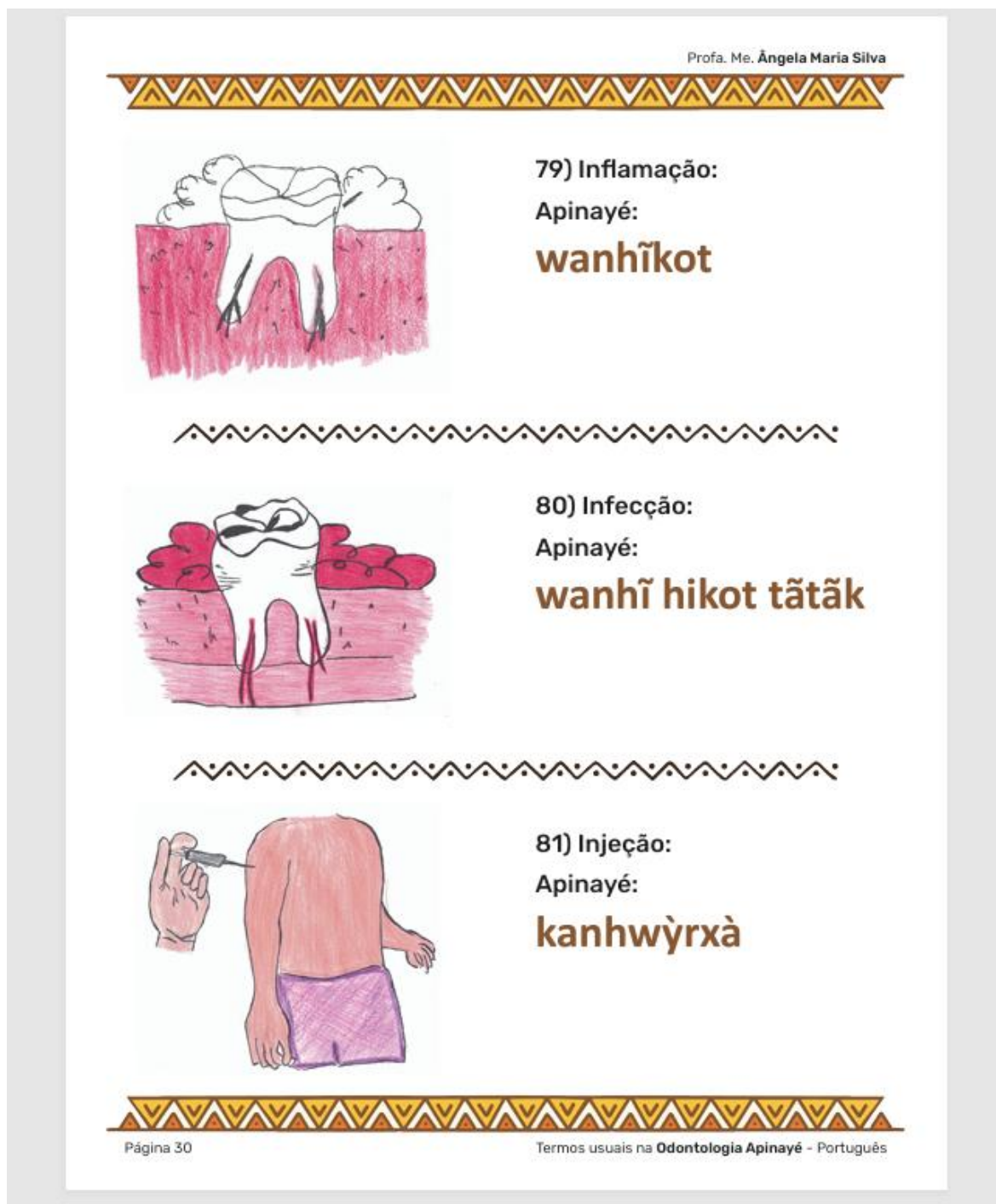


78) Implante dentário:
Apinayé:
wakarõ

Termos usuais na Odontologia Apinayé - Português Página 29

Fonte: Gamberi-Apinayé (2024).

Fig. 74. Glossário Português-Apinayé, p. 30.



Fonte: Gamberi-Apinayé (2024).

Fig. 75. Glossário Português-Apinayé, p. 31.

Prof.ª. Me. **Ângela Maria Silva**

Lábio inchado
Kwrýtka Hikot



Bochecha inchada
Hine Hikot



82) Inchado:
Apinayé:
hikot: kwrýtka
hikot – hine hikot



83) Lavar o rosto:
Apinayé:
amnhĩkuk kuhõ



84) Limpador de língua:
Apinayé:
õhto põnhxà

Termos usuais na **Odontologia Apinayé** - Português

Página 31

Fonte: Gamberi-Apinayé (2024).

Fig. 76. Glossário Português-Apinayé, p. 32.

Profa. Me. Ângela Maria Silva



85) Língua:
Apinayé:
Õhto



86) Má oclusão:
Apinayé:
**wanhĩkãx –
wakuhê punuj**



87) Mandíbula:
Apinayé:
Ãmhi

Página 32

Termos usuais na Odontologia Apinayé - Português

Fonte: Gamberi-Apinayé (2024).

Fig. 77. Glossário Português-Apinayé, p. 33.

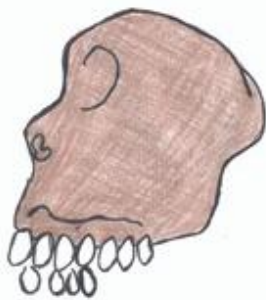
Profa. Me. **Ângela Maria Silva**



88) Mastigação:

Apinayé:

kamnha



89) Maxilar:

Apinayé:

kỳjrũm ãmhi



90) Molar:

Apinayé:

wahkrax

Termos usuais na **Odontologia Apinayé** - Português

Página 33

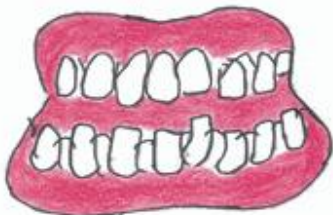
Fonte: Gamberi-Apinayé (2024).

Fig. 78. Glossário Português-Apinayé, p. 34.

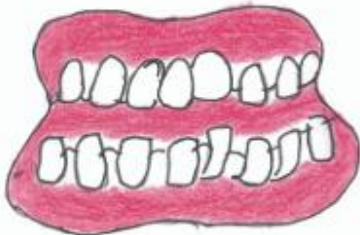
Profa. Me. Ângela Maria Silva



91) Medo de Dentista:
 Apinayé:
kãm mēwa
kupênh xwỳnh
puma



92) Mordida Cruza
 Apinayé:
wa axpên nhĩkjê –
wa pikrunh rax



93) Mordida Torta:
 Apinayé:
mēmoj kamnhar
nhĩkãx

Página 34

Termos usuais na **Odontologia Apinayé** - Português

Fonte: Gamberi-Apinayé (2024).

Fig. 79. Glossário Português-Apinayé, p. 35.

Profa. Me. Ângela Maria Silva



94) Morder / Quebrar com o Dente:

Apinayé:

wa ho krakarak



95) Nascer o Dente:

Apinayé:

**wa nyw – wa kot
wa**



96) Odontopediatria:

Apinayé:

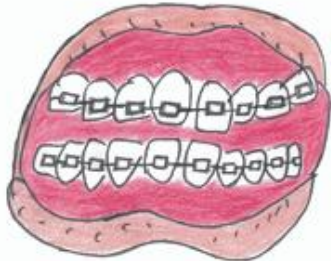
**měhprĩjê xwa
pumunh xwỳnh**

Termos usuais na Odontologia Apinayé - Português Página 35

Fonte: Gamberi-Apinayé (2024).

Fig. 80. Glossário Português-Apinayé, p. 36.

Profa. Me. Ângela Maria Silva



97) Ortodontia:

Apinayé: wa kamã kàx

wa kamã kàx



98) Obturar:

Apinayé:

**wa katy -
wanhĩhtom**



99) Paciente:

Apinayé:

amã – amãr o nhỹ

Página 36

Termos usuais na Odontologia Apinayé - Português

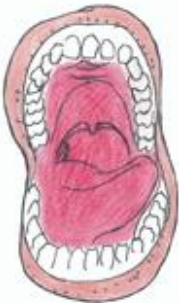
Fonte: Gamberi-Apinayé (2024).

Fig. 81. Glossário Português-Apinayé, p. 37.

Prof.ª. Me. **Ângela Maria Silva**



100) Palato duro/ céu da boca:
Apinayé:
kỳjrũm arkre



101) Palato mole:
Apinayé:
arkre nhĩ rerek



102) Placas Bacterianas
Apinayé:
wa ãxà

Termos usuais na **Odontologia Apinayé** - Português

Página 37

Fonte: Gamberi-Apinayé (2024).

Fig. 82. Glossário Português-Apinayé, p. 38.

Profa. Me. Ângela Maria Silva



103) Periodontite:
Apinayé:
wanhĩ xur kro
kuxỳ



104) Pérolas de Epstein em bebês
Apinayé:
mẽ karàre jahkwa
kànhy



105) Pré-molar:
Apinayé:
wakrax kot wa

Página 38

Termos usuais na **Odontologia Apinayé** - Português

Fonte: Gamberi-Apinayé (2024).

Fig. 83. Glossário Português-Apinayé, p. 39.

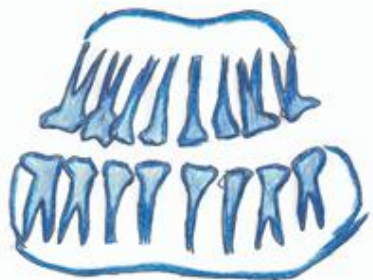
Profa. Me. **Ângela Maria Silva**



106) Polpa dentaria:
Apinayé:
wa kanhĩn



107) Raiz do dente:
Apinayé:
wa jarê



108) Raio X:
Apinayé:
**mẽwa karõ kaxàr
– wa karõ kôt
omunh kaxyw**

Termos usuais na **Odontologia Apinayé** – Português

Página 39

Fonte: Gamberi-Apinayé (2024).

Fig. 84. Glossário Português-Apinayé, p. 40.

Profa. Me. Ângela Maria Silva



109) Raspagem:
 Apinayé:
mẽwa kukê



110) Remineralização do dente:
 Apinayé:
wa ãxà jahka



111) Remédio:
 Apinayé:
mẽwa kanexà

Página 40

Termos usuais na Odontologia Apinayé - Português

Fonte: Gamberi-Apinayé (2024).

Fig. 85. Glossário Português-Apinayé, p. 41.

Profa. Me. **Ângela Maria Silva**



112) Resina do Dente:
Apinayé:
wa jaka



113) Resistencia:
Apinayé:
ãmhi wanhĩ ho tỳx

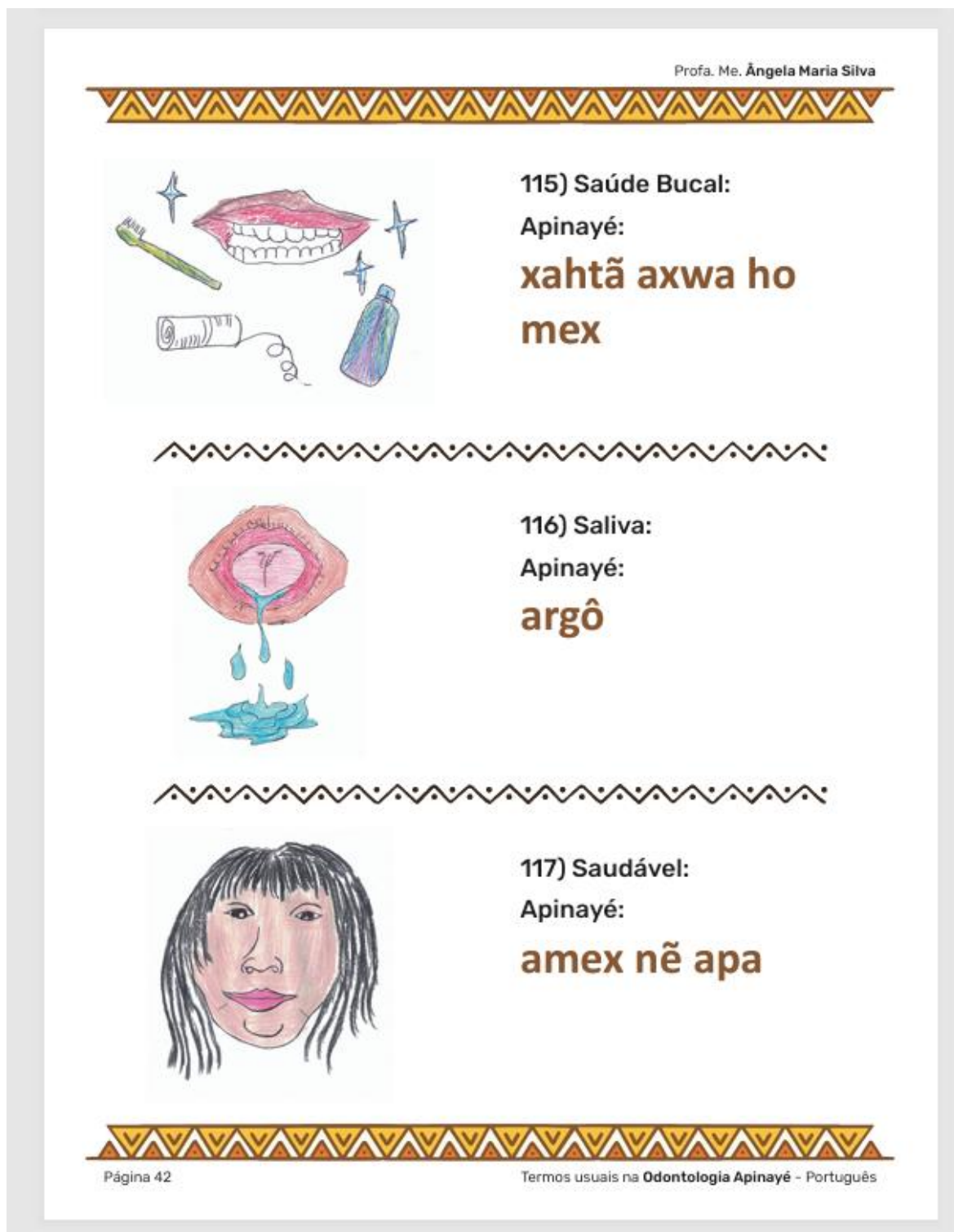


114) Restauração:
Apinayé:
**akupỹm wakre
 nhĩhtom**

Termos usuais na **Odontologia Apinayé** - Português Página 41

Fonte: Gamberi-Apinayé (2024).

Fig. 86. Glossário Português-Apinayé, p. 42.



Fonte: Gamberi-Apinayé (2024).

Fig. 87. Glossário Português-Apinayé, p. 43.

Prof.ª. Me. Ângela Maria Silva



118) Sensação de dente grande

Apinayé:

**warũnh – wa
japjêti**



119) Sobremordida:

Apinayé:

**kỳjrũm wa apuuri
kuhê**



120) Sorriso Bonito:

Apinayé:

pikunhar muxti

Termos usuais na Odontologia Apinayé - Português

Página 43

Fonte: Gamberi-Apinayé (2024).

Fig. 88. Glossário Português-Apinayé, p. 44.

Profa. Me. Ângela Maria Silva



121) Sugador:

Apinayé:

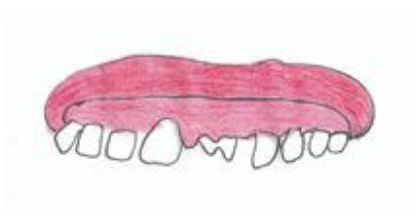
kaôrxà



122) Tártaro:

Apinayé:

wa ãxà ràràr tyk



123) Trauma dentário:

Apinayé:

wakwỳk jaũm

Página 44 Termos usuais na Odontologia Apinayé - Português

Fonte: Gamberi-Apinayé (2024).

Fig. 89. Glossário Português-Apinayé, p. 46.

Profa. Me. Ângela Maria Silva



**124) Tratamento de
Gengivite:**
Apinayé:
wanhĩ nhĩkot kane



**125) Tratamento de
Hemorragia:**
Apinayé:
**kamrô pê amỹtà –
kamrô nhĩhtom prõt
pumaj**



126) Teu dente:
Apinayé:
axwa

Termos usuais na Odontologia Apinayé - Português Página 45

Fonte: Gamberi-Apinayé (2024).

Fig. 90. Glossário Português-Apinayé, p. 46.

Profa. Me. Ângela Maria Silva



127) Tomar remédio para o dente:

Apinayé:

**wa tātāk kôt
kanexà ho ixkõ**



128) Úvula palatina:

Apinayé:

õhto krare



129) Vitamina:

Apinayé:

**mẽ kanexà xihtỳx
- mẽõ mex ku nẽ
axihtỳx**

Com efeito, os termos e expressões da odontologia traduzidos e ilustrados na língua Apinayé se constituem num material de apoio didático-pedagógico muito valioso,

contribuindo para o ensino bilíngue nas escolas de todas aldeias e também para uma educação em saúde bucal. Acreditamos que esse material, bem como o manual de saúde bucal, também ilustrado e bilíngue, darão mais visibilidade a essa sociedade indígena, podendo ser utilizado tanto na escola, quanto no ambiente doméstico.

4.6. Língua Indígena Krahô: Uma Introdução

Segundo Albuquerque e Yahé Krahô (2016, p. 17), um fonema pode ser definido como a realidade sonora de uma língua, enquanto a letra é a representação gráfica do fonema, de modo que não há uma perfeita correspondência entre as letras usadas na escrita e os fonemas que elas representam. Para esses autores, a língua Krahô também apresenta essas incoerências, ou seja, “a) Uma letra pode representar fonemas diferentes. É o que acontece com o “j” e “x” que em ambiente intervocálico ou em meio de frases passa para “h” em palavras como: *japrôr - haprôr* (comprar), *xûmre - hûmre* (macho)”.

Ainda de acordo com Albuquerque e Yahé Krahô (2016, p. 17), “O alfabeto da língua Krahô é constituído de 29 letras, sendo 16 vogais e 13 consoantes”. As vogais Krahô se classificam em “Maiúsculas: A, Ã, À, E, Ê, I, Î, O, Ô, Õ, U, Û, Y, ÿ, ÿ. Minúsculas: a, ã, à, e, ê, i, î, o, ô, õ, u, ù, y, ÿ, ÿ”. As consoantes Krahô são, também “Maiúsculas: C, G, H, J, K, M, N, P, Q, R, T, W, X e Minúsculas: c, g, h, j, k, m, n, p, q, r, t, w, x”.

4.6.1. Descrição das Vogais Krahô

Nesta seção, e tendo como fonte de consulta a Gramática Pedagógica Krahô, de autoria de Francisco Edviges Albuquerque e Renato Yahé Krahô (2016), passamos a descrever as vogais da língua Krahô em suas composições orais e nasais.

Excerto 11: Exemplos de vogais orais Krahô

[a] *wapo* [wapɔ] “faca”; [ə] *acwa* [akwə] “pegar”; [e] *apjê* [apje] “puxar”; [ɛ] *tep* [tɛp] “peixe”; [i] *irom* [irɔm] “mata”; [i] *pry* [pri] “estrada”; [o] *kôpo* [kʰopɔ] “lança”; [ɔ] *rop* [rɔp] “cachorro”; [ʌ] *càhà* [kʌhʌ] “cofo”; [ɹ] *pỳp* [pɹp] “peixe elétrico”; [u] *tutre* [tutɹe] “rolinha (Albuquerque e Yahé Krahô, 2016, p. 20).

Ainda de acordo com Albuquerque e Yahé Krahô (2016), na língua Krahô há vogais puramente nasais (sem condicionamento ambiental, isto é, sem proximidade de

qualquer segmento nasal) e há vogais que são nasalizadas, por estarem em ambiente contíguo a outros segmentos nasais, conforme o excerto a seguir:

Excerto 12: Exemplos de vogais nasais Krahô

Vogais puramente nasais: *pĩ* [pĩ] “árvore”; *cupẽ* [kupẽ] “não-indígena”; *rõhti* [rõ?ti] “tucano”; *mããti* [mã:ti] “ema”.

Vogais nasalizadas pelo ambiente contíguo: *prãm* [prãm] “querer/fome”; *kẽn re* [k^hẽn rɛ] “miçanga”; *kãm mrõ* [k^hãm mrõ] “mergubar”; *cũmtũm* [kũmtũm] “capivara”; *amjĩ* [amjĩ] “a mim”.

Vogal antecedendo segmento nasal: *caprãnre* [kaprãnre] “tartaruguinha”; *imã* [imã] “a mim”; *cuprõ* [Kuprõ] “juntar”; *ipipẽn* [ipipẽn] “igual”; *tôn* [ton] “tatu”.

Vogal sucedendo segmento nasal: *ramã* [ramã] “já”; *hanẽ* [hanẽ] “assim”; *cumã* [kumã] “tem”; *imã* [amã] “a mim”; *mõ* [mõ] “caminhar”.

4.6.2. Descrição das Consoantes Krahô

Segundo Albuquerque (2011), os segmentos consonantais são fonemas em cuja produção a corrente de ar vinda dos pulmões enfrenta obstáculos ao passar pela cavidade bucal. Esses obstáculos podem ser totais ou parciais, dependendo da posição da língua e dos lábios. Nesse sentido, e para apresentarmos a classificação das consoantes em Krahô, retomamos o estudo de Albuquerque e Yahé Krahô (2016, p. 22), levando em consideração os seguintes critérios:

Modo de Articulação: Com base na natureza da estrutura, classificamos os segmentos consonantais, em Krahô, quanto ao modo de articulação. Nesse critério, é verificado se o obstáculo encontrado pela corrente de ar, ao passar pela cavidade bucal, é total ou parcial. Se for total, a consoante será oclusiva (de oclusão ou fechamento), porém se for parcial, a consoante será fricativa. Será fricativa (quando ocorre uma fricção da passagem de ar pela cavidade bucal), Oclusivas: os articuladores produzem uma completa obstrução da passagem da corrente de ar através da cavidade bucal. O véu palatino encontra-se levantado, e o ar que vem dos pulmões passa para cavidade oral. As consoantes oclusivas Krahô: /p/, /t/, /k/, /k^h/, /h/.

Como exemplo Albuquerque e Yahé Krahô (2016, p. 22) apresentam: “*pacti* (escorpião), *tep* (peixe), *cahãj* (mulher), *kôpo* (lança). **Fricativas:** os articuladores se aproximam, produzindo fricção quando ocorre a passagem central da corrente de ar”. Para esses autores, a aproximação dos articuladores não chega a causar uma obstrução total, mas parcial, ocasionando uma fricção, de modo que nessa língua ocorre somente uma fricativa, como em “[...] /w/: *wewere* (borboletinha), *wej* (velho/avô). **Vibrantes:** ocorre quando o ar passa, provocando uma vibração da língua: /r/, a língua Krahô possui apenas a vibrante simples ou flepe” (Idem), por exemplo “*rop* (cachorro) *crow* (buriti)”. **Nasais:**

para efetivação das nasais, os articuladores produzem uma obstrução completa da passagem da corrente de ar através da boca. O véu palatino encontra-se abaixado, e o ar que vem dos pulmões direciona-se para as cavidades nasal e oral. As nasais são consoantes idênticas às oclusivas, diferenciando-se pelo abaixamento do véu palatino para a realização das nasais (Albuquerque e Yahé Krahô, 2016).

Ainda de acordo com esses autores, as consoantes nasais da língua Krahô são: /m/, /n/, /ɲ/. Exemplos: *mããti* (ema), *nõ* (deitar), *cagã* (cobra). **Ponto de Articulação:** Esse critério baseia-se no ponto da cavidade bucal onde se localiza o obstáculo da passagem da corrente de ar. Nesse critério, as consoantes são classificadas em: **bilabiais** (contato dos lábios inferiores com os superiores); **labiodentais** (os lábios inferiores encostam nos dentes incisivos superiores); **linguodentais** (a língua toca os dentes incisivos superiores); **alveolares** (a língua toca os alvéolos, próximo dos dentes incisivos superiores); **palatais** (o dorso da língua toca o palato duro, ou véu palatino); e **velares** (a parte superior da língua encosta no palato mole ou véu palatino) (Albuquerque e Yahé Krahô, 2016).

4.6.3. A Estrutura das Palavras em Krahô

Segundo Albuquerque e Yahé Krahô (2016, pp. 33-34):

[...] para que possamos compreender o significado de um vocábulo [...] é necessário conhecer a estrutura das palavras da língua em estudo. Por exemplo, a palavra *ropti johkêat*, podemos separá-la em três unidades significativas: a) *rop* - é a unidade básica que fornece o significado da palavra (cachorro), isto é, o radical. Com o radical, podemos formar uma família de palavras como: *ropti*, *rop cahãj*, *rop xûmre/rop krare*, *hohkeat*, *rop johkeatb*)-*ti*- é a unidade que indica grau aumentativo; c) - *johkeat* é a unidade que indica número (plural). No caso, do exemplo acima, -*ti*, - *johkeat* indicam grau (aumentativo) e número (plural). Esses morfermas só possuem uma significação se levar em consideração a estrutura da língua Krahô; daí serem classificados como morfemas gramaticais. (Destaque em itálico, nossos)

Segundo Albuquerque (2012), os nomes em Krahô ocupam a posição nuclear de sujeito, objeto direto, indireto e complemento de posposição e os nomes possuem traços semânticos [+ marcado], admitindo a flexão de plural e dual⁴⁷.

4.7. O Glossário Bilíngue Português-Krahô⁴⁸

⁴⁷ Para melhor conhecer a Língua Indígena Krahô sugerimos consultar a Gramática Pedagógica Krahô. Francisco Edvigés Albuquerque e Renato Yahé Krahô (Orgs.) Campinas: Pontes Editores, 2016, 163p. Disponível no Laboratório de Línguas Indígenas (LALI/UFT), em: <https://ufnt.edu.br/lali>.

⁴⁸ A tradução bem como os desenhos são de autoria de Daniel Rey Krahô.

O Glossário Bilingue Português-Krahô com termos e expressões usuais na odontologia tem, assim como o português-apinayé, dois objetivos específicos: contribuir com uma educação bilingue e intercultural indígena e com uma educação em saúde bucal. Ambos serão publicados impressos e digitais, e disponibilizados para as escolas de todas as aldeias e entregues *in loco* para as lideranças e famílias das aldeias, mesmo aquelas que não participaram da pesquisa, pois o intuito é contribuir com as duas sociedades indígenas.

Fig. 91. Glossário Ilustrado Bilingue Português-Krahô⁴⁹



Fonte: Rej Krahô e Tupen Krahô (2025).

⁴⁹ Os desenhos e a revisão ortográfica da língua Krahô são de Daniel Rej Krahô e Leonardo Tupen Krahô, ex-professor e professor, respectivamente, da Escola Estadual Indígena 19 de Abril da Aldeia Manoel Alves Pequeno.

Fig. 92. O Glossário Português-Krahô, p. 7.

Profa. Me. Ângela Maria Silva





1) Abscesso dentário:

Mě wa kat jĩ tê



2) Acidez na boca:

Mě harkwa xỳ |
Mě harkwa xwa



3) Agulha:

Caxwỳr xà

Termos usuais na Odontologia Krahô - Português

Página 7

Fonte: Rej Krahô e Tupen Krahô (2025).

Fig. 93. O Glossário Português-Krahô, p. 8.

Profa. Me. Ângela Maria Silva



4) Anestesia odontológica:
Mẽ harkwa pyĩ xà



5) Anquiloglossia/Língua presa:
Hopto juwahi



6) Antibiótico:
Hemet tỳaj

Página 8

Termos usuais na **Odontologia Krahô** - Português

Fonte: Rej Krahô e Tupen Krahô (2025).

Fig. 94. O Glossário Português-Krahô, p. 9.

Profa. Me. Ângela Maria Silva



7) Aparelho:
ahkwa kànhhy



8) Arcada dentária:
Mẽ hama jikôt hi



9) Arrancar os Dentes:
Mẽ wa caakê

Termos usuais na **Odontologia Krahô** - Português

Página 9

Fonte: Rej Krahô e Tupen Krahô (2025).

Fig. 95. O Glossário Português-Krahô, p. 10.



Profa. Me. Ângela Maria Silva



10) Articulação Mandibular:
Hama kat



11) Auscultação:
**Hapac to caxwãm
pê mẽ ihtêhkrêj
par xà**



12) Babar:
Harcamco

Página 10

Termos usuais na Odontologia Krahô - Português

Fonte: Rej Krahô e Tupen Krahô (2025).

Fig. 96. O Glossário Português-Krahô, p. 11.

Profa. Me. **Ângela Maria Silva**



13) Bactérias:
cuutõre



14) Boca:
Harkwa



15) Bochecha:
Hama jĩ

Termos usuais na **Odontologia Krahô** - Português

Página 11

Fonte: Rej Krahô e Tupen Krahô (2025).

Fig. 97. O Glossário Português-Krahô, p. 12.

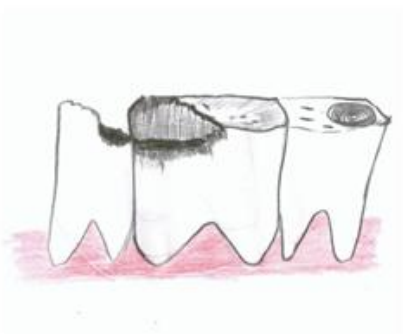
Profa. Me. Ângela Maria Silva



16) Bruxismo:
**Mẽ wa to ajpẽn
gãgãj**



17) Canal no dente:
Mẽ wa cuxêc kre



18) Cárie:
Wa kre

Página 12

Termos usuais na **Odontologia Krahô** - Português

Fonte: Rej Krahô e Tupen Krahô (2025).

Fig. 98. O Glossário Português-Krahô, p. 12.



16) Bruxismo:
**Mě wa to ajpẽn
gãgãj**



17) Canal no dente:
Mě wa cuxêc kre



18) Cárie:
Wa kre

Página 12

Termos usuais na **Odontologia Krahô** - Português

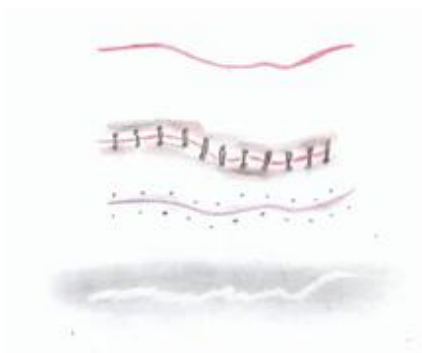
Fonte: Rej Krahô e Tupen Krahô (2025).

Fig. 99. O Glossário Português-Krahô, p. 13.

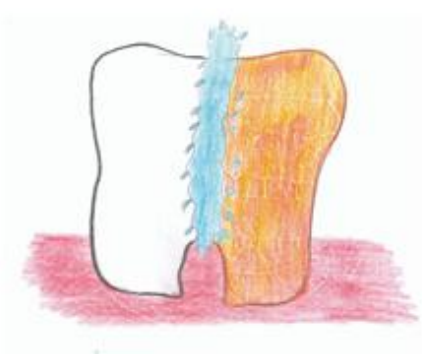
Prof.ª Me. **Ângela Maria Silva**



19) Céu da Boca:
Harcagãj



20) Cicatrização:
Hĩĩ tyc



21) Clareamento Dental:
Wa to haka

Termos usuais na **Odontologia Krahô** - Português

Página 13

Fonte: Rej Krahô e Tupen Krahô (2025).

Fig. 100. O Glossário Português-Krahô, p. 14.

Prof.ª. Me. Ângela Maria Silva



22) Consulta de Urgência:
**Mẽ caprãr to
hopôr**



23) Consulta Periódica:
**Amjĩ caprãr ta
kãm**



24) Contaminação:
To amjĩ cuni

Página 14

Termos usuais na Odontologia Krahô - Português

Fonte: Rej Krahô e Tupen Krahô (2025).

Fig. 101. O Glossário Português-Krahô, p. 15.

Profa. Me. Ângela Maria Silva



25) Coroa dentária:
Mě wa kà



26) Creme Dental:
Mě wa cuhhõn xà



27) Cuspir:
Harà mẽ

Termos usuais na Odontologia Krahô - Português

Página 15

Fonte: Rej Krahô e Tupen Krahô (2025).

Fig. 102. O Glossário Português-Krahô, p. 16.



28) Defeito do Osso:
Mě wa kên



29) Dentadura:
Mě wa cahàc carõ



30) Dente Amolecido:
Mě wa hěrhět

Página 16

Termos usuais na Odontologia Krahô - Português

Fonte: Rej Krahô e Tupen Krahô (2025).

Fig. 103. O Glossário Português-Krahô, p. 17.

Profa. Me. **Ângela Maria Silva**



31) Dente canino:
Mě wa tàt



32) Dente de Leite:
Wa tetetre



33) Dente inchado:
Wa xà

Termos usuais na **Odontologia Krahô** - Português

Página 17

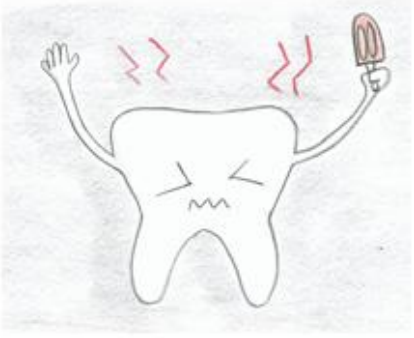
Fonte: Rej Krahô e Tupen Krahô (2025).

Fig. 104. O Glossário Português-Krahô, p. 18.

Profa. Me. Ângela Maria Silva



34) Dente inflamado:
Wa tê



35) Dente sensível:
Mẽ wa caquêêquê



36) Dente:
Wa

Página 18

Termos usuais na **Odontologia Krahô** - Português

Fonte: Rej Krahô e Tupen Krahô (2025).

Fig. 105. O Glossário Português-Krahô, p. 19.

Profa. Me. Ângela Maria Silva



37) Dentes da Frente:
Ihcajpuw mẽ wa



38) Dentes de trás:
Mẽ wa xaakat



39) Dentes inferiores:
Harã rûmpê mẽ wa

Termos usuais na **Odontologia Krahô** - Português

Página 19

Fonte: Rej Krahô e Tupen Krahô (2025).

Fig. 106. O Glossário Português-Krahô, p. 20.



Profa. Me. Ângela Maria Silva

40) Dentes Superiores:
Kỳj rũmpê mẽ wa



41) Dentista:
Mẽ wa krỳn catê



42) Derme:
pajĩ kà

Página 20

Termos usuais na **Odontologia Krahô** - Português

Fonte: Rej Krahô e Tupen Krahô (2025).

Fig. 107. O Glossário Português-Krahô, p. 21.

Profa. Me. Ângela Maria Silva



43) Desgaste do dente:
Mẽ wa krut



44) Desmineralização do dente:
Mẽ wa jiprone



45) Diastema dentário:
**Kỳj rũm pê mẽ wa
catàt kre**

Termos usuais na Odontologia Krahô - Português

Página 21

Fonte: Rej Krahô e Tupen Krahô (2025).

Fig. 108. O Glossário Português-Krahô, p. 22.



Profa. Me. **Ângela Maria Silva**



46) Doer Muito:
Hàn crinare



47) Dolorido:
Hààre



48) Dor de dente:
Mě wa xà

Página 22

Termos usuais na **Odontologia Krahô** - Português

Fonte: Rej Krahô e Tupen Krahô (2025).

Fig. 109. O Glossário Português-Krahô, p. 23.

Profa. Me. Ângela Maria Silva





49) Engasgar com Saliva:
Haràh to amjĩ jahêr



50) Enucleação de Cisto:
Mẽ wa jĩ kãm kẽn



51) Enxaguante Bucal:
Mẽ harkwa cuhhõn xà

Termos usuais na Odontologia Krahô - Português

Página 23

Fonte: Rej Krahô e Tupen Krahô (2025).

Fig. 110. O Glossário Português-Krahô, p. 24.



52) Erosão:
Ihkre | ipicapôn



53) Escova de Dente:
Wa cuhhôn xà



54) Escovar:
Wa cuhhõ

Página 24

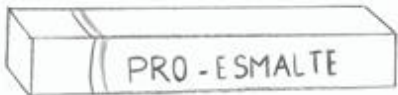
Termos usuais na Odontologia Krahô - Português

Fonte: Rej Krahô e Tupen Krahô (2025).

Fig. 111. O Glossário Português-Krahô, p. 25.

Profa. Me. **Ângela Maria Silva**





55) Esmalte do dente:

Mẽ wa kà



56) Excisão de Glândula Salivar:

**Mẽ hõkre nã
mrãm | Mẽ hama
nã mrãm**



57) Extração dentária:

Wa caxàr

Termos usuais na **Odontologia Krahô** - Português

Página 25

Fonte: Rej Krahô e Tupen Krahô (2025).

Fig. 112. O Glossário Português-Krahô, p. 26.



Profa. Me. Ângela Maria Silva

58) Ficha Clínica:
Mẽ hà jõh paape



59) Fio Dental:
**Mẽ wa têê te to
 ampo caakên xà
 xê**



60) Flúor:
Wa cuhhõn xà

Página 26

Termos usuais na Odontologia Krahô - Português

Fonte: Rej Krahô e Tupen Krahô (2025).

Fig. 113. O Glossário Português-Krahô, p. 27.

Profa. Me. Ângela Maria Silva





61) Fluorose infantil:
Ahkrajre xwa to
impej xà



62) Freio do lábio superior:
Kỳj rũmpê mẽ
pajahkà mẽ mẽ
paxwa jĩ



63) Freio lábio inferior:
Harã rũmpê mẽ
pajahkà mẽ mẽ
paxwa jĩ

Termos usuais na Odontologia Krahô - Português

Página 27

Fonte: Rej Krahô e Tupen Krahô (2025).

Fig. 114. O Glossário Português-Krahô, p. 28.



64) Garganta:
**Mě hũkac | Mě
hõkrēr |**



65) Gargarejo:
Ihprõrprõt



66) Gengiva que Sangra
Mě wajĩ caprô

Página 28

Termos usuais na **Odontologia Krahô** - Português

Fonte: Rej Krahô e Tupen Krahô (2025).

Fig.115. O Glossário Português-Krahô, p. 29.

Profa. Me. Ângela Maria Silva



67) Gengiva:
Mẽ wa jĩ



68) Hábito de chupar o dedo:
**Mẽ huhkra cahôr
prãm**



69) Hábito de chupar o pipô:
**Mẽ cumã ihkà
carõ cahôr prãm**

Termos usuais na **Odontologia Krahô** - Português

Página 29

Fonte: Rej Krahô e Tupen Krahô (2025).

Fig. 116. O Glossário Português-Krahô, p. 30.



70) Halitose/Mau Hálito:
**Harkwa kro |
harkwa caxà**



71) Higiene bucal:
**Ajarkwa to ihtetet
xà**



72) Implante dentário:
Axwa tuw xãm xà

Página 30

Termos usuais na **Odontologia Krahô** - Português

Fonte: Rej Krahô e Tupen Krahô (2025).

Fig. 117. O Glossário Português-Krahô, p. 31.

Profa. Me. Ângela Maria Silva



73) Infecção:
Ihtê



74) Inflamação:
Ihtê



75) Injeção:
Mẽ cawxỳr xà

Termos usuais na Odontologia Krahô - Português

Página 31

Fonte: Rej Krahô e Tupen Krahô (2025).

Fig. 118. O Glossário Português-Krahô, p. 32.



76) Lavar o rosto:
Mẽ ihkuc cuhhõ



77) Limpador de língua:
**Mẽ hopto cuhhõn
xà**



78) Língua:
Hopto

Página 32

Termos usuais na **Odontologia Krahô** - Português

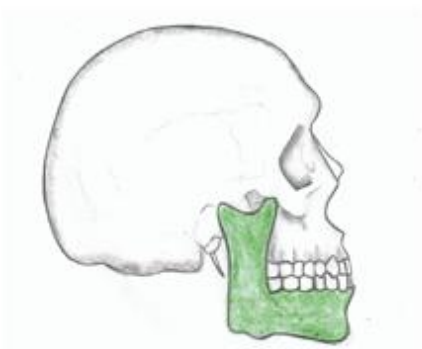
Fonte: Rej Krahô e Tupen Krahô (2025).

Fig. 119. O Glossário Português-Krahô, p. 33.

Profa. Me. **Ângela Maria Silva**



79) Má oclusão:
Mě wa te ajpẽn jahpan



80) Mandíbula:
Hama hi



81) Mastigação:
lhcãm xa

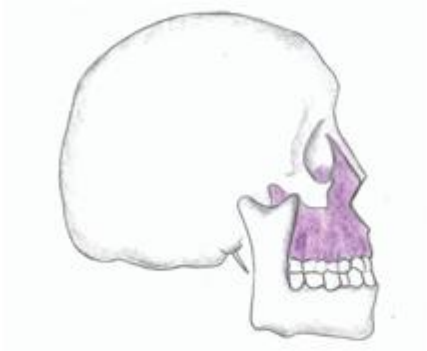
Termos usuais na **Odontologia Krahô** - Português

Página 33

Fonte: Rej Krahô e Tupen Krahô (2025).

Fig. 120. O Glossário Português-Krahô, p. 34.

Profa. Me. Ângela Maria Silva



82) Maxilar:
Hama hi



83) Medo de Dentista:
**Mẽ cumã wa
caakên catê cupa**



84) Molar:
Mẽ wa kat jicjêc

Página 34

Termos usuais na **Odontologia Krahô** - Português

Fonte: Rej Krahô e Tupen Krahô (2025).

Fig. 121. O Glossário Português-Krahô, p. 35.

Profa. Me. Ângela Maria Silva



85) Morder: Quebrar Com o Dente:
Axwa to axa



86) Mordida Cruzada:
**Mě wa te ajpẽn
jahpan | Mě hama
te ajpẽn jahpan**



87) Mordida Torta:
**Mě wa jikôr | Mě
hama jikôt**

Termos usuais na **Odontologia Krahô** - Português

Página 35

Fonte: Rej Krahô e Tupen Krahô (2025).

Fig. 122 O Glossário Português-Krahô, p. 36.

Profa. Me. Ângela Maria Silva



88) Nascer o Dente:
Wa japôj



89) Obturar:
Mẽ wa kre jihê



90) Obturação:
Mẽ wa kên to impej

Página 36

Termos usuais na Odontologia Krahô - Português

Fonte: Rej Krahô e Tupen Krahô (2025).

Fig. 123. O Glossário Português-Krahô, p. 37.

Profa. Me. Ângela Maria Silva





91) Odontopediatria:
**Ahkrajre xwa
pupun catê**



92) Ortodontia:
**Mě wa to hopên
xà**



93) Paciente:
Mě hà

Termos usuais na **Odontologia Krahô** - Português

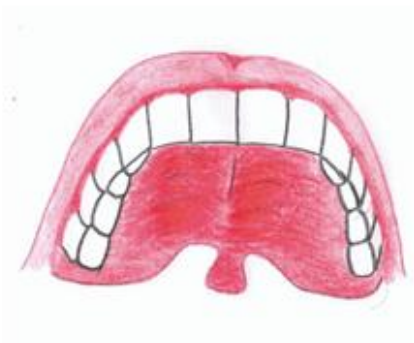
Página 37

Fonte: Rej Krahô e Tupen Krahô (2025).

Fig. 124. O Glossário Português-Krahô, p. 38.



Profa. Me. Ângela Maria Silva



94) Palato duro / céu da boca:
gãrgagàj



95) Palato mole:
Gãrgagàj



96) Periodontite:
Mě wajĩ rerec tê

Página 38

Termos usuais na Odontologia Krahô - Português

Fonte: Rej Krahô e Tupen Krahô (2025).

Fig. 125. O Glossário Português-Krahô, p. 39.

Profa. Me. **Ângela Maria Silva**



97) Pérolas de Epstein em bebês:
Ahkrajre xwa jĩ nã ihcahtëcre



98) Placas Bacterianas:
Mẽ wa tũm



99) Polpa dentária:
Mẽ wa jĩ kre

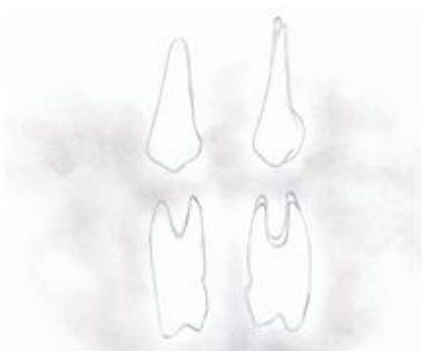
Termos usuais na **Odontologia Krahô** - Português

Página 39

Fonte: Rej Krahô e Tupen Krahô (2025).

Fig. 126. O Glossário Português-Krahô, p. 40.

Profa. Me. **Ângela Maria Silva**



100) Pré-molar:
Kỳj rũmpê mễ wa
tàt



101) Queixo:
Hama



102) Raio X:
Wa carõ hyr xà

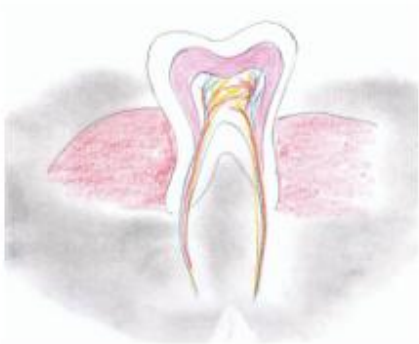
Página 40

Termos usuais na **Odontologia Krahô** - Português

Fonte: Rej Krahô e Tupen Krahô (2025).

Fig. 127. O Glossário Português-Krahô, p. 41.

Profa. Me. Ângela Maria Silva



103) Raiz do dente:
Mẽ wa jarê



104) Raspagem:
Hĩĩn xà



105) Remédio:
Hemet

Termos usuais na **Odontologia Krahô** - Português

Página 41

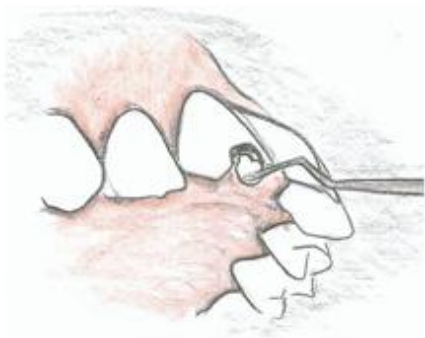
Fonte: Rej Krahô e Tupen Krahô (2025).

Fig. 128. O Glossário Português-Krahô, p. 42.

Profa. Me. Ângela Maria Silva



106) Remineralização do dente:
to ihcuhkret pa



107) Resina do Dente:
Mẽ wa kre jihê xà



108) Resistência:
Ihtỳj

Página 42

Termos usuais na Odontologia Krahô - Português

Fonte: Rej Krahô e Tupen Krahô (2025).

Fig. 129. O Glossário Português-Krahô, p. 43.

Profa. Me. **Ângela Maria Silva**



109) Saliva:
Mẽ harà



110) Saudável:
Ihcarĩc



111) Saúde Bucal:
Mẽ harkwa carĩc

Termos usuais na **Odontologia Krahô** - Português

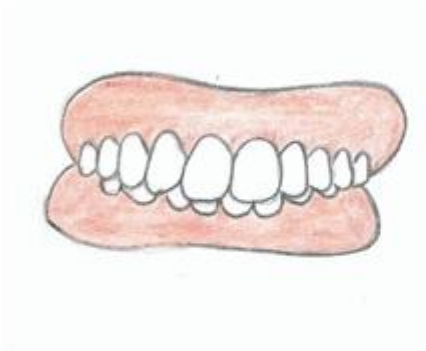
Página 43

Fonte: Rej Krahô e Tupen Krahô (2025).

Fig. 130. O Glossário Português-Krahô, p. 44.



Profa. Me. Ângela Maria Silva



112) Sobremordida:
**Mě wa te ajpěñ
maj**



113) Sorriso Bonito:
ĩnxy pej



114) Sugador:
Mě haràh kjên xà

Página 44

Termos usuais na **Odontologia Krahô** - Português

Fonte: Rej Krahô e Tupen Krahô (2025).

Fig. 131. O Glossário Português-Krahô, p. 45.

Profa. Me. Ângela Maria Silva





115) Tártaro:
Mě wa jicuw
taptap



116) Teu dente:
Axwa



117) Tomar remédio para o dente:
Axwa xàh kôt
hemet krě

Termos usuais na **Odontologia Krahô** - Português

Página 45

Fonte: Rej Krahô e Tupen Krahô (2025).

Fig. 132. O Glossário Português-Krahô, p. 46.

Profa. Me. Ângela Maria Silva



**118) Tratamento de
Gengivite:**

**Axwa jĩ to impej
xà**



**119) Tratamento de
Hemorragia:**

Acaprô pê hihê xà



120) Úvula palatina:

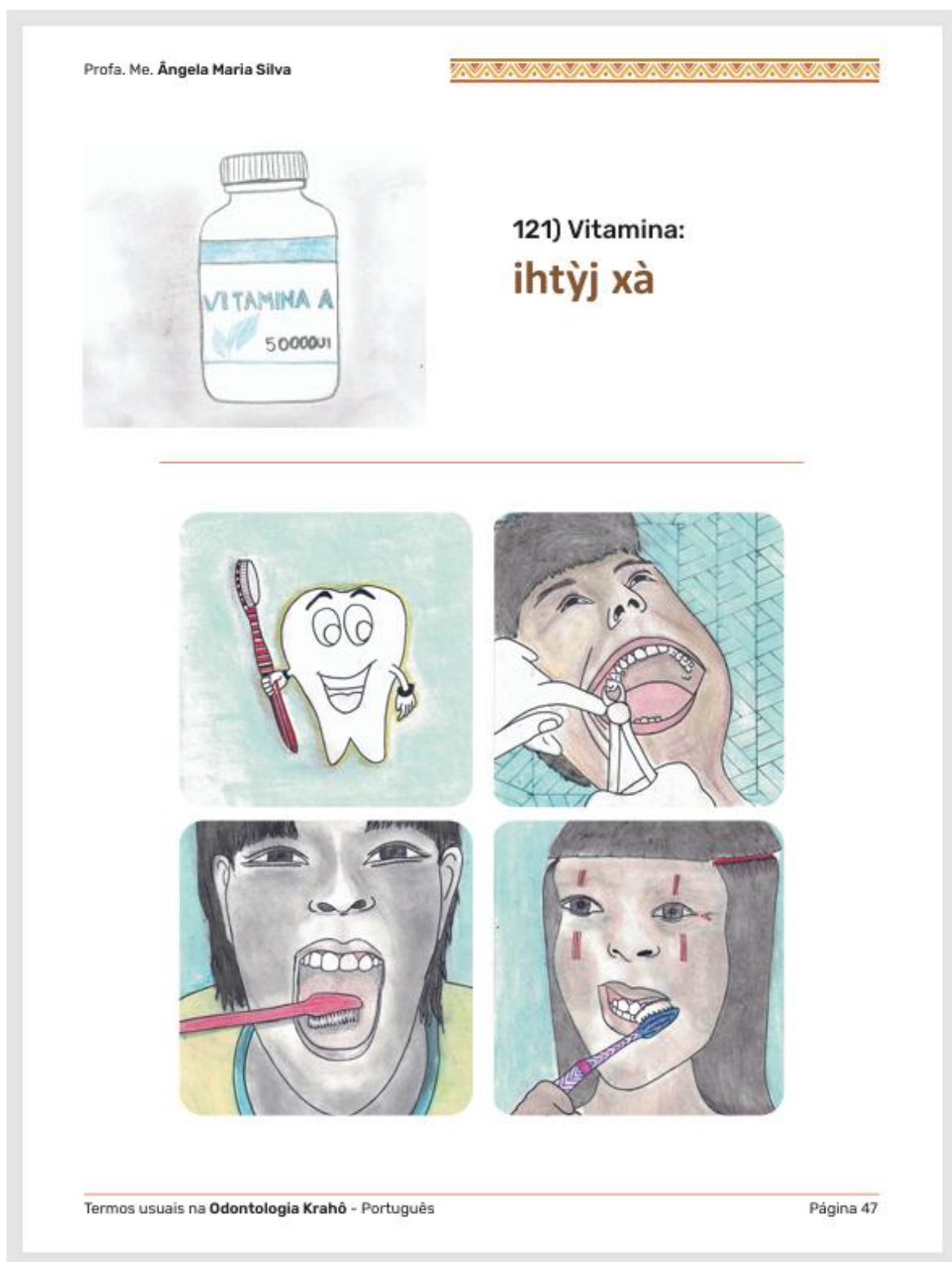
Gõ kre jõhto tê

Página 46

Termos usuais na **Odontologia Krahô** - Português

Fonte: Rej Krahô e Tupen Krahô (2025).

Fig. 133. O Glossário Português-Krahô, p. 47.



Fonte: Rej Krahô e Tupen Krahô (2025).

Constituído como produto da Tese, o glossário com termo e expressões da odontologia descritos em língua portuguesa, traduzidos e ilustrados para a língua Krahô foi idealizado para servir como material de apoio didático-pedagógico, contribuindo, dessa forma, tanto para o ensino bilíngue nas escolas de todas aldeias do povo Krahô, bem como para uma efetiva educação em saúde bucal. Nesse sentido, assim como o glossário Português-Apinayé, permitiram organizar dois manuais de saúde bucal, também ilustrados e bilíngue nessas duas línguas indígenas, concedendo mais visibilidade a essas sociedades, podendo ser utilizado tanto na escola, quanto no ambiente familiar e doméstico, conforme a seção a seguir.

4.8. Produto Da Tese II: Manual de Saúde Bucal Ilustrado Bilíngue Português-Apinayé: *Apinaje Kamã Mẽ Wa Hã Kagà*⁵⁰

Fig. 134-135: Apresentação.



“NÓS VAMOS AJUDAR VOCÊ A CUIDAR DA SUA BOCA”:

“KOT PAJ MÊ HAXWA HÃ ATO AJUDA!!!”

“É preciso cuidar da saúde da boca para que você tenha um sorriso saudável. Quando não limpamos nossos dentes, poderemos ter os dentes destruídos pela cárie, sentir

⁵⁰ Fragmentos do Manual De Saúde Bucal Bilíngue Português-Apinayé: *Apinaje Kamã Mẽ Wa Hã Kagà*. O Manual na íntegra está anexo a esta Tese.

dores e ainda ter mau hálito”. “*Ka axwa ta ho mex rãhã nhũm mex ka tãm ho akunha. No ka ho mex kêt nhũm axwa ta kre nẽ tãtãk nẽ kro nẽ*”.

“NÓS TEMOS DOIS TIPOS DE DENTIÇÃO”:

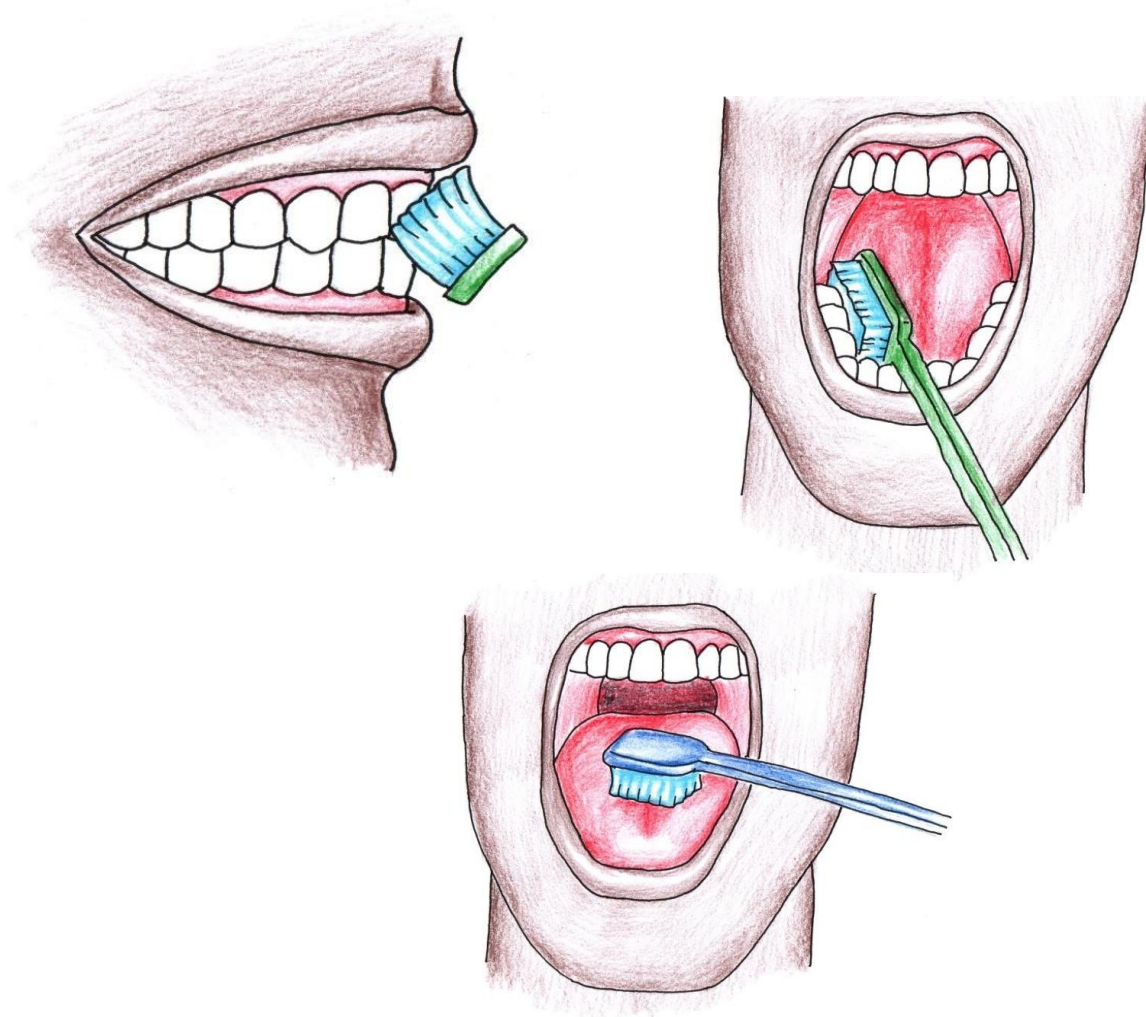
“MÊWAJA NA HAMÊXKRUT”

Fig. 136: Boca de Criança e Adulto.



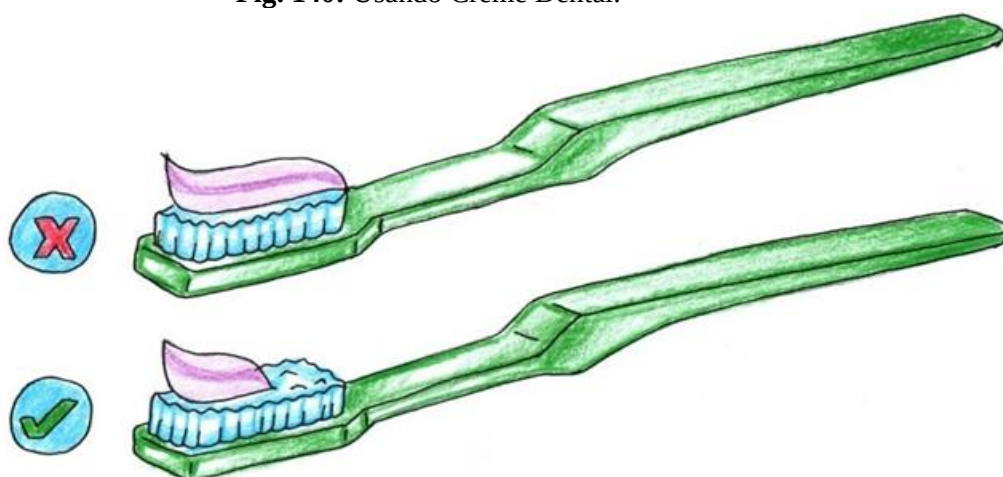
Escova: com suaves movimentos circulares, escove o lado da frente dos dentes, na parte dos dentes que você usa para mastigar faça movimentos de vaivém com a escova; escove também a língua para remover as bactérias, a escovação da língua deve ser feita como se você tivesse varrendo a língua de dentro para fora. “**Iskôwre:** *Kot kaj wam axwa kuhê xwýnh ta iskôwre ho amnhĩm aprĩ nẽ ho apõ nẽ hpõnhja ho mûtũm ho mra nẽ akupýnh ho mra nẽ ho awjanã nẽ mããnẽm anhõ to hã nhyre põ nẽ kuhõnhja o te ri ate kapõnh ho amõr pyrák*”.

Figs. 137-138-139: Escovando os Dentes.



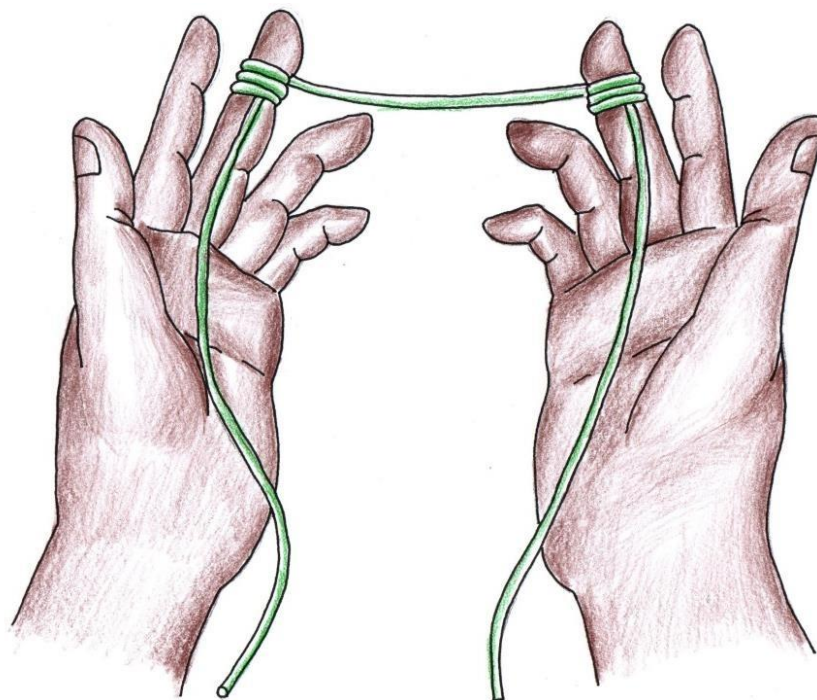
“**Creme dental:** usar em poucas quantidades. Ex: Do tamanho de um grão de milho”: “**Pasti:** Kot ka pastija ho kryre ho kahõ te ri kot põy karõt kryre pyrák”.

Fig. 140: Usando Creme Dental.



Fio Dental: retirar cerca de 40 cm de fio dental, enrolar a maior parte no dedo médio de uma das mãos e somente alguns centímetros no dedo médio da outra mão. Fazer com que o fio dental deslize suavemente entre os dentes: *Mêwa grã rênh xà: Kot kaj mêwa rênh xà ta ho 40 cm nê ata hãmri nê ho rax nê ho anhĩ kra krã hõ kupu nê anhĩ kra nhĩgjek kamã haxwỳj ho hõ kupu. Kot kaj ã mêwa grã rênh xà ta ho nê nhũm axwa kaêx kôt hapôj.*

Figs. 141-142. Usando Fio Dental.



4.9. Produto da Tese III: Manual de Saúde Bucal Ilustrado Bilíngue Português-Krahô: *Ca Mê Axwa Tô Ihtetet*

HIGIENIZAÇÃO BUCAL

Ao escolher uma escova de dente, prefira as de pelinhos macios, cabeça pequena e redonda (figura 1). É importante realizar a troca a cada 3 meses, quando os pelinhos da escova estiverem desgastados, ou após gripes e resfriados, pois isso diminui as chances de uma nova infecção por bactérias nas cerdas (figura 143). Após a escovação, a escova deverá ser guardada dentro de uma vasilha fechada, longe das bactérias e insetos.

MÊ WA CUHHÔM XÀ

Ca escova me wa cuhhôm xà *nô kìm caxuw*, *ca ihhô rerecre nê ihkrã crire nê hacotre ca ihkim* (Figura 107). *Ne pyt wry crê jirôpê ca ajô escova to apihpam pittti, quêrra hanean apu wa ihkêm quêt quê akac*, resfriado, *itajê nô apro ca hanean to ahpa me pa xwa côfe cupate* (Figura 143). *Axwa cuhhôm jirôpê ca ampo caxwqmpê ajô escova xà ampo côôre me bactérias cupate.*



Fig. 143. Modelo de escova dental ideal: *Ita mã impej wa cuhhôm caxuw*.

Fonte: Silva, Milhomem e Sousa (2020, p. 90).



Fig. 144. Escova de dentes desgastada que não pode usar: *Ita mã impej*.

Fonte: Silva, Milhomem e Sousa (2020, p. 90).

A quantidade ideal de creme dental é do tamanho de um caroço de milho (Figura 145). Comece a escovação pelos dentes de cima com movimentos curtos e de bolinha em todas as partes dos dentes, por pelo menos 10 segundos, repetindo os movimentos dentro e fora também (Figura 146).



Fig.145. Quantidade de creme dental indicada para adultos: *nõr to me hane me ihkà mã.*

Fonte: Silva, Milhomem e Sousa (2020, p. 91).



Figura 146. Escovação dos dentes de cima: *Kwyrumpê wa cuhhôm xà.*

Fonte: Silva, Milhomem e Sousa (2020, p. 90).

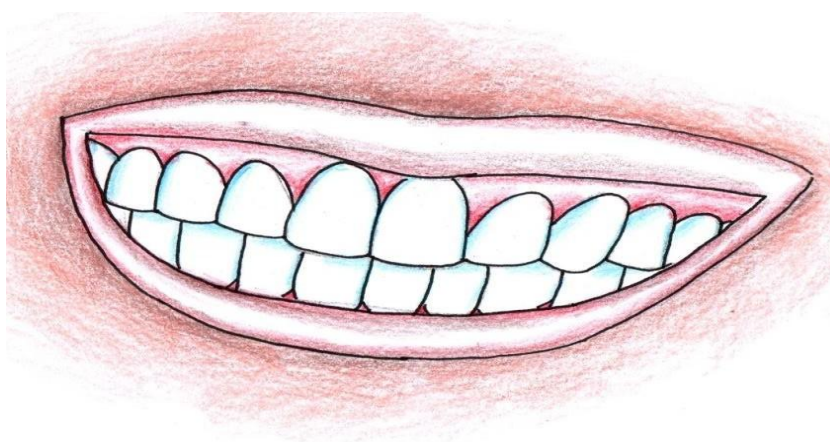
Fig. 147. Uso correto do fio dental: *Wa caxumxà to axwa corê cakê.*



Fonte: Silva, Milhomem e Sousa (2020, p. 91).

Enrolar nos dedos um pedaço médio de fio dental e passar entre todos os dentes. Passar cuidadosamente o fio entre todos os dentes, até tocar a gengiva. A cada espaço entre os dentes, usar um novo pedaço de fio. Fazer isso todos os dias, de preferência à noite antes de dormir: *Me wa caxumxà kwyhta, ca atyj to hapeah to hane ne to ajuhkrahhi nã nã ihcupu ne to axwa pipohna ihcaxum partu, kyre pê axwa catàtkre nã to pra nẽ, amji xwa caxuw ne mã to amji juhkrahhi cupu to mõi intuw to amji xwa caxum caxuw, amcro cunea kãm to hajyr pittu, amcro cunea kam to hajyr pittu juhna caxuw axwa caxum to ajapakêt nõi peam ajõt xà wyr cane juhna caxuw to ajapa kêt nare* (Figura 148).

Fig. 148: “Benefícios da escovação” - “Conservação dos dentes” - “*Ca ajarkwa tô ihtetet*”



Fonte: Silva, Milhomem e Sousa (2020, p. 95).

Fig. 149: “Evita dores de dente”
“*Ca ajarkwa tô ihtetet*”



Fonte: Silva, Milhomem e Sousa (2020, p. 96).

Fig. 150: “Combate o mau hálito”
“Quê ajarkwa cuxy naré”



Fonte: Silva, Milhomem e Sousa (2020, p. 97).

As ilustrações que compõem os manuais são de autoria de professores Apinayé e Krahô. Os manuais, assim como os glossários, serão publicados como produto da Tese e disponibilizados impressos e digitais, e entregues às comunidades e ao DSEI. Reiteramos que os procedimentos para gerar os dados foram os mesmos, porém adaptados para a realidade de cada povo. Isso porque, como sabemos, cada etnia indígena tem suas próprias subjetividades, as quais são percebidas em suas produções acadêmicas, culturais e de qualquer outra situação. Ademais, ao observarmos a produção individualizada dos manuais em saúde bucal e suas ilustrações, sendo estes povos de procedência Jê, é possível identificar aspectos culturais que são próprios tanto dos Apinayé quanto dos Krahô uma linguagem própria, a partir de traços e cores pertencentes às suas ancestralidades, mas que têm em comum a mesma origem linguística, pois ambas são vinculadas ao Tronco Macro Jê e Família Linguística Jê.

Finalizamos, assim, o capítulo que trata especificamente dos “Termo e expressões da Odontologia e Educação Em Saúde Bucal: Por Uma Educação Indígena Bilíngue e Intercultural”. Considerando o teor etnossociolinguístico da Tese, aqui foram apresentados dados da etnografia realizada nas aldeias Apinayé São José e Mariazinha, e Krahô aldeia

Manoel Alves Pequeno. Foi possível, também, respondermos à seguinte pergunta da pesquisa: “É possível editar e publicar um Glossário e um Manual em Saúde Bucal Bilíngues e Ilustrados em Português-Apinayé e Português-Krahô, a partir dos termos da Linguagem Tecnocientífica e/ou Expressões usuais na Odontologia? Também alcançamos o objetivo: “Propor, editar e publicar um Glossário e um Manual em Saúde Bucal Bilíngues e Ilustrados em Português-Apinayé e Português-Krahô, com termos da Linguagem Tecnocientífica e de expressões usuais na Odontologia. Ademias, corroboramos a assertiva de que: “A edição de Glossário e de um Manual em Saúde Bucal Bilíngues e Ilustrados em Português-Apinayé e Português e Português-Krahô é possível de ser realizada, a partir dos termos da Linguagem Tecnocientífica e Expressões usuais na Odontologia.

No capítulo V a seguir, apresentamos a Tese: **“Os Termos e Expressões da Odontologia e Suas Contribuições para uma Educação Escolar Bilíngue e Intercultural Indígena e também uma Educação em Saúde Bucal”**.

CAPÍTULO V: TERMOS E EXPRESSÕES DA ODONTOLOGIA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA UMA EDUCAÇÃO ESCOLAR BILÍNGUE E INTERCULTURAL INDÍGENA: A TESE

Neste capítulo é apresentada a Tese, isto é, a constatação de que a **“Termos e Expressões da Odontologia contribuem para uma Educação Escolar Intercultural Indígena”**, e também a saúde bucal. Para tanto, seguimos um roteiro de atividades que se iniciou com a elaboração de um projeto de pesquisa, seguindo-se, responsivamente, à seguinte sequência didática e metodológica:

- 1) **Pergunta geral:** Como Termos e Expressões da Odontologia podem contribuir para **uma Educação Escolar Bilíngue e Intercultural?**
- 2) **Objetivo geral:** Evidenciar que termos e expressões da odontologia tem notáveis contribuições para um Educação Escolar Bilíngue e Intercultural Indígena e uma saúde bucal mais efetiva.
- 3) **Asserção geral:** Termos e expressões da odontologia contribuem para uma educação escolar bilíngue e intercultural indígena e também saúde bucal.

Nesse sentido, foi escolhida uma metodologia que possibilitou alcançar os objetivos, a partir da seguinte sequência metodológica: pesquisas qualitativa, quantiquantitativa, exploratória, descritiva e na perspectiva etnográfica, a partir das teorias da etnografia, etnolinguística e etnossociolinguística, que possibilitaram a geração, descrição e análise dos dados. Quanto aos procedimentos, foram realizadas oficinas pedagógicas nas escolas das aldeias Mătyk e Tekator das aldeias São José e Mariazinha dos Apinayé e 19 de Abril aldeia Manoel Alves Pequeno, dos Krahô.

5. TERMOS E EXPRESSÕES DA ODONTOLOGIA, A EDUCAÇÃO BILÍNGUE E INTERCULTURAL INDÍGENA E A SAÚDE BUCAL

O tema estudado se reveste de uma forte interdisciplinaridade que se efetiva na dialética de uma frente teórica das mais representativas, quando diferentes áreas do conhecimento se entrecruzam reciprocamente: termos e expressões da odontologia; educação escolar bilíngue e intercultural indígena; saúde bucal; indígenas do Brasil e do Tocantins; estudos linguísticos; línguas indígenas brasileiras, etnolinguística, etnossociolinguística, lexicologia e terminologia que, responsivamente, permitiram elaborar uma Tese, também, interdisciplinar, contribuindo tanto para uma **“Educação Bilíngue e Intercultural Indígena”**, quanto para uma **“Educação em Saúde Bucal”**.

5.1. Termos e expressões da odontologia

A Odontologia tem especialidades diversas, cada qual com sua nomenclatura própria dedicada, dentre outras, à extração de dentes, cuidado em relação à prevenção de cáries, especializada na instalação e no acompanhamento do tratamento ortodôntico, e também aquela especializada em educação e odontopediatria (acompanhamento infantil), dentre outras. Segundo Murad (2021) quando vamos fazer uma visita ao profissional da área da odontologia é normal ouvir algumas palavras que, na maioria das vezes, não entendemos. Essas palavras são chamadas de termos e/ou expressões. Conforme esse autor, na área odontológica “[...] Os profissionais aprendem os termos e expressões durante o curso de graduação e carreira. Por isso, é normal que os pacientes tenham dúvidas ou não saibam o que eles significam”. Se isso ocorre em nossa sociedade, o que dizer das populações indígenas que, na maioria, falam sua língua materna e têm a língua portuguesa como segunda língua, como é o caso dos Apinayé e dos Krahô?

Termos e expressões são uma linguagem específica de uma determinada área. Nesse sentido, os dentistas constroem e estudam termos relativos à odontologia, os quais são reportados também aos indígenas das etnias Apinayé e Krahô. Estes, por conseguinte, ao consultar um dentista, por exemplo, ficam sem saber o significado de muitos termos usados pelo profissional que os atendem. Além disso, existem muitos termos grafados em inglês, o que dificulta ainda mais a percepção de seus significados. Uma apreensão desses termos contribuirá não somente para uma efetiva educação em saúde bucal, mas também para saúde em geral.

O corpus da pesquisa incluiu um repertório de termos e expressões usuais na odontologia, em português (aqueles que estavam em inglês foram traduzidos para a língua portuguesa), e sua tradução para as línguas indígenas Apinayé e Krahô, mediante oficinas pedagógicas realizadas nas escolas das aldeias, quando os termos em língua portuguesa foram discutidos entre os professores indígenas, e quando esses não existiam, foram criadas novas palavras nas respectivas línguas, gerando um novo léxico para os vocabulários dos Apinayé e dos Krahô. O intuito foi contribuir com a educação ofertada nas escolas das aldeias, valorizando o repertório em língua materna, e agregando novos termos ao seu vocabulário, gerando dois produtos, “Glossário Bilíngue Ilustrado” e “Manual de Saúde Bucal Ilustrado Bilíngue”.

Para viabilizar a elaboração dos glossários e dos manuais realizamos, inicialmente, uma busca criteriosa na literatura especializada para reunir termos e expressões usuais da

odontologia, os quais foram incorporados a um instrumento de pesquisa para ser utilizado nas oficinas em salas de aula nas escolas das aldeias, a partir do que estabelece uma pesquisa na perspectiva etnográfica.

5.2 Saúde Bucal e Educação: Por que os estudantes precisam de um bom hábito oral?

A saúde bucal é primordial para que se desenvolva uma percepção saudável do próprio corpo, atuando tanto física quanto intelectualmente, promovendo a cognição de pessoas de todas as idades. Segundo Braga (2023), a saúde bucal atua para o desenvolvimento ideal da linguagem e das habilidades sociais, proporcionando às crianças hábitos saudáveis, ensinando-as como se cuidar, bem como da importância de visitar regularmente um dentista. Contudo, as crianças devem ser ensinadas sobre a importância de seus hábitos alimentares, o que requer uma ação coordenada da escola com as famílias. Isso porque a saúde bucal não apenas afeta nosso bem-estar geral, mas também é necessária para evitar doenças, o que requer seja entendida como uma questão séria de saúde pública, cabendo às escolas incluir programas de saúde bucal em seus currículos, contribuindo para que o corpo educativo adquiria hábitos saudáveis, promovendo ações relacionadas à saúde oral.

Com efeito, o cuidado com a saúde bucal é multidisciplinar, previne cáries, mau hálito, gengivite e doença periodontal, problemas que atuam como desencorajadores e incapacitantes na vida, por isso é primordial que as escolas trabalhem para que os alunos estejam conscientes e devidamente informados sobre formas de evitar e tratar estes e outros problemas relacionados à falta de higiene oral. Nesse sentido, indagamos: como a escola, professores e pais podem fazer para incentivar bons hábitos orais?

A saúde bucal deve ser vista com seriedade desde os primeiros anos da vida da criança. Os pais e professores precisam de incentivar bons hábitos orais desde a infância. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2023), a saúde bucal dos adultos é influenciada por hábitos adquiridos na idade que corresponde à infância, e a responsabilidade para que isso ocorra é, em maior grau, da escola, pois as famílias, muitas vezes por não viverem essas experiências, também precisam de ser educadas. Isso inclui ter acesso a materiais educativos sobre a saúde bucal, limpeza dental após as refeições, diretrizes para escovação e uso correto do fio dental, além de motivação e conscientização sobre dieta saudável e doenças bucais, o que está muito bem colocado nos Manuais de Saúde Bucal Ilustrados Bilíngues Apinayé e Krahô anexos à Tese. Estas são medidas

simples que promovem o conhecimento dos estudantes, levando-os a adotar hábitos mais saudáveis e melhorar a saúde bucal e, conseqüentemente, melhor a qualidade de vida.

5.3. As “Contribuições dos Termos e das Expressões da Odontologia para uma Educação Bilíngue e Intercultural Indígena Apinayé e Krahô”

Afinal, quais são as contribuições que a “Termos e Expressões da Odontologia” podem elencar para uma “Educação Bilíngue e Intercultural Indígena e em Saúde Bucal” nas escolas Apinayé Mãtyk e Tekator e Krahô 19 de Abril? Tendo como base a pesquisa, seus procedimentos, discussão e análise dos dados gerados *in loco*, e seus resultados apresentados em “**dois Glossários e dois Manuais de Saúde Bucal Bilíngues e Ilustrados**”, um para cada povo, as contribuições podem assim serem elencadas:

A) A importância da “Saúde Bucal para Educação Escolar”

Os resultados da pesquisa demonstram o passo-a-passo para bons hábitos de higiene bucal, escovação e uso correto do fio dental, com apresentação em desenhos e tradução para suas línguas maternas, realizados pelos próprios indígenas, sendo estes os protagonistas dessa educação que, se requer, seja bilíngue e intercultural. Segundo Silva, Albuquerque e Almeida (2023), a manutenção de uma boa saúde oral é vital para o bem-estar geral das pessoas, quando a cultura e a língua assumem papel crucial, notadamente quando se efetiva num contexto que também é bilíngue e intercultural. Nesse sentido, o hábito de escovar os dentes e usar fio dental adequadamente é primordial, conforme consta nos manuais que apresentamos. Ademais, a saúde oral deve fazer parte da rotina em todas as faixas etárias, desde a infância, quando a escola assume também seu protagonismo.

B) A importância da “Saúde Bucal para a Saúde Geral”

Conforme os alunos adquiriram hábitos saudáveis desde cedo, eles vão desfrutar de melhor saúde oral até a idade adulta. É importante que eles sejam ensinados sobre a melhor forma de usar o fio dental e como escovar os dentes adequadamente. Por exemplo, é necessário passar o fio dental abaixo da linha da gengiva para remover as bactérias e placa que podem causar problemas de saúde bucal. Além disso, é importante escovar bem os dentes para que os alimentos não fiquem entre eles. Tudo isso consta tanto nos manuais quanto nos glossários. Além disso, é importante que os professores ensinem aos alunos a importância da alimentação, destacando os riscos do açúcar em excesso e de alimentos gordurosos, pois eles são responsáveis por causar cáries e outros problemas de saúde.

Para auxiliar os alunos, os professores podem incentivar a escovação, utilizando o manual que produzimos, o qual traz orientações no sentido de trocar suas escovas de dentes regularmente e da importância de escovar os dentes após cada refeição e antes de dormir. Segundo Braga (2023), com uma rotina de hábitos saudáveis de saúde bucal é possível prevenir doenças como cáries, mau hálito e outros problemas atrelados à higiene bucal. Ademais, ensinar aos alunos sobre a importância de visitas regulares ao dentista uma vez por ano, é importante para garantir que tudo esteja bem com a saúde de seus dentes. Por fim, lembrar da importância do fio dental e de uma escovação adequada é também papel da educação escolar. Aqui é bom lembrar a importância do programa de saúde pública do Governo Federal “Brasil Sorridente”⁵¹.

C) Alimentos que favorecem a saúde bucal

Uma dieta adequada com alimentos ricos em nutrientes e que são bons para a saúde bucal, como frutas, vegetais, laticínios, grãos integrais e alimentos com ômega-3, é igualmente importante para evitar problemas de saúde bucal. Segundo Braga (2023), os alunos devem ser ensinados para evitar alimentos com alto teor de açúcar e muito gordurosos. Portanto, é importante que a escola coloque em seu currículo conteúdos que ajudem os alunos a escolherem quais alimentos são bons para a saúde bucal, e os incorporem às suas dietas diárias. Com isso é possível ter uma melhor saúde bucal na escola e em suas casas, prevenindo problemas futuros.

D) Dicas de saúde bucal⁵²

“Os nossos pais devem cuidar de nossos dentes assim que eles aparecerem em nossa boca”: “*Quê mê pa tyrxwajê mê pa xwa tô impej*”.

- 1) Tenha uma alimentação rica em frutas, vegetais e peixes: “*Ca ajopàn xá ampô xô mê tep*”;
- 2) Troque sua escova de dente a cada 90 dias ou depois de uma gripe, para diminuir o risco de nova infecção: “*Hônkên nã pyt kãm né awcapàn kãm ca axwa cuhhô*”;
- 3) Escove os dentes pelo menos três vezes ao dia: “*A xwa tô ihtetet nê cormã gõr*”;

⁵¹ Programa Brasil Sorridente: Gratuito pelo SUS. O Programa Brasil Sorridente 2024 proporciona qualidade e saúde bucal para os brasileiros mais carentes e que precisam de tratamento odontológico 100% gratuito.

⁵² Conforme o Manual de Saúde Bucal Ilustrado Bilíngue Português-Krahô anexo a esta Tese.

- 4) Use o fio dental sempre após as refeições e antes de dormir: “*Ca apá ne axwa cuhhô*”;
- 5) Após as refeições, limpar a língua com a própria escova assim eliminará o mau hálito: “*Ca apá ne axwa cuhhô*”;
- 6) Visite o Dentista para ele ajudar você a cuidar dos seus dentes: “*Mê wa tõe impej catê amã axwa rompu*”.

Dieta: *Ampô ca krê*⁵³

“Dieta é o que comemos todos os dias. A dieta que nos deixa saudáveis e fortes é a que tem muita fruta, arroz, castanha, verdura e peixe. Quando comemos esses alimentos salivamos mais, e a saliva ajuda a deixar a boca mais limpa. Já os alimentos que têm muito açúcar (refrigerantes, doces e chocolates) fazem mal aos dentes. Evite alimentos açucarados e industrializados!”: “*Ampô johqêat mã krî kâm ame cuku, pam cupê pin ampô xô itajê mã ame pá xua tô ihkên*”.

Fig. 151. *Ampô ca krê*

CERTO



ERRADO



Fonte: Silva, Milhomem e Sousa (2020, p. 97).

⁵³ Conforme o Manual de Saúde Bucal Ilustrado Bilíngue Português-Krahô anexo a essa Tese.

Dieta: *Mẽo*⁵⁴

“Dieta é o que comemos todos os dias. A dieta que nos deixa saudáveis e fortes é a que tem muita fruta, arroz, castanha, verdura e peixe. Quando comemos esses alimentos salivamos mais, e a saliva ajuda a deixar a boca mais limpa. Já os alimentos que têm muito açúcar (refrigerantes, doces e chocolates) fazem mal aos dentes. Evite alimentos açucarados e industrializados!”: *“Apkahti mẽ na pu tem apkur, mẽõ mex na te mẽ pa to hityx, na pĩxô nẽ harôj nẽ pĩ xô nẽ pĩ hô nẽ tep. Na pu tem mẽ mẽõ ja kur nẽ pa janhgô rũm nẽ mẽ pajanhgô ja na te haxwỳj mẽ pajakwa ho mex. No hãmri mẽõ kamã asukre na te mẽ pa xwaja ho kre nhũm omnuj nẽ”*.

E) Roteiro de Saúde Bucal: *Tanhmã mẽ hakwa ho mex kaxyw harẽnh kute*⁵⁵

“Os nossos pais devem cuidar de nossos dentes assim que eles aparecerem em nossa boca”: *“Mẽ panhĩpêrxà nẽ mẽ pakatorxà na htem mẽ pa xwa hapôx kaupê tãm ri mẽ pa xwa ho mex to”*.

- 1) Tenha uma alimentação rica em frutas, vegetais e peixes: *“Nẽ axàpkur xà mex ja koja ãm pĩxô nẽ pihô nẽ tep”*;
- 2) Troque sua escova de dente a cada 90 dias ou depois de uma gripe, para diminuir o risco de nova infecção: *“Iskôwre ja koja hã anhĩgrô pé 90 rỳ haka hãmri ka ho anhĩpa kê tãm ajakwa kamã tanhmã ri mẽ à kute hapôx kêt nẽ”*;
- 3) Escove os dentes pelo menos três vezes ao dia: *“Kê ka apkati mẽ axwa ta kahôj ta ho axkrutnẽpxi”*;
- 4) Use o fio dental sempre após as refeições e antes de dormir: *“Mẽwa grã rênh xà kaj axàpkur par nẽ ho axwa grã kwỳ”*;
- 5) Após as refeições, limpar a língua com a própria escova assim eliminará o mau hálito: *“Axàpkur pa nẽ iskôwre ho anhô to pō axwa kro pumaj”*;
- 6) Visite o Dentista para ele ajudar você a cuidar dos seus dentes: *“Kê ka mã mẽwa pumunh xwỳnh wỳr mra kê amã axwa pumunh mex rãhã kê krĩnhpêm mex kaxyw”*.

É importante reiterar que a escrita da Tese, em sua estrutura sequencial, situa-se nas orientações metodológicas da etnossociolinguística e suas contribuições para escrita de teses e dissertações (Almeida et al 2023B), quando os dados são apresentados em

⁵⁴ Conforme Manual de Saúde Bucal Ilustrado Bilíngue Português-Apinayé anexo a essa Tese.

⁵⁵ Idem.

diferentes momentos do texto, e não necessariamente em um momento exclusivo, ou seja, um capítulo próprio par isso.

Com efeito, com as pesquisas realizadas nas aldeias Apinayé São José e Mariazinha, escolas Mâtyk e Tekator e Krahô Manoel Alves Pequeno, escola 19 de Abril, conseguimos responder as perguntas, alcançar os objetivos e comprovar nossas asserções. Nesse sentido, e para efeito de uma compreensão efetiva, retomamos o que já delineamos anteriormente trazendo pergunta, objetivo e asserção, acompanhados dos resultados, conforme segue:

Pergunta principal: Como a Linguagem Tecnocientífica usual na odontologia pode contribuir para uma Educação Escolar Indígena Bilíngue e Intercultural?

Resposta: A Linguagem Tecnocientífica usual na odontologia pode contribuir para uma Educação Escolar Indígena Bilíngue e Intercultural a partir do momento em que se estuda, interdisciplinarmente, essa categoria como algo que faz parte do cotidiano da vida das comunidades indígenas, considerando o contexto no qual se inserem, que é bilíngue e intercultural evidenciado na situação de contato com a sociedade não indígena, bem como da educação escolar que é ofertada nas escolas de suas aldeias.

Objetivo primário: Evidenciar, demonstrar e comprovar que a Linguagem Tecnocientífica usual na odontologia tem notáveis contribuições para uma Educação Escolar Indígena Bilíngue e Intercultural.

Resposta: A partir dos procedimentos metodológicos da pesquisa na perspectiva etnográfica, foi possível alcançar o objetivo elencado, quando evidenciamos, demonstramos e comprovamos, que a Linguagem Tecnocientífica usual na odontologia contribui para uma Educação Escolar Indígena Bilíngue e Intercultural. Tais constatações foram possíveis quando, com a colaboração irrestrita das comunidades indígenas, seu corpo educativo e lideranças, acolheram nossa proposta para realizar uma pesquisa em seus domínios sociais, notadamente as escolas instaladas em suas aldeias. A interação pesquisadora e indígenas foi crucial para alcançar nossos objetivos.

Asserção geral: Os termos e expressões da odontologia contribuem para uma educação escolar indígena bilíngue e intercultural e também para uma saúde bucal.

Resposta: A afirmação propositiva foi comprovada, pois conseguimos defender a Tese que foi justamente provar que: **“OS TERMOS E EXPRESSÕES DA ODONTOLOGIA CONTRIBUEM PARA UMA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA BILÍNGUE E INTERCULTURAL, E TAMBÉM PARA UMA EDUCAÇÃO EM SAÚDE BUCAL”**.

CONCLUSÃO

A emergência de pesquisas que contribuam com a questão da educação e a saúde bucal para as populações indígenas brasileiras é uma realidade que buscamos contemplar em nossa Tese de doutoramento. O trabalho se iniciou ainda em 2021 quando apresentei⁵⁶ uma proposta de pesquisa ao Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura (PPGLIT) da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). O desafio primeiro foi escrever um projeto que estivesse dentro de uma das linhas de pesquisa e, feito isso, resolvi me inscrever na cota para pessoas com deficiência auditiva, já que o edital me dava essa opção. As etapas que se seguiram foram pontuais, e assim ingressei na Linha de Pesquisa 1, Educação indígena, Educação escolar bilíngue e intercultural.

O segundo desafio, que sucede ao primeiro, foi a submissão, e consequentemente, apreciação e aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP), tendo sua aceitação conforme CAAE 52697521000008408 e PARECER CONSUBSTANCIADO Nº 56022823. Assim posto, iniciei o processo de organização do corpus, instrumentos de geração de dados e cronograma de visitas às aldeias nas quais seriam realizadas a pesquisa, São José e Mariazinha, dos Apinayé, e Manoel Alves Pequeno, dos Krahô, e suas respectivas escolas Mãtyk, Tekator e 19 de Abril. Isso porque, sendo a pesquisa uma etnografia colaborativa e participante, dentro do que estabelece a pesquisa na perspectiva etnográfica, precisei de contatar professores e lideranças para, após anuência da Funai e a assinatura dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLEs), me instalar nas escolas, o que requereu diversas idas às aldeias, sempre com a aquiescência das comunidades.

A recepção e aceitação de nossa presença, minha junto aos meus orientadores, foi imediata e o acolhida belíssima, quando aprendemos que os indígenas e suas singularidades culturais, linguísticas e cosmológicas, se apresentam como pessoas extraordinariamente acolhedoras, numa dinâmica que eu pouco conhecia. Tudo isso foi muito pertinente para o resultado da pesquisa, a qual estava sendo realizada com Eles, para Eles e por Eles, o que muito nos alegrou, numa reciprocidade efetivada com respeito, responsabilidade e cuidado com os “Nosso Outros”, numa relação de alteridade plena.

Nesse sentido, os resultados não poderiam ser melhores. Além de estreitar nossos laços afetivos e fraternos, a convivência com os Apinayé e os Krahô, suas disponibilidades, interesses e entusiasmos com a pesquisa nos constrangeu. Afinal, os favorecidos imediatos

⁵⁶ A escolha da primeira pessoa do verbo deve-se ao fato de que, nesse momento da escrita, é importante individualizar, pois aqui não contei com a contribuição de nenhum outro ator.

seríamos nós, pois eles não sabiam ainda da nossa intenção em contribuir com a educação tanto escolar quanto em saúde bucal. O entusiasmo se estendeu durante todas as nossas idas às escolas, quando professores, lideranças e estudantes se sentiam parte integrante do trabalho. As crianças realizando atividades lúdicas, com músicas e desenhos para colorir, tudo na temática da aquisição do bilinguismo e da saúde bucal, despertou um interesse coletivo.

Com efeito, ao longo do texto promovemos um diálogo franco com uma frente teórica das mais representativas, buscando subsídios para validar os dados que foram descritos e analisados à luz das teorias da etnossociolinguística, que compreende os indígenas em suas complexidades culturais e linguísticas (etnolinguísticas), em nosso caso, a Tese, numa simbiose repleta de sentidos e significâncias. Sendo assim, a análise revela o funcionamento da linguagem, no qual o sujeito se constitui pela interpretação que faz, assumindo seu lugar de fala, fazendo valer sua representatividade.

Nesse sentido, foi possível não somente responder às perguntas norteadoras, alcançar os objetivos e ratificar as asserções, mas também organizar dois glossários e dois manuais de saúde bucal ilustrados e bilíngues, como produtos da Tese. Aqui todo crédito é concedido aos indígenas que, com altruísmo, seguiram nossas instruções, fizeram as traduções da língua portuguesa para a língua indígena, criando novas palavras quando não identificavam em seu repertório o que se pedia. Além disso, demonstraram toda sua competência artística ao produzir desenhos para cada palavra, num trabalho que será perpetuado no âmbito da Educação Indígena Bilíngue e Intercultural, bem como o cuidado com a saúde bucal. Nossa pretensão é que essa Tese e seus produtos sejam úteis para as comunidades Apinayé e Krahô, não somente como aporte pedagógico na escola, mas, também, para que as famílias tenham em mãos um artefato que ajude na condução de uma higiene e saúde bucal que fará diferença na vida de todos, estendendo-se para as demais escolas e suas aldeias.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, F. E. **Gramática pedagógica da língua Apinajé** / Francisco Edviges Albuquerque, (coord.). – Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2011. 140 p. Disponível: <http://www.laliuft.edu.br>. Acesso em: 14-fev-2021.

ALBUQUERQUE, Francisco Edviges. **Contribuição da Fonologia ao Processo de Educação Indígena Apinayé**. Tese de Doutorado. UFF – Universidade Federal Fluminense. Niterói: 2007.

ALBUQUERQUE, Francisco Edviges. **Contato dos Apinayé de Riachinho e Bonito com o Português: Aspectos da Situação Sociolinguística**. Dissertação de Mestrado. UFG - Universidade Federal de Goiás. Goiânia: 1999.

ALBUQUERQUE, Francisco Edviges. (Org.). **Dicionário Escolar Apinayé**. Francisco Edviges Albuquerque – Belo Horizonte-MG, Editora da Faculdade de Letras-UFG, 80 p, 2012.

ALBUQUERQUE, Francisco Edviges.; YAHÉ KRAHÔ, Renato (Orgs.). **Gramática Pedagógica Krahô**. Campinas/SP: Pontes Editores, 2016, 163p.

ALMEIDA, Severina Alves de SISSI; ALBUQUERQUE, Francisco Edviges; SILVA, Denise Mota; MUNIZ, Simara de Sousa. Ecossistemas Linguísticos Apinayé e Krahô: Um Estudo na Perspectiva da Ecolinguística. In: ALBUQUERQUE, et. all: **Linguagem e Sociedade: Povos Indígenas da Amazônia**. Pontes editora, Campinas: 2023. Pp.15-32.

ALMEIDA, Severina Alves De. **Etnossociolinguística e Letramentos: Contribuições Para Um Currículo Bilíngue e Intercultural Indígena Apinajé** / Severina Alves de Almeida; Tese de Doutorado. Orientador Rosineide Magalhães De Sousa. -- Brasília, 2015. 358 p. Disponível: www.unb.br. Acesso: 12-jan-2021.

ALMEIDA, Severina Alves de. **A Educação Escolar Apinayé de São José e Mariázinha: um estudo sociolinguístico**. Goiânia: Ed. PUC Goiás, 2012.

ALMEIDA, Severina Alves de.; SOUSA, Rosineide Magalhães de.; SILVA, Denyse Mota da.; MUNIZ, Simara de Sousa. Da Tipologia ao Gênero Textual: A Etnossociolinguística e Suas Contribuições Para Escrita de Teses e Dissertações. In: **Arte e cultura: desenvolvimento intelectual e cognitivo 2** / Organizador Ezequiel Martins Ferreira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2023B. Formato: PDF. Disponível: www.atenaeditora.com.br. Acesso em: 04-jul-2024.

ALMEIDA, S. A.; SOUZA, R. M.; SILVA, D. M.; MUNIZ, S. S. From Typology to Textual Genre: Ethnosociolinguistics and its Contributions for Writing Theses and Dissertation. **Arts, Linguistics, Literature and Language Research Journal**. v. 3, n. 3, Págs. 1-9. 2023a. ISSN 2764-1929. DOI 10.22533/at.ed.929332330033. Disponível: <https://atenaeditora.com.br>. Acesso em: 02-jan-2024.

ARANTES, Rui., SANTOS, Ricardo Ventura., FRAZÃO, Paulo. Diferenciais de cárie dentária entre os índios Xavante de Mato Grosso, Brasil. **Rev Bras Epidemiol**. 2010; 13(2): 1-13. Disponível: <https://www.scielo.br>. Acesso em: 24-fev-2024.

ARAUJO, Marcilene de Assis Alves. **Eventos de Interação nos Rituais Krahô (Jê):** Contribuições para o Ensino Bilíngue na Aldeia Manoel Alves Pequeno. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Tocantins. UFT. 2015. Disponível: <http://www.uft.edu.br/lali>. Acesso 31-jul-2020.

ARAUJO, Gustavo Cunha de.; SANTOS, Gracilene dos. Práticas de letramento na sala multifuncional da Escola Estadual Indígena Tekator, Aldeia Mariazinha, Tocantinópolis (TO). **Revista Eletrônica Pesquiseduca**. Revista do Programa de Educação - Universidade Católica de Santos. ISSN: 2177-1626. 2021. Disponível: <https://periodicos.unisantos.br/article> > Acesso em: 30-jul-2024.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. **Falares Nordestinos: Aspectos Socioculturais**. Disponível: periodicos.ufpb.br. 1999. Acesso: 04-fev-2024.

BALDUS, Herbert. **Ensaio de Etnologia Brasileira**. Prefácio de Affonso de E. Taunay, da Academia Brasileira de Letras. Ed. Ilustrada. Companhia Editora Nacional. São Paulo - Rio de Janeiro – Recife. 1937. Disponível: <https://bdor.sibi.ufrj.br/handle/doc/183>. Acesso em: 29-jun-2024.

BRAGA, Kelly. **A importância da saúde bucal na escola: Por que os alunos precisam de um bom hábito oral!** 2023. Disponível: <https://www.qualisafeseguros.com.br/blog/importancia-saude-bucal-na-escola>. Acesso em: 25-fev-2025.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96**. São Paulo: SINPRO, 1996.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Manual de Sociolinguística**. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Pesquisa Participante**. São Paulo: Cortez, 1982.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira | Inep. **MEC e Inep divulgam resultados do Censo Escolar 2023**. Disponível: <https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/censo-escolar/mec-e-inep-divulgam-resultados-do-censo-escolar-2023>. Acesso em: 25-fev-2025.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE). Censo 2022: metade da população indígena no país tem menos de 25 anos. Disponível: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/39932-noticia-censo-22-indigena>. Acesso em: 30-jun-2024.

BRASIL. Fundação Nacional do Índio, FUNAI. Dados do Censo 2022 revelam que o Brasil tem 1,7 milhão de indígenas. 2023. Disponível: <https://www.gov.br/funai/pt-br/assuntos/noticias/2023/dados-do-censo-2022-revelam-que-o-brasil-tem-1-7-milhao-de-indigenas>. Acesso em: 01-jul-2024.

BRASIL. **Decreto nº 90.960, de 14 de Fevereiro de 1985**. Declara de ocupação dos silvícolas, área de terras nos municípios de Tocantinópolis e Itaguatins, no Estado de

Goiás, e dá outras providências. Disponível: <http://www.lexml.gov.br/>. Acesso: 15-jan-2011.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil. 1988.** Versão on-line. Disponível: www.planalto.gov.br/ccivil.../Acesso: 03- abr-2011. 12:20h.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Saúde Bucal em Comunidades Indígenas: Relatório Anual.** Brasília: Ministério da Saúde, 2020.

BUSSMANN, Hadum. **Dicionário de Terminologia Linguística.** 2. ed. rev. e ampl. Stuttgart: Harri Deutsch, 2008. p. 673.

BUTLER, Judith. **A vida psíquica do poder: teorias da sujeição/;** tradução Rogério. Bettoni. 1ª. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. Disponível: Moodle USP. https://edisciplinas.usp.br/mod_resource/content/1/contentPDF. Acesso em: 29-jun-2024.

CAMPOS, Elisângela de Jesus. **Expressões usuais em odontologia** / Elisângela de Jesus Campos, Roberto Paulo Correia de Araújo. (Org) - Salvador: EDUFBA, 2009. V. 2 ISBN 978-85-232-0598-0. Disponível: <https://repositorio.ufba.br>. Acesso em: 18-fev-2021.

CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO. **Violência contra os povos indígenas no Brasil** – 2016. Relatório. Brasília: CIMI, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3If9Qup>. Acesso em: 03-jul-2024.

COSTA, Elisa Augusta Lopes.; ALBUQUERQUE, Francisco Edviges. Corrida de Toras: Jogo didático para um ensino intercultural. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 22, n. 1, p. 220-238, jan./mar. 2019. Disponível: <https://periodicos.ufpel.edu.br> > Acesso em: 03-ago-2024.

COUTO, Elza Kioko Nakayama Nenoki do; COUTO, Hildo Honório do. Ecolinguística, Linguística Ecológica e Análise do Discurso Ecológica (ADE). **Signótica**, Goiânia, v. 28, n. 2, p. 381-404, jul./dez. 2016. Acesso em: 08-jul-2024.

COUTO, Hildo Honório do. Ecolinguística. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, 10 (1), 2009. Disponível: <https://periodicos.unb.br/index.php/lesv>. 10 n. 1 (2009). Acesso em: 13-jul-2024.

DAMATTA, Roberto. **Um mundo dividido: a estrutura social dos índios Apinayé.** Petrópolis: Ed. Vozes, 1976.

DSEI. **Relatório Situacional do Distrito Sanitário Especial de Saúde Indígena Tocantins.** 2025. Disponível: <https://www.gov.br/saude/pt-br/acesso-a-informacao/participacao-social>. Acesso em: 25-mai-2025.

DIAS, Cláudia Augusto. Terminologia: conceitos e aplicações. **Ci. Inf., Brasília**, v. 29, n. 1, p. 90-92, jan./abr. 2000. Disponível: <https://www.scielo.br>. Acesso em: 15-fev-2025.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Aspectos de Etnolinguística – a Toponímia Carioca e Paulistana – contrastes e confrontos. Seção Textos – **Toponímia**, nº 56 p. 180-191, dez./2002-fev./2003. Disponível: www.usp.br/revistausp. Acesso: 20-fev-2024.

ERICKSON, Frederick. What makes school ethnography ethnographic? **Anthropology & Education Quarterly**, volume 15, 1984.

ESPÍNDOLA, Karoline. **Variantes lexicais de manco e pernetá no nordeste do Brasil – contribuições do ALiB**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas. 2019. Disponível: [/https://alib.ufba.br/sites/alib.ufba.br/files/tcc_-_karoline_espindola.pdf](https://alib.ufba.br/sites/alib.ufba.br/files/tcc_-_karoline_espindola.pdf). Acesso em: 25-fev-2025.

FAULSTICH, E. Aspectos de terminologia geral e terminologia variacionista. **TRADTERM**, 7, 2001, p. 11-40. Disponível: <https://revistas.usp.br/tradterm/article/view/49140>. Acesso em: 04-jul-2025.

FILHO, Pedro Alves., SANTOS, Ricardo Ventura., VETTORE, Mario Vianna. Desigualdades socioambientais na ocorrência de cárie dentária na população indígena no Brasil: evidências entre 2000 e 2007. **Revista Brasileira de Epidemiologia**. 2013; 16(3): 692-704. Disponível: <https://www.scielo.br/>. Acesso em: 25-fev-2025.

FRANCO, Thiago. Aldeia digital. O protagonismo ameríndio nas redes, a partir da experiência Krahô. **Razon y Palabra**. ISSN: 1605 -4806. VOL 24 N° 111 Mayo - Agosto 2021 Monográfico pp. 33-46. Disponível: <https://www.revistarazonypalabra.org> acesso em: 02-jul-2024.

FREITAS, Edvaldo Bezerra de. Ser ou não Ser Mehin. A Etno-história Krahô. **Proj. Hist.** São Paulo (23) 2001. Disponível: <https://revistas.pucsp.br>. Acesso em: 14-out-2019.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa** / [organizado por] Tatiana Engel Gerhardt e Denise Tolfo Silveira. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível: <https://www.ufrgs.br> >. Acesso em: 29-jun-2024.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

GÜNTHER, Hartmut. Pesquisa Qualitativa Versus Pesquisa Quantitativa: Esta É a Questão? Universidade de Brasília. **Psicologia Teoria e Pesquisa**. Acesso 22-Ago-2006, Vol. 22 n. 2, pp. 201-210.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Instituto Antônio Houaiss. Rio de Janeiro, 2001.

LEITE, Francinaldo Freitas; ALBUQUERQUE, Francisco Edviges; ALMEIDA, Severina Alves de Sissi. Saberes Tradicionais Krahô: Contribuições Para Educação Física Indígena Bílingue e Intercultural. **JNT. Facit Business and Technology Journal**. QUALIS B1.

2021. ISSN: 2526-4281. 2021. Dezembro. Dossiê Temático: Educação Indígena. Ed. 32. V. 1. Págs. 96-169. Disponível: <http://revistas.faculdefacit.edu.br>. Acesso em: 17-jan-2023.

LIMA, Antonio Carlos de Souza. Nas trilhas das universidades: os índios no Brasil contemporâneo. In: Luciano-Baniwa, Gersem dos Santos. **O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje** / Gersem dos Santos Luciano – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006. ISBN 978-85-60731-16-9 232 p. – (Coleção Educação para Todos; 12). Material Impresso.

MARCONDES, Izabella Luwerdis. **A Arte do Léxico**. Letras - Língua Portuguesa (Bacharelado). Universidade Federal de Alfenas. 2012. Disponível: <https://www.unifal-mg.edu.br>. Acesso em: 15-fev-2025.

MACIONIS, John J.; GERBER, Linda M. Sociology, Seventh Canadian Edition, Pearson Canada; Larrain, Jorge (1979). **The Concept of Ideology**. London: Hutchinson. Disponível: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Positivismo>. Acesso em: 04-jul-2024.

MAZZOLA, Rafaela. Com 20 milhões de pessoas autodeclaradas indígenas no Estado, Governo do Tocantins trabalha na elaboração de políticas públicas específicas para essa população. **Governo do Tocantins**. Publicado: 09/08/2023 08:24:00 - atualizado: 09/08/2023 09:51:14. Disponível: <http://www.palmas.org/tocantinsindios.htm>. Acesso em: 02-jul-2024.

MELATTI, Julio César. **Índios do Brasil**. São Paulo: HUCITEC, 1973; 2009.

MELATTI, Julio César. **Quatro séculos de política indigenista: de Nóbrega a Rondon**. Revista de atualidade Indígena. Brasília, v.1, n. 3, p. 39-45. 1972.

MELATTI, Julio César. **Outras Versões de Mitos Craôs Recolhidas por Júlio Cezar Melatti**, de 1962 a 1971, com alguns comentários do mesmo pesquisador. 1995. Disponível em: www.juliomelatti.pro.br/craodados/craomitos.pdf. Acesso em: 20-maio 2018.

MELATTI, Julio César. **O Sistema de Parentesco dos Índios Krahô**. Série Antropologia. Departamento de Antropologia. Instituto de Ciências Sociais. Universidade de Brasília, Brasília, 1973.

MELATTI, Júlio César. **O Messianismo Krahó**. São Paulo: Herder, 1972.

MELO, Jorge Henrique Teotônio de Lima. **Kajre: a vida social de uma machadinha krahô**. Dissertação de Mestrado. UFRN. 2010. Disponível: <https://repositorio.ufrn.br/handle>. Acesso: 02-jul-2024.

MENDONÇA, Adriano David de., et. all. **Terminologia como ciência fundamental à sociedade moderna**. 2011. Universidade Estadual de Goiás UEG. Disponível: https://www.ueg.br/noticia/8703_terminologia_como_ciencia_fundamental_a_sociedade_moderna. Acesso em: 15-fev-2024.

MILLER, George A. WordNet: A Lexical Database for English. **Communications of The Acm.** November 1995/Vol. 38, No. 11 3. Disponível: <https://dl.acm.org/doi/pdf/10.1145/219717.219748>. Acesso em: 15-fev-2024.

MUNIZ, Simara de Sousa. **Bilinguismo Indígena: As Línguas em Situação de Uso nos Domínios Sociais Apinayé e Krahô.** Tese de Doutorado. Orientador: Francisco Edviges Albuquerque e Co-orientadora: Severina Alves de Almeida Sissi. Universidade Federal do Norte do Tocantins UFNT – 2022. Disponível: <https://repositorio.uft.edu.br/handle/11612/5490>. Acesso em: 02-dez-2023.

MURAD, Ramiro. **Termos técnicos da área da odontologia.** Conheça todos! Fonte: Simpatio em Termos Técnicos da Área da Odontologia. Conheça Todos!. Acesso em: 18-fev-2025.

NIMUENDAJU, Curt. **Os Apinayé.** Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Tomo XII Belém: Pará, Brasil 1956. Disponível: <http://etnolinguistica.wikidot.com/biblio:nimuendaju-1983-apinaye>. Acesso em: 04-jul-2024.

OLIVEIRA, T. A., SILVA, R. N., & PEREIRA, L. A. Saúde bucal dos povos indígenas: uma revisão da literatura. **Revista Brasileira de Odontologia**, 76(2), 40-50. 2019. Disponível: <https://revista.aborj.org.br/index.php/rbo>. Acesso em: 24-fev-2025.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Relatório sobre a saúde bucal global.** Genebra: OMS. 2021. Disponível: <https://www.who.int/pt/about>. Acesso em: 24-fev-2025.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Relatório sobre a saúde bucal global.** Genebra: OMS. 2023. Disponível: <https://www.who.int/pt/about>. Acesso em: 24-fev-2025.

PASQUOTTE-VIEIRA, Eliane A. Letramentos Acadêmicos: a aliança entre linguística e etnografia. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, 44 (2): p. 695-710, maio-ago. 2015. Disponível: <https://revistas.gel.org.br/article/download>. PDF. Acesso em: 14-jul-2-24.

PAVEL, Silvia., NOLET Diane. **Handbook of terminology.** Text in English and French on inverted pages. Title on added t. p.: Précis de terminologie. Includes a bibliography, an index and a glossary. Traduzido em português por Enilde Faulstich. Ministro de Obras Públicas e Serviços Governamentais do Canadá 2002 N° de catálogo S53-28/2002 ISBN 0-660-61616-5. PDF. Disponível: <https://linguisticadocumentaria.wordpress.com/wp-content/uploads/2011/03/pavel-terminologia.pdf>. Acesso em: 04-jul-2025.

PEMPXÀ. **Associação União das Aldeias Apinajé-PEMPXÀ.** 2012. Disponível: <https://uniaodasaldeiasapinaje.blogspot.com/2012/11/1-oficina-de-artesanato-e-saberes.html>. Acesso em: 15-jul-2024.

RIBEIRO, Darcy. **Os índios e a Civilização.** São Paulo: Editora Global [(1985)2017].

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro: A formação e o sentido do Brasil.** Companhia das Letras – 1995. São Paulo. Segunda edição.

RIBEIRO, Darcy. **Índios do Brasil 1** / Secretaria de Educação a Distância, Secretaria de Educação Fundamental. - Reimpressão. Brasília MEC, SEED SEF, 2001. Disponível: <https://www.livrosgratis.com.br/ler-livro-online-76384/indios-no-brasil-1-colecao-cadernos-da-tv-escola>. Acesso em: 26-mar-2022.

ROCHA, Celso Fernando. A elaboração de um glossário bilíngue da área de comércio tendo como subsídio a Linguística de Corpus. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, 40 (2): p. 1133-1144, mai-ago 2011. Disponível: <https://revistas.gel.org.br> > acesso em: 04-jul-2024.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. **Línguas Brasileiras**: para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Loyola, 1986.

ROSA, M.; OREY, D. C. O campo de pesquisa em etnomodelagem: as abordagensêmica, ética e dialética. Universidade Federal de Ouro Preto. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 38, n. 04, p. 865-879, out./dez. 2012. Disponível: <https://www.scielo.br/j/ep/a/vBd7FrRfsd7fFTpW9NLNpCk/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 10-mai-2021.

SAVEDRA, Mônica Maria Guimarães; CHRISTINO, Beatriz; SPINASSÉ, Karen Pupp; ARAUJO, Silvana Silva de Farias. Estudos em Sociolinguística de Contato no Brasil: a diversidade etnolinguística em debate. **Cadernos de Linguística**, 2021, v. 2, n. 1, p. 01-28. Disponível: <https://cadernos.abralin.org> > article > download. Acesso em: 13/jul/2024.

SILVA, Livia Elza Lima da.; MILHOMEM, Cristiane Nogueira Rodrigues.; SOUSA Jane Guimarães. Manual de Higienização Bucal e de Próteses Odontológicas para a Comunidade Indígena Krahô. **JNT-Business And Technology Journal**. ISSN: 2526-4281 Qualis B1. 2020. Outubro - Ed. 19. Vol. 1. Págs. 70-99. Disponível: <https://revistas.faculdefacit.edu.br/index.php/JNT/index>. Acesso em: 11-ago-2024.

SILVA, Roberta Herter da.; KUHN-JÚNIOR, Norberto. Diferença Cultural e os Mbyá-Guarani da Aldeia Yakã Jú de Santo Ângelo/RS: Uma Abordagem a Partir da Teoria da Fricção Interétnica. **Salão do Conhecimento**. Unijuí Disponível: <https://www.publicacoeseventos.unijui.edu.br> > do...PDF. Acesso em: 14-ago-2024.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. Pesquisa Científica. In: **Métodos de pesquisa** / [organizado por] Tatiana Engel Gerhardt e Denise Tolfo Silveira; coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível: www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf. Acesso em: 17-jan-2024.

SOUZA, F. A. F. Atabiachin de Marca Maior: desencontros entre o ético e o êmico. **Educação E (Trans)formação**, 4(1), 53–67. 2019. Disponível: <https://www.journals.ufrpe.br/index.php/educacaoetransformacao/article/view/2276>. Acesso em: 01-jan-2025.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2011.

TUXI, Patricia.; FELTEN, Eduardo. Terminologia, Terminografia e Línguas de Sinais: Novos Rumos Linguísticos. **Revista CORALINA**. Cidade de Goiás, vol. 1, n. 1, p. 123-139, fev./2019. Disponível: <https://www.revista.ueg.br › article › view> PDF. 2019.

VASCONCELOS, Eduardo Mourão. **Complexidade e pesquisa interdisciplinar: epistemologia e metodologia operativa**. 4ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

VERÍSSIMO APINAJÉ, Antônio. 1ª Oficina de Artesanato e Saberes Tradicionais do Povo Apinajé. **Associação União das Aldeias Apinajé-Pempxà**. 2012. Disponível: <https://uniaodasaldeiasapinaje.blogspot.com/2012/11/1-oficina-de-artesanato-e-saberes.html>. Acesso em: 15-jul-2024.

WERRERIA, Narubia Silva. Secretária dos Povos Originários e Tradicionais do Tocantins. **Governo do Estado do Tocantins**. 2023. Disponível: <http://www.palmas.org/tocantinsindios.htm>. Acesso em: 02-jul-2024.

YAHÉ KRAHÔ; Renato; **PROPOSTA DO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DA ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA 19 DE ABRIL**. 2017. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Ensino de Língua e Literatura – PPGL, da Universidade Federal do Tocantins – UFT, Campus Universitário de Araguaína. 110p. Disponível em: <https://repositorio.uft.edu.br/handle/11612/930>. Acesso em 21 mar.2021.

ZUKER, Fábio. Dividida pela Transamazônica, TI Apinajé ainda aguarda por demarcação de área excluída pela Ditadura. **Infoamazonia**. 2023. Disponível: <https://infoamazonia.org/author/fabio-zuker>. Acesso em: 04-jul-2024.

ANEXO 1: PARECER DA AVALIADORA QUE NÃO ESTEVE PRESENTE E ENVIOU VIA E-MAIL EM PDF



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS:
ENSINO DE LÍNGUA E LITERATURA
 Mestrado e Doutorado
 Câmpus Universitário de Araguaína
 Av. Paraguai, S/N – Setor CIMBA - CEP: 77.824-838
 Fone: (63) 2112-2236 - (63) 2112-2255 – E-mail: pgletras@uft.edu.br
www.uft.edu.br/pgletras

PARECER - DEFESA

TÍTULO DO TRABALHO: *Termos e Expressões da Odontologia e Suas Contribuições para uma Educação Escolar Indígena Bilíngue e Intercultural: Um Estudo Etnolinguístico com os Povos Apinayé e Krahô*

PÓS-GRADUANDO(A): ÂNGELA MARIA SILVA

ORIENTADOR(A): Dr. Francisco Edviges Albuquerque

COORDINADORA: Dra. Severina Alves de Almeida Sissi

CONSIDERAÇÕES E SUGESTÕES SOBRE O TRABALHO CIENTÍFICO:

A Tese "Termos e Expressões da Odontologia e Suas Contribuições para uma Educação Escolar Indígena Bilíngue e Intercultural: Um Estudo Etnolinguístico com os Povos Apinayé e Krahô" estrutura-se na criação de um glossário bilíngue com termos odontológicos, material didático que serve como recurso pedagógico para a educação escolar e saúde indígena. Esse glossário, validado por professores indígenas como Júlio Kamêr Ribeiro Apinayé, não apenas facilita o ensino técnico-científico, mas também reforça a língua materna como veículo de conhecimento. Nas escolas Mătyk, Tekator e 19 de Abril, observou-se que a incorporação de vocabulário específico em Apinayé promoveu maior engajamento dos alunos, conforme registrado em atividades lúdicas (Figs. 07–09, 14–16).

A metodologia utilizada na tese de Ângela Maria Silva é caracterizada por um enfoque etnolinguístico, com base em uma abordagem qualitativa. A pesquisadora interage diretamente com as comunidades indígenas, realizando atividades culturais e educativas, o que é evidenciado na fase de descrição e análise de dados.

A pesquisa abrange ainda aspectos socioculturais, como rituais, organização das aldeias, e práticas educacionais nas escolas Mătyk, Tekator e 19 de Abril. Inclui dados históricos, ambientais e legislativos sobre os direitos indígenas e impactos ambientais nas áreas indígenas.

O referencial teórico da tese é fundamentado em conceitos de cunho etnolinguísticos, interculturalidade e educação bilíngue. A autora explora a relação entre linguagem, cultura e identidade indígena para promover a inclusão educacional. O trabalho reconhece a luta histórica dos povos originários pela preservação de suas línguas e culturas, alinhando-se aos esforços institucionais de inclusão educacional.

A tese oferece ainda contribuições significativas para a área de linguística aplicada à educação indígena. O glossário odontológico bilíngue é uma ferramenta prática para uso em escolas

indígenas ao integrar elementos culturais dos povos Apinayé e Krahô na educação escolar, a pesquisa reforça a importância da interculturalidade.

Impacto Social e Relevância Comunitária na Tese sobre Educação Bilíngue e Intercultural Indígena.

As comunidades Apinayé e Krahô enfrentam pressões externas, como a operação de carvoarias próximas a suas terras [Excerto 06]. A pesquisa não apenas registrou esses problemas (Figs. 38–40), mas também os vinculou à necessidade de políticas educacionais que reforcem a resistência cultural. Por exemplo, o glossário inclui termos como "cascalheira" (mêj)[Fig. 97], contextualizando vocábulos técnicos dentro de realidades locais críticas

A tradução de termos odontológicos para as línguas indígenas tem impacto direto na saúde bucal comunitária. O manual ilustrado (Figs. 91–115), utilizado nas escolas, ensina técnicas de escovação e prevenção de cáries de forma culturalmente adaptada. Nas aldeias Krahô, onde o acesso a dentistas é limitado, esse material tornou-se um recurso para agentes de saúde locais, conforme relatado em atividades práticas (Figs. 101–103).

A abordagem interdisciplinar da pesquisa, unindo linguística, educação e saúde, é exemplificada na seção “Benefícios da Escovação” (Figs. 112–114), que associa termos técnicos a narrativas tradicionais sobre higiene, fortalecendo práticas preventivas.

Sustentabilidade

A produção colaborativa do glossário e do manual, envolvendo universidades, comunidades e órgãos como a FUNAI, estabelece um precedente para projetos similares. A participação da UFNT e da FACIT assegurou que a pesquisa não se limitasse ao âmbito acadêmico, mas gerasse produtos tangíveis (glossários, manuais) replicáveis em outras comunidades indígenas do Tocantins e do Brasil.

Conclusão: Entre a Academia e a Comunidade

O impacto social da tese manifesta-se em três eixos principais: a) preservação linguística, ao evitar a erosão do Apinayé e Krahô frente ao português; Empoderamento educacional, por meio de materiais didáticos culturalmente relevantes; b) a relevância do trabalho é amplificada por seu caráter aplicado, que transforma pesquisa acadêmica em ferramenta de transformação social. Como observado nas palavras da autora: “Aos povos Krahô e Apinayé [...] pela participação de cada processo na construção de pensamentos”, a tese consolida um modelo de cooperação universitária-comunitária essencial para a justiça cognitiva em sociedades pluriculturais.

PARECER (X) APROVADA

Palmas, 26 de março de 2025

Documento assinado digitalmente
 KARYLLEILA DOS SANTOS ANDRADE KLINGER
 Data: 26/03/2025 17:12:16-0300
 Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

KARYLLEILA DOS SANTOS ANDRADE KLINGER